



PUC RIO

MARIA MAGDALENA GONZALEZ DE ANDRADE

**ADOLESCÊNCIA E CONSUMO DROGAS:
UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA**

Dissertação de Mestrado

Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, 27 de novembro de 2001

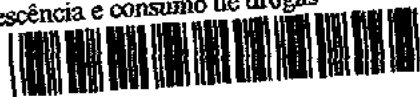
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 A553ad TESE UC
Autor Andrade, Maria Magdalena Gonzalez de
Titulo Adolescência e consumo de drogas



Ex.2 PUC-Rio - PUCB

00216154

114662

MARIA MAGDALENA GONZALEZ DE ANDRADE

**ADOLESCÊNCIA E CONSUMO DE DROGAS:
uma abordagem psicanalítica**

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-RIO, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof^ª Dr^ª Junia de Vilhena

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 2001.

114662



150
A353ad
70 de uc
11.2

FICHA CATALOGRÁFICA

ANDRADE, Maria Magdalena Gonzalez, 1958.

Adolescência e Consumo de Drogas: uma abordagem psicanalítica/Maria Magdalena Gonzalez de Andrade – Rio de Janeiro: PUC – Rio, 2001.

x, 108 p

Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/Departamento de Psicologia.

Departamento de Psicologia.

1. Psicanálise.
2. Adolescência.
3. Drogas.
4. Dissertação (Mestrado – PUC/Deptº Psic).

PALAVRAS-CHAVE

Psicanálise

Adolescência

Drogas

Consumo

Mal-estar

KEY WORDS

Psychoanalysis

Adolescence

Drugs

Consumption

Discontents

DEDICATÓRIA

*Para meu pai, pelo significado de um último presente: as
Obras Completas de Freud.*

Para minha mãe, que sempre ensinou o valor de estudar.

Para Lauro, pelo incansável apoio e carinho.

*Para Patrícia e Adriana, pelo privilégio de conviver com
suas virtudes e ensinamentos.*

AGRADECIMENTOS

À Profª. Drª. Junia de Vilhena, pelos ensinamentos valiosos, pelas inúmeras observações precisas, além da carinhosa acolhida.

À Profª. Drª. Maria Helena Novaes, pela confiança e pela produtiva oportunidade de exercitar a criatividade e a liberdade.

À Profª. Drª. Terezinha Féres-Carneiro, pela atenção, disponibilidade e apoio.

Aos professores do curso de Mestrado da PUC, pelos conhecimentos adquiridos.

Ao Prof. Dr. Luiz Alberto Freitas, pela imprescindível ajuda, pelo constante incentivo e por tudo que aprendi.

Ao Dr. Horus Vital Brazil, pela experiência ímpar.

Aos diretores, coordenadores, professores e alunos da Escola Carolina Patrício, por instigarem o desejo de aprofundar meus conhecimentos sobre a adolescência.

À Profª. Norma Braga, pela ajuda e dedicação.

À Marise e Vera, pela constante ajuda e gentileza.

RESUMO

Este trabalho pretende realizar uma investigação sobre a adolescência e o consumo de drogas à luz da psicanálise. As transformações da adolescência e seus conseqüentes transtornos tornam o jovem fragilizado e vulnerável. Além destes conflitos internos vividos pelo adolescente, é fato que a problemática das drogas encontra-se vinculada ao contexto familiar, em que a relação com as figuras parentais pode ser um fator determinante na drogadicção, se for conturbada e, portanto, insatisfatória. Se pensarmos na inserção do jovem na modernidade, caracterizada pelo culto ao narcisismo e pelo consumo, constatamos que esta realidade circundante apresenta-se favorável à busca da droga como um objeto que dê conta de anestesiar o sentimento de impotência juvenil.

ABSTRACT

This study aims at a research on adolescents and drugs abuse from a psychoanalytical point of view. Changes and consequent disruptions during an individual's adolescence make him/her become fragile and vulnerable. Besides these internal conflicts, drug issues have been proven to be linked to family context, in which child-parent relationship may be a determining factor for drug addiction if the relationship is crowded and, therefore, unsatisfactory. If we consider the adolescent insertion in our present day world, stamped by the worship to narcissism and by abuse, we perceive that this surrounding reality presents itself favorably to the seeking of drugs as a tool that can function as an anesthesia to the adolescent impotence feeling.

SUMÁRIO

Introdução	2
I - Aspectos culturais que favorecem as adições	7
II - Modernidade e consumo	20
1 - Subjetividade e consumo	22
2 - Urgência cíclica do consumo	28
3 - Drogadicção como problemática do sujeito na cultura	33
4 - O espetáculo narcisista e o desamparo inevitável	37
III - Adolescência e drogas	43
1 - Os transtornos na adolescência	48
2 - Separação do objeto primário e capacidade de simbolização	54
3 - O consumo de drogas como tentativa de restaurar a incompletude	60
4 - Função paterna, família e drogadicção	63
5 - Alguns aspectos da função da psicanálise	73
IV - Adolescência vulnerável: Cristiano, Fabrício e Marcela	77
1 - Cristiano	77
2 - Fabrício	82
3 - Marcela	88
Conclusão	94
Referências Bibliográficas	102

Permitam-nos agora, num vôo da imaginação, supor que Roma não é uma habitação humana, mas uma entidade psíquica, com um passado semelhantemente longo e abundante — isto é, uma entidade onde nada do que outrora surgiu desapareceu e onde todas as fases anteriores de desenvolvimento continuam a existir, paralelamente à última. Isso significaria que, em Roma, os palácios dos césares e as Septizonium de Sétimo Severo ainda se estariam erguendo em sua antiga altura sobre o Palatino e que o castelo de Santo Ângelo ainda apresentaria em suas ameias as belas estátuas que o adornavam até a época do cerco pelos godos, e assim por diante. Mais do que isso: no local ocupado pelo Palazzo Caffarelli, mais uma vez se ergueria — sem que o Palazzo tivesse de ser removido — o Templo de Júpiter Capitolino, não apenas em sua última forma, como os romanos do Império o viam, mas também na primitiva, quando apresentava formas etruscas e era ornamentado por antefixas de terracota. Ao mesmo tempo, onde hoje se ergue o Coliseu, poderíamos admirar a desaparecida Casa Dourada, de Nero. (...) E talvez o observador tivesse apenas de mudar a direção do olhar ou a sua posição para invocar uma visão ou a outra (Freud, 1930, *Mal-estar na civilização*, p. 88).

Introdução

Gulosos, ávidos, impacientes, queremos no mínimo a paz, se possível a felicidade, com toda certeza o bem-estar. As coisas parece que brilham mais pela satisfação que nos dão. Por isso as cobiçamos. Olhamos, tocamos, provamos, cheiramos, ouvimos (...) possuímos as coisas (Sissa, G., 1999, O prazer e o mal, p. 7).

Este trabalho pretende realizar um estudo sobre a drogadicção na adolescência contemporânea, tendo como suporte a teoria psicanalítica. Para efetivar tal objetivo, torna-se necessário, inicialmente, um estudo histórico sobre os hábitos adictivos da civilização ocidental, para que, através deste percurso, possamos entender alguns aspectos da influência do processo cultural na drogadicção. Assim, ao se realizar um percurso na história destas sociedades no que diz respeito ao uso de substâncias psicotrópicas, observamos hoje, como produto da evolução histórica, a caracterização de uma cultura de consumo. A questão do *consumismo* na modernidade refere-se a como o ser humano recorre a objetos externos para aliviar o mal-estar no qual se insere, numa realidade altamente competitiva, frustrante e depressora. Esta questão é parte fundamental no encadeamento deste trabalho.

Na relação entre consumo e drogadicção, surge o binômio adolescente-drogadicto como o estandarte, por excelência, do *consumismo*. Portanto, estudar o fenômeno "adolescência" conforme a abrangente abordagem psicanalítica, articulando-o à drogadicção, apresenta-se como uma possível compreensão do mecanismo de funcionamento psíquico do jovem em sua problemática. Diante das especificidades a se observar nesta contingência, é preciso pensar a clínica psicanalítica do adolescente consumidor de drogas com uma atenção diversa do enquadre psicanalítico *stricto sensu*. A psicanálise busca sempre reafirmar seu lugar de constante reformulação, principalmente porque trata de um psiquismo cambiante e particularmente singular. Trata de um sujeito em sua especificidade, que busca o objeto que supostamente sutura a falta e que, no entanto, é sempre inadequado. Na drogadicção, esta

inadequação se traduz no campo fértil que encontra a psicofarmacologia, associada à neurobiologia, para oferecer o *objeto* — a droga — capaz de eliminar a dor que a subjetividade percebe como penosa.

A drogadicção é um fenômeno resultante de questões biopsicossociais. Esta problemática, enquanto conjugação de tais fatores, merece abordagens de diferentes áreas para dar conta de uma complexidade que se apresenta. O sujeito está inserido na cultura, ou melhor, no mal-estar na cultura, lembrando Freud (1930), que sugeriu a tendência, desde sempre, própria ao homem de recorrer a objetos externos para alívio de suas insatisfações. Segundo o autor, estes objetos poderiam ser denominados "substâncias estranhas" (Freud, 1930, p. 96) que, por suposição, eliminariam as dores da existência humana. Porém, tais dores psíquicas são intrínsecas ao sujeito, que está sempre submetido à condição de desamparo. Talvez por não suportarem esta condição, alguns indivíduos buscam pôr fim às suas angústias, utilizando-se dos diversos efeitos produzidos pelo uso de drogas, como se quisessem permanecer na ignorância de si mesmos, anestesiando assim suas dores existenciais ao invés de se disporem ao incômodo de saberem de si próprios. Frente à depressão que assola o sujeito da modernidade, o uso abusivo de drogas pode ser compreendido como um fenômeno da cultura e, como tal, torna-se imprescindível que a psicanálise se ocupe deste sujeito, permitindo que este, em sua singularidade, fale da questão social. Segundo Bucher (1992), a droga assumiu um lugar de "(...) garantia da exploração aventureira de um mundo colorido, contrastando singularmente com as cores cinzentas do modelo competitivo proposto pelo sistema vigente" (p. 28). O sujeito encontra-se perante as demandas pulsionais, tendo que levar em conta a realidade externa que se apresenta com restrições a muitos destes impulsos. A compulsão inerente ao ato de consumir transporta-nos, de imediato, para a questão da busca das drogas como solução para problemas psíquicos. Podemos dizer, então, que o drogadicto é o representante máximo do consumo, pois quer sempre tudo e já, não tolerando a espera. Entretanto, não podemos esquecer de frisar que a sociedade de consumo é uma sociedade angustiada, em que os artefatos produzidos em massa são fantasmáticos, alusivos a um protótipo de objeto ideal, deificado, que supostamente obturaria as falhas humanas. Contudo, o cerne da questão contém outro ponto de relevância. Quem poderia representar mais adequadamente este ato de consumir drogas, que não fosse aquele que faz da onipotência o motivo de sua glória? A resposta cai como luva no adolescente, face à vulnerabilidade imposta por suas

indefinições momentâneas. Podemos observar que existem jovens que experimentam a droga por curiosidade, algumas vezes, e não permanecem no uso; esta parcela de indivíduos é a maior. Outros aderem a um uso mais acentuado, abusando das substâncias psicoativas de forma mais preocupante, como nos casos de drogadicção. Porém, um fato é constante: a grande maioria, senão a totalidade dos jovens, iniciaram o uso de drogas pelas lícitas — o cigarro e o álcool —, para depois ingressarem no uso das ilícitas, como a maconha e a cocaína. Este sujeito, frágil por suas transformações psíquicas e corporais, é o candidato mais acessível ao convite para experimentar os efeitos das drogas. Percebendo-se impotentes, ameaçados por uma sexualidade incipiente, e ainda sem a desejada autonomia, vêem-se, muitas vezes, impulsionados para a busca de saídas rápidas e intensas para suas angústias. O terreno é propício para a experimentação e o risco do uso abusivo.

Facilitar para que o adolescente levante questões sobre suas angústias constitui-se num dos objetivos da clínica psicanalítica, que se pretende distante das promessas de encontro com o ideal de perfeição, tão almejado pelo jovem. Este, talvez, seja um dos mais difíceis impasses da abordagem psicanalítica ao adolescente consumidor de drogas, que busca o retorno ao estado narcísico de completude e que não quer saber da dor, mas ao contrário, anseia pela plenitude e pela onipotência. O trabalho psicanalítico com este público é árduo, pois precisa contar com uma flexibilidade por parte do analista, que necessita promover meios para que o paciente possa transformar suas queixas em questões, implicando-se em seu sintoma, denunciando assim sua responsabilidade junto a seus problemas. Esta é a tarefa do analista, que, apesar de sua complexidade, caracteriza-se como possível.

O drogadicto é singular em sua historicidade e subjetividade, sendo que sua estruturação psíquica pode estar voltada tanto para a neurose e psicose, quanto para a perversão. Entretanto, o drogadicto padece do mal de não se conceber como dependente — a grande maioria, por um tempo, acredita que pode parar de usar a droga quando assim decidir. Pretende-se auto-suficiente, engrandecido em seu narcisismo, o que camufla sua falta de autonomia, pois nem consegue a liberdade de "despregar-se de si próprio" e vincular-se com outros indivíduos. Assim, este sujeito vive um aprisionamento narcísico, escravo da possibilidade de encontrar sua onipotência e soberania. Portanto, parece haver uma dificuldade no drogadicto em viver a independência-dependência adulta, como alguém que não consegue despedir-se do paraíso infantil.

"A dependência da pequena criança transforma a relação com os pais em um modelo privilegiado de dependência: desde então, a angústia de separação nos persegue, acomete-nos por pesadelos, aterroriza nossa vulnerabilidade e insiste pela consciência, humilhante, de precisarmos do outro" (Bucher, R., 1992, p. 303).

O jovem, por sua vez, é ávido pela vida adulta — ser independente —, porém não suporta, muitas vezes, passar pelos transtornos causados pela adolescência. Abdicar da segurança oferecida pela proteção paterna, para enfrentar o desconhecido e as exigências do mundo contemporâneo, pode ser um preço muito alto para um psiquismo vulnerável em essência. Assim, podemos dizer que o jovem está francamente predisposto a abarcar as ofertas da sociedade de consumo, que induz a troca da impotência pela mercadoria mágica.

No primeiro capítulo deste trabalho, *Aspectos culturais que favorecem as adições*, tomando a questão em suas bases, será realizado um percurso através da história social do uso das substâncias psicoativas pela civilizações ocidentais. Isto representa um convite ao leitor para que compreenda historicamente como o processo civilizatório foi abrindo portas que favorecessem as adições, em uma progressão que resultou em significativas mudanças na construção da subjetividade. Este novo sujeito inserido numa sociedade moderna, eminentemente consumista, buscava freneticamente o objeto da felicidade prometido pela era tecnológica, para logo em seguida descartá-lo, partindo então para uma nova busca. Entretanto, veremos que, de acordo com Freud (1930), o incômodo sempre continuará, e os objetos de consumo precisam sempre se renovar para fisgar o consumidor, eterno desejante insatisfeito.

No segundo capítulo, *Modernidade e consumo*, a proposta seria realizar uma articulação entre estes dois temas, para que se compreenda sua estreita relação. No item 1, *Subjetividade e consumo*, serão discutidos a subjetividade do homem pós-moderno, marcado por uma cultura especialmente narcísica, e o consumo. No item 2, *Urgência cíclica do consumo*, a idéia a se reforçar é a de que parece existir uma circularidade, em que o consumidor estaria sempre buscando um novo objeto, mais moderno que o recente anterior, fato que se aproveita da condição humana de eterna insatisfação. O desejo nunca é satisfeito, então, o sujeito da modernidade sempre quer mais e variados objetos, na permanente tentativa de eliminar sua dor existencial. Frente às promessas do mercado descartável do consumo que lança nas vitrines o objeto da felicidade, observa-se que o sujeito vulnerável da atualidade é fisgado por

tais ofertas mirabolantes. No item 3, *Drogadicção como problemática do sujeito na cultura*, será discutido o protótipo desta situação, em que configura-se a drogadicção como maneira rápida de, ilusoriamente, o sujeito ver-se livre de sua fragilidade e desamparo, que, no entanto, são inerentes e inevitáveis. Uma tentativa apressada e milagrosa para a conquista da salvação, buscada por um sujeito em desespero, não leva jamais em conta as limitações do ser humano. Em essência, é enganosa. No item 4, *O espetáculo narcisista e o desamparo inevitável*, será discutido o fato de que *ter* parece se transfigurar no correlato de *ser* no espetáculo narcisista da modernidade, pois, exibindo seus artefatos cobiçados, o sujeito engana-se, seduzindo o outro, pretendendo evitar seu desamparo psíquico.

No terceiro capítulo, *Adolescência e drogas*, será abordado o fenômeno da adolescência, fazendo uma ponte com o uso abusivo de drogas. No item 1, *Transtornos na adolescência*, será discutido que, em seu desenvolvimento, o adolescente sofre perdas e transformações corporais que causam transtornos psíquicos, trazendo uma vulnerabilidade que é característica do jovem. No item 2, *Separação do objeto primário e capacidade de simbolização*, será analisada a separação e a diferenciação do objeto primário, fundamentais na saudável constituição psíquica do indivíduo. Desprender-se da família é um processo complexo, que pressupõe uma estrutura familiar favorável, com relação às figuras parentais e o exercício de suas funções. No item 3, *O consumo de drogas como tentativa de restaurar a incompletude*, será avaliado que, diante de sua fragilidade, o jovem encontra no consumo de drogas a promessa de aplacar suas angústias, conforme a necessidade de imediatez do mundo contemporâneo. No item 4, *Função paterna, família e drogadicção*, serão discutidos elementos que esclarecem a relação entre a função paterna, familiar e a busca de drogas pelo adolescente. Ainda neste capítulo, no item 5, *Alguns aspectos da função da psicanálise*, será feita uma breve discussão sobre a função da psicanálise com adolescentes drogadictos.

Finalmente, no quarto capítulo, *Adolescência vulnerável: Cristiano, Fabrício e Marcela*, serão trabalhados três exemplos de adolescências envolvidas com drogas, em que a abordagem aponta para questões familiares e entorno social, ressaltando-se as singularidades ora apresentadas. O objetivo de tal exemplificação seria apresentar a abordagem psicanalítica como uma prática teorizada em essência, que pode compreender a drogadicção como um sintoma do sujeito da modernidade.

I - Aspectos culturais que favorecem as adicções

Alguns vêem neste frenesim do homem tecnocientífico a querer apaziguar todos os seus males, a preencher todos os seus vazios, um comportamento perfeitamente similar ao do toxicodependente. Ambos enganam, efectivamente, a falta com próteses narcísicas, objetos cujo efeito é rápido e intenso (Morel, A., 1998, Cuidados ao toxicodependente, p. 151).

A palavra *adicção* significa o ato de incorporar, unir ou agregar algo. O indivíduo *adicto* é aquele que apresenta uma tendência em se apegar de maneira dependente, como escravo de algo ou de alguém. Ao desenvolver suas incursões sobre o tema da drogadicção, indo nas origens latinas de nossa língua, Eduardo Kalina (1999) ressaltava que

"A forma *adicto* origina-se no participio passado do verbo *addico* que significa adjudicar ou designar. Este participio é *addictum* e quer dizer o adjudicado ou designado — o oferecido ou oferendado. Nos tempos da República romana, o participio passado *addictum*, empregado como adjetivo, designava o homem que, para pagar uma dívida, convertia-se em escravo por não dispor de outros recursos para cumprir o compromisso contraído" (p. 24).

Por comparação, podemos dizer que aquele que torna-se *adicto* à droga encontra-se aprisionado em seu próprio infortúnio que, como veremos, é resultado de condições psíquicas e sociais.

Segundo Kalina (1999), o homem contemporâneo está atrelado a um estilo de vida no qual aparece "coisificado, anônimo" (p. 102); os valores mudam rapidamente, numa cultura que exalta o poder econômico em detrimento da ética. As rápidas mudanças socioculturais, para muitos indivíduos, não permitem uma assimilação satisfatória de novas formas de subjetivação, o que, inevitavelmente, acentua sobremaneira a condição de desamparo a que o ser humano está submetido. A

ascensão social parece cada vez menos possível, principalmente nos países subdesenvolvidos, assim como a concepção de um individualismo alienado é predominante no mundo desenvolvido economicamente. Vivemos as conseqüências de um mundo moderno, menos preocupado com o sentido humanitário da vida, e mais voltado para um marcante isolamento do sujeito:

"As possibilidades de as pessoas se realizarem nas sociedades ocidentais contemporâneas são cada vez mais reduzidas. No caso dos países subdesenvolvidos, isto acontece pelo fato de que só uma minoria, alienada no poder, detenha os recursos indispensáveis para um desenvolvimento satisfatório. No que se refere às nações bem desenvolvidas, o nível de sofisticação que tem atingido a cultura obriga a uma especialização crescente do saber estritamente individual, coisa que, embora imponha, por um lado, a interdependência profissional e intelectual, condena, por outro, a uma alienação gnoseológica cujas conseqüências se deixam sentir em todas as áreas da atividade do sujeito, assim como na sua concepção do mundo e da significação da vida" (Kalina, 1999, p. 101).

Para uma melhor compreensão deste processo, admitindo a drogadicção como um produto da evolução cultural e como um objeto largamente utilizado pelo homem pós-moderno aprisionado em suas angústias, torna-se importante uma abordagem histórica dos hábitos tóxicos dos indivíduos. Recorrer ao uso de drogas, lícitas ou ilícitas, parece ter sido, desde há muito tempo, uma saída para os males que invadem a existência humana.

Desde as sociedades mais antigas, os sujeitos construíam sua identidade cultural tendo experiências com alguma droga psicoativa. Este uso era efetivamente vinculado aos cultos religiosos, sendo os primeiros elementos sagrados substâncias psicoativas como o *peyote*¹ e o vinho, usados também em festividades, rituais de magia e na medicina. Cabe ressaltar que a palavra grega para droga seja *pharmakon*, e que *pharmakos* significa bode expiatório, ou seja, aquele que purifica os pecados. "Diversos autores não deixaram de reparar no parentesco da palavra *pharmakon* com *pharmakos*, (...) e de realçar esta ubiqüidade da raiz etimológica (...)" (Morel, 1998,

¹ *Boonby*: fungo cujo principal ativo é uma substância alucinógena, a mescolina, fabricada em forma de chá.

pp.145-6). Isto não é mera coincidência e mostra o quanto medicina, religião e magia eram indissociáveis no começo. Segundo o autor,

"(...) não parece que tenha havido alguma sociedade em que os homens não tivessem à sua disposição substâncias que permitiam modificar o humor, as percepções e os estados de consciência. Daquilo que se sabe, também não parece que os usos destas substâncias tenham sido completamente livres, mas que, pelo contrário, foram sempre regulamentadas, através de ritos religiosos, práticas médicas ou ritos sociais" (Morel, A., 1998, p. 40).

Isto nos leva à conclusão de que houve um marco diferencial entre a antiguidade e os tempos de hoje, com relação ao uso de drogas. Se antes havia um uso moderado e regulamentado, atualmente assistimos a um abuso preocupante — hoje temos o poderio da "indústria" mundial da droga. O que mudou? O que ocasionou o inegável percurso de expansão das drogas? Não podemos desvincular destas questões dois fatores importantes: o avanço tecnológico da sociedade de consumo e o avanço da medicina. Ambos podem ser vistos como propulsores do uso de drogas, tornado problema de saúde pública. Obviamente, existem outros fatores — psíquicos, familiares —, que serão abordados posteriormente.

Na antiguidade podemos observar o uso das principais substâncias psicoativas como a morfina, o cânhamo, o tabaco, a cocaína, o álcool. As plantações de *dormideira*, cuja substância psicoativa é a morfina, no sul da Espanha e da Grécia, no Egito e na Mesopotâmia, eram provavelmente as mais antigas do planeta. A primeira notícia escrita sobre esta planta surgiu no ano 3000 a. C., relacionada com o termo que significava gozar. Hieróglifos egípcios mencionavam a utilização do líquido extraído desta planta, o ópio, como analgésico e calmante, em pomadas e por via oral e retal. Conforme ressalta Argemiro Procópio (1999):

"Os sumérios na Mesopotâmia, cinco mil anos antes de Cristo, tratavam de enfermidades com infusões à base de papoula. A *papaver somniferum*, papoula ou dormideira, era conhecida dos faraós. Cultivada em Tebas, no Egito, recebeu o nome de ópio tebaico ou tebaína" (p. 21).

Já o cânhamo parece ter sido originário da China, sendo que restos desta fibra foram encontrados muito remotamente. Um tratado chinês de medicina do século I afirmava que o cânhamo tomado em excesso trazia visões de monstros e possibilitava

a comunicação com espíritos. Muito utilizado também na Índia, acreditava-se que trazia agilidade à mente e potencializava os desejos sexuais. Na medicina esta planta era usada para tratamento oftálmico, febre, insônia, tosse seca e disenteria.

Os estimulantes puros, baseados em drogas como cafeína e cocaína, existem também há muito tempo. O arbusto de coca é originário dos Andes, e desde o século III a. C. existiam esculturas de rostos com a face cheia, como que mascando suas folhas. Por volta do ano 2000 a. C. a cerveja era recomendada como tônico para mulheres em estado de lactância. Posteriormente, as bebidas fermentadas foram proibidas em cerimônias religiosas. É interessante notar que em sânscrito as bebidas alcoólicas eram denominadas *sura*, que significava falsidade, miséria, trevas, talvez em função de seus efeitos.

Na civilização ocidental, verifica-se uma crescente recorrência a drogas. A *polis*, cidade-Estado grega, era habitada por nômades auto-suficientes, que viviam em pequenos grupos rodeados por grandes territórios virgens, e pelo homem-trabalhador das grandes culturas agrícolas e urbanas, ambos os grupos submetidos à arbitrariedade de um "rei-deus" e a rígidos sistemas de castas. Os gregos inauguraram um tipo intermediário de sociedade, onde níveis densos de população eram compatíveis com um escrupuloso respeito pela liberdade individual. Havia uma organização social em que a coletividade dividia interesses comuns, apresentando uma particular preocupação comunitária. Cada indivíduo tinha o interesse de ajudar a *polis*, não simplesmente como um dever, mas como um objetivo em comum.

"A *polis* foi, então, o espaço por excelência da existência grega. Seus criadores a conceberam como uma comunidade de vida, baseada no parentesco real ou presumido; uma espécie de dilatada família que fazia de quase toda a existência uma experiência de intimidade (...) para os gregos a *polis* foi um lugar essencialmente formativo, que educava a mente e o caráter dos cidadãos" (Kalina, 1999, p. 105).

Ali era o lugar das realizações do homem, das aspirações não impossíveis, se compararmos com o que ocorre com o homem das grandes metrópoles de hoje. "Assim, para os gregos, muito mais do que o lugar do trabalho, isto é, da produção, a *polis* foi o âmbito do encontro interpessoal, do diálogo e das celebrações" (Kalina, 1999, p. 105). Como efeito deste processo, a escola hipocrática via a enfermidade e a cura correspondente como processos naturais, negando causas espirituais como a

transferência simbólica do mal de alguma pessoa a outra, rompendo assim com a idéia de bode expiatório. Em vez de utilizar algum *pharmakos*, ou bode, para que absorvesse as impurezas, a nova medicina usaria o *pharmakon*, ou droga adequada, para obter efeitos curativos. Por exemplo, ante a cólera, usava-se um fármaco como o ópio, em vez do sacrifício de jovens para pagar a culpa do povo, procedimento que passou a ser visto como crueldade. As drogas, portanto, passaram a ser substâncias que atuavam esfriando, esquentando, secando, umedecendo, contraindo e relaxando, ou fazendo dormir.

Para fins cerimoniais e lúdicos, os gregos usavam vinho e cerveja, além de uma mistura de extrato de haxixe com vinho para estimular reuniões privadas. Contudo, pareciam atentos ao que hoje chamamos de drogadicção, principalmente em relação ao vinho, que podia arruinar a vida de quem o tomasse em excesso. Observa-se, portanto, as bases de uma preocupação com a individualidade e com os valores morais de uma sociedade que privilegiava a vida comunitária.

A influência grega, no que se refere ao uso das drogas, pode ser observada entre os romanos. Era hábito, no tempo dos césares, fumar flores de cânhamo em reuniões, para provocar o senso de humor. Mas a droga mais usada foi a *domideira* — o ópio. Conforme ilustra Escohotado (1996), Marco Aurélio, seguindo recomendações de seu médico Galeno, iniciava as manhãs com uma porção de ópio, sendo que este uso não provocava problemas de ordem social ou privada. Os romanos eram muito afeitos a beber, mas este costume excluía mulheres e menores de trinta anos. Porém, segundo o autor, parece terem sido associados ao vinho, além de outros fatores, os vários problemas que acometeram a civilização romana com sua conseqüente derrocada.

Apesar da influência da civilização helênica no mundo romano, podemos observar dissidências neste processo, ocorrendo um evidente afastamento do contexto humano que envolvia a *polis*. Numa *urbs*, com uma aglomeração populacional mais intensa, há a subsequente limitação nas relações interpessoais e angústias por um modo de vida empobrecido em transcendência existencial, com perda do significado das tradições do povo. Isto pode explicar tanto a demanda de álcool quanto a necessidade do "espetáculo-evasão", onde o "circo" (Kalina, 1999, p. 107) representava um espaço de fortes emoções que distraía o homem romano de suas dores, procurando expurgar seus males — e o pão enganando a fome dos

desafortunados. Nisto consistia o espetáculo do pão e circo. O circo e seus gladiadores representavam o espetáculo do desprezo romano pelo homem.

"Neste apego ao derramamento de sangue, justamente, achamos um primeiro exemplo do que significa esta submissão coletiva a uma adicção sinistra. A legitimação do crime, a concepção da morte como espetáculo, não é mais do que a forma que adquirem os piores impulsos sádicos de um povo guerreiro (fanático). Acreditamos que há uma íntima correspondência entre o temperamento histórico-social de uma cultura e os seus recursos adictivos, ou seja, o repertório de possibilidades com as quais conta para resolver, artificialmente e de maneira mágico-onipotente (maníaca), suas angústias e frustrações" (Kalina, 1999, p. 107).

Desta forma, assistimos ao decorrer da história de uma civilização enfraquecida em princípios éticos e morais. Imperialista, rígida e pouco preocupada com a comunidade de indivíduos que a constituía, Roma foi invadida por seus inimigos e derrotada. Citando Montesquieu, Kalina (1999) ressalta:

"E acaba dizendo o autor das cartas persas: 'Os gregos tinham jogos nos quais estimulava-se a luta e o espírito de vitória nas competições; os romanos não tinham mais do que espetáculos, especialmente os dos gladiadores.' Esta noção de participação, vigente na concepção esportiva dos gregos e ausente na dos romanos, vai além do plano dos passatempos e atinge os vínculos fundamentais do cidadão com seus próximos e com as instituições. Assim como os gregos participavam das tarefas políticas, os romanos — na sua imensa maioria — limitavam-se a contemplá-las (...)" (pp. 107-8).

Surge o direito romano; perde-se o senso de vida pessoal, comunitária, mais humana, para um modo de vida marcado pela prevalência de um individualismo nascente. Acompanhando o decorrer da história, observamos que, com a queda do Império Romano e a devastação causada pelas invasões bárbaras, a vida volta a se concentrar mais no campo. Neste cenário, a *urbs* perdeu sua importância, e somente após centenas de anos começou-se a reconstituir o que hoje identificamos como *cidade* — reapareceu a vida urbana na Europa por volta do século X, como consequência do crescimento demográfico. Porém, revelou-se aqui um inevitável

embate: conciliar o respeito ao próximo com a necessidade de competição na luta por êxitos e sobrevivência.

O comércio desenvolvido pelos camponeses e artesãos instalou-se como uma atividade de prestígio, necessária aos habitantes que, saindo cada vez mais dos meios rurais, favoreciam a formação de conglomerados que mais tarde constituiriam as cidades. A atividade rural produzia matéria-prima, o que contribuiu para que, nas cidades, se desenvolvessem a manufatura e a atividade comercial propriamente dita. Nesta transição, observamos que a cidade passou a se caracterizar como um centro econômico, sendo configurado o lugar da transação, da troca. O homem, então, passou a ser identificado pelo seu trabalho — sua essência estava definida pela sua atividade produtiva, e os aglomerados urbanos foram tomando-se cada vez mais densos. Parece, portanto, que havia menos espaço para o homem da *polis*, passando a existir uma maior competitividade em detrimento de sua essência humanista.

Na Idade Média, a religião cristã tinha a dor física como referência a Deus. A não ser para o alívio de patologias momentâneas, toda suspensão artificial da dor seria considerada fuga indigna ante misérias, que redimiam o ser humano. Conforme Argemiro Procópio (1999), "os romanos consumiam ópio livremente. Com o cristianismo, ele passou a ser considerado planta infernal, coisa de bruxaria" (p. 21). Toda embriaguez, por exemplo, implicava em culpabilidade. Conseqüentemente, a tradição farmacológica foi prejudicada. O saber pagão, especialmente o relativo a drogas, era considerado contaminado de bruxaria e o conhecimento científico, uma curiosidade malévola. Aqueles que produziam as drogas eram vendidos como escravos ou exterminados e os que se serviam das plantas diabólicas eram traidores da fé cristã. Portanto, usar drogas poderia ser uma heresia, enquanto recomendavam-se as indulgências vendidas pelo clero: óleos santos, águas e velas bentas. Entretanto, as dificuldades e a preocupação com a sobrevivência numa realidade extremamente competitiva eram cada vez mais presentes. Assim foi que surgiram e proliferaram as tabernas, onde os indivíduos desafogavam suas mágoas, não demorando muito a constituírem-se adições alcoólicas em toda a Europa.

Os alquimistas descobriram o álcool; o alambique havia sido inventado no Egito e os árabes aperfeiçoaram o modo de destilar. Mais potente que o vinho, o álcool era utilizado para fazer licores, oferecendo uma embriaguez rápida e profunda, com muito menos líquido e uma gama maior de sabores. Sua fabricação e venda permitiu margens comerciais grandiosas, expandindo-se rapidamente para a China. O poder de

liberar a censura que o álcool sabidamente possui abriu caminho para um desregramento dos costumes que, entre outros fatos, propiciou o alto índice de doenças venéreas tanto na corte como fora dela; isto provocou duras mas passageiras restrições ao uso. O nível de consumo de bebidas teve rapidamente um aumento nunca antes esperado, inclusive no próprio clero, o que nos leva a constatar o surgimento de uma nova e promissora indústria, que cresceria em abundância. O álcool foi sempre largamente aceito nas sociedades, e talvez este seja um dos fatores que amenizem sua marcante presença em todos os tempos:

"É devido à sua integração cultural ancestral no Ocidente que esta toxicodependência é mais bem tolerada socialmente e que suscita tão pouca efervescência quando comparada com as drogas ilícitas" (Morel, 1998, p. 25).

Outro fato importante a se ressaltar, como aponta Escohotado (1996), é que com as cruzadas à Terra Santa os eclesiásticos voltavam entusiasmados com a medicina eficaz dos árabes, que administravam francamente os psicoativos. No final do século XI, o ópio e o cânhamo já eram utilizados por médicos de reis, nobres e eclesiásticos para tratar várias doenças. No século XII já se usavam anestésicos à base de ópio para tratamentos cirúrgicos. Dois séculos depois, quando começou a diminuir a caça às bruxas, o uso do ópio pelos médicos hipocráticos estava bastante difundido. Havia algumas restrições por trazer a morte a algumas pessoas, porém seu uso como anestésico seguiu, difundindo-se largamente em uma Europa sacudida pelas guerras.

Com relação ao Novo Mundo, sabe-se que os índios tinham muitos conhecimentos a respeito de ervas medicinais, tanto que até despertaram a curiosidade dos médicos espanhóis que aqui chegavam. O Novo Mundo era farto em plantas alucinógenas, já sendo utilizados cogumelos, cactos e plantas afins, além de estimulantes. No império inca, usar livremente a coca era privilégio da corte. Muito dinheiro corria em função desta droga, havendo um intenso comércio, até que foi imposta uma cobrança de dízimo pelo clero. Posteriormente ficou estabelecido que mastigar a folha de coca, a não ser para o trabalho, seria uma atividade social não autorizada. Outra planta americana estimulante era o mate — contendo cafeína —, que também foi associado aos bruxos, vindo assim uma ordem do cardeal de Roma exigindo dos jesuítas que extirpassem totalmente esta erva tão daninha à alma e ao corpo. Mas os jesuítas já tinham se ocupado em explorar a droga, que poderia competir com o cacau mexicano e com o café e o chá importados do Oriente. Nunca é demais

frisar que os interesses econômicos é que comandavam as transações e as direções tomadas quanto à exploração das drogas.

Mas a droga mais explorada na América era o tabaco, mascado, fumado ou usado em chás, tanto em cerimônias religiosas e ritos de passagem quanto no cotidiano. A droga conquistou adeptos e tão rapidamente se estendeu à Europa, África e Ásia que a Coroa espanhola decidiu submeter este comércio a um regime de monopólio estatal. Houve tentativas de embargar o uso do tabaco, mas o forte comércio desta droga que inundava o mundo impedia tais medidas.

Com o tempo, a Igreja perde seu poder no velho mundo, com a idéia de autoridade sendo suplantada pelo racionalismo. O desejo monárquico de dominação perpétua verifica-se incompatível com o surgimento do pensamento moderno e democrático. Portanto, as drogas do paganismo puderam emergir com toda a força, amparadas por médicos, boticários e químicos. Passou a ser legitimado o uso farmacológico e lúdico de drogas, tanto quanto o cerimonial, deixando de ser patente que a dor fosse um sacrifício a Deus. Segundo depoimentos médicos em fins do século XIX:

"O médico possuía um meio verdadeiramente maravilhoso de diminuir ou suprimir a dor e não poderia resistir ao pedido do doente que lhe suplicava tratamento, e cedia, por vezes demasiado cedo, ao prazer de providenciar estes verdadeiros milagres. O veneno, obtido facilmente graças a uma receita renovada ou com a cumplicidade de um farmacêutico, fazia pouco a pouco os seus danos, e um medicamento a princípio útil tomava-se, em certas mãos, um meio de prazer procurado antes de terminar nos horríveis suplícios da habituação, conduzindo num passo mais ou menos rápido, mas sempre certo, a uma morte prematura" (Morel, 1998, p. 43).

Medicamentos que continham ópio passaram a ser vendidos em farmácias, empregados para insônia, dores em geral, contrações uterinas e transtornos gástricos. Multiplicavam-se os depoimentos de que esta droga trazia bem-estar, acabava com medos, aplacava ansiedades, trazendo segurança e equilíbrio. Personalidades famosas usavam largamente o ópio, tais como Goethe, Byron, Goya, sem causarem escândalos como os alcoólicos. Morel (1998) ilustra o uso do ópio, como que destinado ao combate da infelicidade:

"(...) Homero, na Odisséia, conta-nos que, num banquete, quando, com grande consternação dos convidados, se evocou o destino de Ulisses, Helena ordenou que se deitasse nos copos as nepentes, 'uma poção que provoca o esquecimento da dor e da infelicidade e que faz rapidamente com que os risos voltem aos lábios' " (p. 40).

O império chinês proibiu e impôs penas duras ao cultivo, uso e tráfico do ópio, decisão que favoreceu o contrabando, assumindo grandes proporções. Porém, em meados do século XIX, pela primeira vez a balança comercial chinesa apresentou saldo desfavorável, o que fez com que o imperador reunisse seu conselho para tomarem medidas. Uma parte propôs a legalização do ópio e seu cultivo e outra parte do conselho quis manter a proibição. A proibição continuou e isto fez render guerras pela liberdade do comércio. Em pouco tempo a China tornou-se grande produtora, e só então o Parlamento inglês, que antes concordava com a liberação em nome do comércio gerado pela droga, declarou que o tráfico do ópio em grande escala era moralmente injustificado. O peso dado ao fato pareceu se restringir à disputa pelo poderio econômico.

Nas farmácias do século XIX, portanto, já se encontravam tônicos e remédios de fórmulas secretas que continham psicoativos. A seqüência da descoberta dos princípios ativos de diferentes plantas se deu da seguinte forma: a morfina em 1806, a codeína em 1832, a atropina em 1833, a cafeína em 1841, a cocaína em 1860, a heroína em 1883, a mescalina em 1896, os barbitúricos em 1903 e, por último, os anestésicos como éter e clorofórmio. Esta descoberta, dos princípios ativos das drogas psicotrópicas, serviu para diminuir o volume das drogas transportadas: agora era necessário apenas uma pequena mala para levar o produto de uma plantação inteira. Assim, deixando de ser vegetais ligados à magia e religiosidade e configurando-se como compostos químicos associados intimamente à vida humana, as drogas tiveram seu uso cada vez mais banalizado com a crescente industrialização, a competitividade acirrada em nome do progresso e os males daí decorrentes, como insônia, desânimo, depressões. Havia ameaças de falência pela modernização de técnicas industriais, proletarização de grandes massas campesinas e miséria nos subúrbios das grandes cidades. Acrescentava-se a isso, também, uma crise da fé religiosa e da autoridade dentro das famílias. Conseqüentemente, avolumou-se o interesse pelas drogas que influenciavam os ânimos.

Neste percurso histórico, cabe lembrar Freud com relação à cocaína, fato marcante na construção de sua teoria psicanalítica. Após seus experimentos com a droga descobriu que, além de seu uso favorável na supressão da dor física em algumas enfermidades, apresentava também um efeito psíquico: o alívio da angústia. Ele mesmo a consumiu em pequenas doses sem, obviamente, nunca se transformar num drogadicto. Em carta à sua então namorada Martha em 1884, dissera a respeito de sua angústia pelas dificuldades da vida, que o trabalho era sua espécie de droga: "A vida está dura, mas estou me entorpecendo no trabalho" (Freud, 1884). A cocaína fez parte de suas pesquisas, porém, mais tarde, pôde constatar o mal que esta poderia causar a quem dela dependesse. Segundo Richard Bucher (1992),

"(...) o interesse de Freud pela cocaína não somente não se deixa isolar do conjunto dos trabalhos pré-analíticos, mas se apresenta como peça importante e logicamente coerente da evolução da sua pesquisa, à procura do enigma das relações entre psiquê e soma e, em seguida, entre linguagem e corpo: a investigação da hipnose e da histeria, do sono e do sonho levou Freud à descoberta de um outro corpo, o corpo pulsional tecido pela falta e pelo desejo (...)" (p. 280).

Freud percebeu, segundo suas construções teóricas, que o homem, por princípio, quer gozar num total descompromisso, sem se ocupar de mais nada. No entanto, como isto não é possível, o homem busca algum objeto que dê conta de findar toda inquietação. Ele mesmo, ao considerar a cocaína como eficiente anestésico, testou-a em si próprio, como medicamento para mitigar a dor. Descobriu que seu efeito produtor de euforia, bem-estar, era também um perfeito remédio para as inseguranças e os sofrimentos psíquicos — um anestésico para a dor existencial.

Assim, estas descobertas talvez tenham sido o princípio do que veio a se constituir como base da teoria psicanalítica. Parece que Freud constatou mais tarde que, esta droga tomada como um objeto, empobreceria a possibilidade de o sujeito resolver seus problemas através da fala: funcionando como um tampão, resolveria ilusoriamente as frustrações do indivíduo, por ter propriedades causadoras de euforia e bem-estar. Freud estava imerso em uma sociedade que, num futuro próximo, se transformaria de maneira intensa. Estava inserido numa realidade altamente competitiva, como pode se observar em seu contexto profissional, já naquela época, e segundo sua correspondência com a futura esposa (Freud, 1884). Mas o mais

importante a se ressaltar refere-se à atenção do médico desde cedo à tendência do ser humano de tentar resolver seus problemas psíquicos recorrendo a artefatos que incidiam no funcionamento cerebral. Segundo aponta Morel (1998),

"(...) os medicamentos que têm uma ação sobre o psiquismo não têm apenas um valor terapêutico, têm também propriedades de modificação do Eu, o que lhes dá um valor social. No mundo técnico, científico e de economia de mercado, os produtos da ciência tomam-se simultaneamente objeto de experiência e objetos de consumo. Acontece com as moléculas psicoativas o mesmo que com os instrumentos da cibercultura. E é, portanto, bastante lógico que os experimentadores se recrutem antes de tudo na faixa etária que anda à procura de si própria e do seu futuro: a dos adolescentes" (p. 49).

Para combater os sintomas desta angústia pertinente às várias populações, surge aos poucos o novo modelo da sociedade moderna, caracterizado por uma cultura de consumo que se alimenta do ideal burguês de comodidade, conforto e primazia aos bens materiais.

Podemos observar, assim, que no curso da história das adições, existiram fatores culturais favorecendo o uso de substâncias que alterassem o humor de um indivíduo submetido a condições sociais desfavoráveis, ou muitas vezes desestruturado psiquicamente. A droga, que atuava como elemento de agregação, inicialmente com o potencial de representar novas formas de pensar a vida humana, o universo, num movimento de busca de prazer, passou a fazer parte de um cenário ofensivo:

"A evolução da conjuntura econômica das sociedades ocidentais trouxe mudanças profundas (...), relegando ao segundo plano a procura sossegada de prazeres floridos e de convivências mais harmoniosas. A recusa do modelo dos pais, a exaltação de novos modos de viver e o militantismo cordial cederam a um 'desencanto' cada vez mais radical, chegando a suscitar, ao invés de prazer, violência e autodestruição" (Bucher, R. 1992, p. 28).

As drogas são aquilo que o sujeito faz delas ou, de outra maneira, as drogas são aquilo que simbolicamente adquirem um significado para o sujeito — um significado absolutamente particular. Bucher (1992), citando Hugo Freda, traz uma reveladora contribuição em seu texto: "é o toxicômano que faz a droga" (Freda, 1989). Isto se

refere ao fato de que, independente do que a sociedade ofereça ao sujeito, este vai estar sempre à busca de algum objeto que prometa uma solução definitiva para o incômodo de suas limitações.

Em termos sociais, o jovem revolucionário da contracultura, por exemplo, sofreu o impacto da crise econômica mundial, sendo que suas aspirações dirigiram-se para uma vertente onde predominava a busca de sobrevivência, num mundo altamente competitivo. De *hippie* o jovem "transformou-se" em *yuppie*: da tentativa de rompimento com a sociedade tradicionalista e repressora, na busca da paz, para o caos da sociedade capitalista. Da busca do mundo pacífico sem guerras, para o frenesi da guerra competitiva: isto poderia ser simbolizado pelo uso da maconha migrando para o uso da cocaína, bem mais adequado ao desejo de um implacável vencedor.

Em seqüência, surge o novo modelo consumista, caracterizado pelo ideal burguês de comodidade, conforto e primazia aos bens materiais. O sujeito se vê vazio de ideais, ignorante de si mesmo e impotente perante a realidade cruel da lei do mais forte. Apesar disso, muitos são os que não querem ter o trabalho de se implicar em seu próprio sofrimento: culpam as circunstâncias e os outros por seus infortúnios. O homem do vazio existencial, portanto, nega toda proposta que o aproxime de si mesmo; nega, enfim, o inconsciente, o porvir, o que não pode controlar sobre a verdade de si mesmo. Este homem, sempre um produto cultural, constrói sua subjetividade à espera da felicidade instantânea, como prometem os discursos da ciência e do mundo capitalista.

Em continuidade, passemos a analisar a sociedade moderna e a cultura de consumo, para uma compreensão da busca da droga como um produto de satisfação que supostamente preencheria todas as frustrações e necessidades do sujeito em desamparo.

II - Modernidade e consumo

... o registro psíquico do desamparo é algo de ordem "originária", marcando a subjetividade humana para todo o sempre, de maneira indelével e insofismável (Birman, 1999, *Mal-estar na atualidade* p. 37).

Freud, em 1930, apontou o desamparo como condição intrínseca ao ser humano, tendo seu sofrimento três marcas de infelicidade. A primeira seria o envelhecimento ou a degenerescência, caracterizados por uma limitação drástica — a morte — como única certeza para o sujeito. A segunda infelicidade diz respeito às adversidades do mundo externo, sobre o qual não podemos ter controle absoluto, mas, ao contrário, a qualquer momento podemos ser por ele aniquilados. Por último, a mais dolorida segundo Freud, advém de nossos relacionamentos com os outros homens, em que as limitações aos impulsos são imperiosas e primordiais. Freud definiu seu pensamento de seguinte forma:

"(...) nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição. Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez seja mais penoso do que qualquer outro" (1930, p. 95).

Portanto, segundo apontou Freud na teoria psicanalítica, o desenvolvimento do ser humano é repleto de percalços. O desamparo inicial acompanha o sujeito desde sua formação, quando, promovido pelo corte simbólico na relação mãe-filho, representa a origem da vida na cultura. A criança desloca-se do amparo promovido pela fusão total com a mãe, para defrontar-se com o porvir, o imprevisível da condição humana.

Inserida desta forma no campo social, começa a participar das relações inter-subjetivas, surgindo o inevitável incômodo pertinente à relação com os outros indivíduos. Este doloroso fato, segundo Freud (1930) nos mostrou em *Mal-Estar na Civilização*, representa uma limitação ao gozo narcísico: a alteridade se apresenta ao sujeito como um contraponto ao substrato narcísico. Assim, segundo a teoria psicanalítica, o sujeito necessita de vários objetos de investimento e não apenas um (a mãe), conforme sua condição natural de desejante. Ele precisa simbolizar a falta primordial e buscar alternativas satisfatórias.

Segundo a visão psicanalítica, entendemos então que o sujeito necessita de objetos de investimento, pois está sempre desejando algo em sua inquietude, evidenciada pela tentativa contínua de retorno ao estado de plenitude narcísica perdido anteriormente. Entretanto, cabe analisar que o homem moderno muitas vezes traduz esta necessidade de um modo particular. O sujeito contemporâneo está contido em uma sociedade altamente competitiva e, diante da competição desenfreada do mundo tecnológico capitalista, passa a necessitar dos objetos quase que de maneira vital, observando-se que estes parecem dar sentido à sua vida. Diz-nos Freud (1930):

"Descobriu-se que uma pessoa se torna neurótica porque não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe, a serviço de seus ideais culturais, inferindo-se disso que a abolição ou redução dessas exigências resultaria num retorno a possibilidades de felicidade" (pp. 106-7).

Apesar de todo o aparato tecnológico advindo do progresso científico que a humanidade conquistou de maneira orgulhosa, o autor ressalta que não houve acréscimo na "quantidade de satisfação prazerosa" (Freud, 1930, p. 107), nem aumento de felicidade. Na verdade, segundo Freud, nada pode garantir a felicidade plena, pois o mal-estar provocado pelo desamparo estará sempre presente na vida do sujeito, que se depara sem cessar com as três marcas de infelicidade inerentes à condição humana.

No curso deste pensamento, faz-se necessária uma análise da situação do sujeito no mundo contemporâneo, numa abordagem que enfoque o desamparo psíquico e o consumo no mundo capitalista. Partindo do pressuposto de que desamparo e consumo apresentam uma estreita ligação desde a sociedade moderna, podemos também analisar aspectos que lhe são pertinentes, como subjetividade, consumo onipotência drogas dentre outros.

1 - Subjetividade e consumo

A competição entre os indivíduos, influenciando negativamente a relação interpessoal, trouxe prejuízos ao homem. Segundo Freud (1921), a relação grupal pressupõe um acordo fraterno entre os membros. Diante da impossibilidade de todos alcançarem um mesmo objetivo disputado pelos membros de um grupo, e ao invés de se utilizarem da mais pura rivalidade, estes, através da identificação, renunciam ao ideal a se atingir, e unem-se pelo amor ao objeto que desejam tão fortemente. O que se configura na sociedade como "espírito de grupo, etc., não desmente a sua derivação do que foi originalmente inveja" (p. 153). Assim, conforme o autor, se constituem os grupos e "essa exigência de igualdade é a raiz da consciência social e do senso de dever" (p. 153).

subjetiva
e a falta de
iniciativa

"Poder-se-ia dizer que os intensos vínculos emocionais que observamos nos grupos são inteiramente suficientes para explicar uma de suas características: a falta de independência e iniciativa de seus membros, a semelhança nas reações de todos eles, sua redução, por assim dizer, ao nível de indivíduos grupais" (p. 149).

Como podemos compreender este instinto grupal na sociedade contemporânea? Como personifica-se este homem moderno, constituído pelo narcisismo, porém com um acentuado incremento? À medida que foi se tornando mais densa a população mundial, e mais difícil de se obter oportunidades iguais para todos os indivíduos, parece ter ficado mais comprometida esta organização fraternal. Podemos analisar o fato de que esta é uma condição referente ao homem apontada por Freud que, no entanto, parece ficar prejudicada se por ela perpassam outras necessidades pertinentes ao homem moderno. Este tornou-se particularmente insensível, fixado a um estágio estritamente referido ao gozo narcísico dos primórdios de sua existência.

Nos moldes do mundo moderno a subjetivação, além de outros aspectos, é constituída tendo-se em conta que o lucro de alguém é o prejuízo de outrem. Exige-se do ser humano poder, perfeição, segurança e prestígio, dentre outros fatores. Sabemos, entretanto, que desde os tempos mais remotos o homem vem sendo destituído da suposição de que é o centro do universo e que forma sua parte constituinte mais importante, por exemplo, conforme demonstrou Nicolau Copérnico. Contudo, a exigência de perfeição no mundo moderno parece cada vez mais acurada.

Acompanhando o pensamento freudiano de 1917, em que o autor faz referência ao estado narcísico nos primórdios da existência do sujeito, sabemos que o "indivíduo progride do narcisismo para o amor objetal" (p. 173). Isto quer dizer que o investimento libidinal do sujeito, que no início consistia em direcionar toda a energia para si mesmo, passará mais tarde a ter uma fluência direcionada para os objetos externos. O homem primitivo e a criança, como apontou Freud em 1917, apresentam uma forma excessiva de expressão de seu narcisismo, num funcionamento psíquico infantil e onipotente, tentando "influenciar o curso dos acontecimentos do mundo exterior pela técnica da magia" (p. 174). Vejamos o texto de Freud, em que descreve como o narcisismo do homem sofreu três grandes golpes:

"(...) o homem acreditou, de início, que o seu domicílio, a Terra, era o centro estacionário do universo, com o sol, a lua e os planetas girando ao seu redor. (...) A posição central da Terra, de mais a mais, era para ele um sinal do papel dominante desempenhado por ela no universo e parecia-lhe ajustar-se muito bem à sua propensão a considerar-se o senhor do mundo. (...) A destruição dessa ilusão narcísica associa-se, em nossas mentes, com o nome e a obra de Copêrnico, no século XVI. (...) Quando essa descoberta atingiu um reconhecimento geral, o amor-próprio da humanidade sofreu seu primeiro golpe, o golpe cosmológico.

No curso do desenvolvimento da civilização, o homem adquiriu uma posição dominante sobre as outras criaturas do reino animal. Não satisfeito com essa supremacia, contudo, começou a colocar um abismo entre a sua natureza e a dos animais. Negava-lhes a posse de uma razão e atribuiu a si próprio uma alma imortal, alegando uma ascendência divina que lhe permitia romper o laço de comunidade entre ele e o reino animal. (...) Todos sabemos que, há pouco mais de meio século, as pesquisas de Charles Darwin e seus colaboradores e precursores puseram fim a essa presunção por parte do homem. (...) As conquistas que realizou posteriormente não conseguiram apagar as evidências, tanto na estrutura física quanto nas suas aptidões mentais, da analogia do homem com os animais. Foi este o segundo, o golpe biológico no narcisismo do homem.

Embora assim humilhado nas suas relações externas, o homem sente-se superior dentro da sua própria mente. (...) Sente-se

seguro de que está informado de tudo o que se passa em sua mente, se tem qualquer importância, porque nesse caso, crê você, sua consciência dá-lhe notícia disso. (...) Essas duas descobertas — a de que a vida dos nossos instintos sexuais não pode ser inteiramente domada, e a de que os processos mentais são, em si, inconscientes, e só atingem o ego e se submetem ao seu controle por meio de percepções incompletas e de pouca confiança —, essas duas descobertas equivalem, contudo, à afirmação de que o ego não é o senhor da sua própria casa. Juntas, representam o terceiro golpe no amor próprio do homem, o que posso chamar de golpe psicológico" (1917, pp. 177-8).

Os três golpes apontados por Freud são decisivos na compreensão que o homem precisa ter de si mesmo, das suas limitações, contrariando a idéia da supremacia, do poder de superioridade absoluta. Porém, o mais forte destes golpes desferidos, segundo o autor, é o terceiro: o indivíduo não é senhor nem em seu território psíquico. Portanto, o homem moderno, percebendo mais significativamente a dor que estes golpes desferem e pressionado pela realidade circundante cada vez mais competitiva e distante dos ideais de igualdade social, parece apegar-se com mais afinco às promessas oferecidas pelo mercado consumidor. Aquelas que garantem ilusoriamente o preenchimento de um sujeito atormentado, que se vê sem ideais, na busca pela plenitude narcísica outrora perdida.

Neste quadro, recorrer às drogas pode ser considerado, numa visão sociocultural, uma forma de neutralizar tantas angústias geradas por tamanha exigência de realização pessoal num mundo extremamente competitivo. Consumir drogas pode representar, segundo Kalina (1999), uma resposta à necessidade fantasiosa de logro total, numa perspectiva mágica e onipotente, e acima de tudo, ilusória. Para o autor, no campo das drogas lícitas o álcool e o fumo são as "adições socializadas por excelência" (p. 116). A legalidade destas duas drogas tem uma função específica:

"A promoção legal do seu consumo é (...) uma incitação nefasta ao acatamento do regime que gera as contradições que esfacelam o homem do nosso tempo. Não se propõe a mudança das condições desfavoráveis; recomenda-se o consumo da ilusão que ajuda a acreditar que essa mudança é desnecessária" (Kalina, 1999, p. 116).

O propósito de uma cultura que se alimenta desta maneira parece ser sempre o de produzir para vender. Para tal, é preciso definir os desejos da população com relação ao que deve adquirir, sempre renovando e alterando esta substancialização. Assim ficariam garantidos os propósitos do consumismo. Cabe ressaltar que, segundo Gilberto Velho (1993), precisa-se compreender a essência do "mundo das drogas" (p. 274), pois não se pode estudar tal fenômeno sem que haja uma consistente contextualização:

"(...) a existência de um mundo das drogas vincular-se-ia à observação de redes sociais que organizam sua produção, distribuição e consumo, bem como a conjuntos de crenças, valores, estilos de vida e visões de mundo que expressariam modos particulares de construção social da realidade" (p. 274).

Consumir, então, é um dos imperativos da sociedade contemporânea, caracterizando-se como elemento constitutivo da subjetivação. "Não há dúvida de que a 'sociedade de consumo' é altamente estimuladora e produtora das soluções adictivas" (Gurfinkel, 1993). Isto marca particularmente o sujeito em sua estruturação psíquica. Segundo Canclini (1999), o consumo não se reduz a uma mera realização em que, numa verticalidade, os dominadores capturariam os dóceis receptores. Para o autor há um algo a mais que esta visão simplista tenta difundir, pois existe uma interação entre emissor e receptor, ou seja, entre produtor e consumidor. A explicação se dá pelo fato de que não existe uma arbitrariedade entre a oferta de bens de consumo e a sua compra. Ao contrário, há uma racionalidade entre estas duas instâncias: produzir para obter lucro, num interjogo de poderes. "Consumir é participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo" (Canclini, 1999, p. 78). Sendo assim, podemos entender o consumo como um fator de destaque no mundo globalizado, determinante de ações sociopolíticas que influenciam marcantemente a construção do sujeito, que por sua vez irá criar novas demandas de consumo. Este fato segue um propósito: produzir conforme uma demanda, que se desdobra em outras novas demandas, numa progressão renovada.

A sedução do consumo instiga o sujeito a adquirir bens para tornar-se atraente, seguro e diferenciado dos demais. Mudam-se os valores, e o que qualifica o sujeito são seus dotes materiais, se o critério para diferenciá-lo depende do que tem ou do que pode *ter para ser*. Esta poderia ser a essência de uma sociedade de consumo: o valor do homem é atrelado ao que tem, e não ao que é. Os valores de tal sociedade são

rapidamente cambiados, tomando-se necessária a contínua criação de novos ícones, pois adquiri-los poderia trazer ao sujeito a impressão de que estaria liberto da condição de desamparo. Mas, ao contrário, querendo diferenciar-se por esta via, o sujeito parece tornar-se mais dependente, desvalorizando assim sua singularidade. Na sociedade de consumo pretende-se que os objetos diferenciem os indivíduos, sendo que esta diferenciação indica privilégios, na qual quem consome mais apresenta maior qualificação na escalada social. Assim fica conferido aos objetos um caráter pragmático, determinado por sua função, somado ao sentido de que os objetos diferenciarão o sujeito dos demais. A conseqüência advinda de tal lógica nos mostra o paradoxo existente na sociedade de consumo que privilegia o individualismo — o eu isolado e enaltecido —, embora sejam necessários acordos para a convivência mútua. O homem é obrigado a ser feliz, mesmo tendo que travar lutas internas contra as forças pulsionais; já em relação à realidade externa, precisa participar de competições acirradas contra seus semelhantes:

"Esse homem-ser consumidor, obrigado a gozar e a ser feliz, é muito mais uma empresa de prazer e satisfação, já que passa a vida cada vez menos na produção pelo trabalho e cada vez mais na produção contínua do próprio bem-estar" (Saraiva, 1998, p.21).

A subjetivação é caracterizada pela singularidade e pela particularidade com as quais o psiquismo é construído. Na sociedade capitalista, o homem contemporâneo torna-se essencialmente competitivo, num mundo que o valoriza pelo quanto é capaz de produzir e consumir. Nesta situação, o sujeito fica balizado em seu valor através do que ou do quanto possui, fazendo com que a singularidade perca para um mecanismo que iguala e considera os indivíduos como meros objetos desprovidos de valor pessoal.

"Quanto mais a sociedade apregoa a emancipação, sublinhando a igualdade de todos perante a lei, mais ela acentua as diferenças. No cerne desse dispositivo, cada um reivindica sua singularidade, recusando-se a se identificar com as imagens da universalidade, julgadas caducas. Assim, a era da individualidade substituiu a da subjetividade: dando a si mesmo a ilusão de uma liberdade irrestrita, de uma independência sem desejo e de uma historicidade sem história, o homem de hoje transformou-se no contrário de um sujeito. Longe de construir seu ser a partir da consciência das determinações inconscientes que o perpassam à sua revelia, longe de ser uma individualidade biológica, longe de

pretender-se um sujeito livre, desvinculado de suas raízes e de sua coletividade, ele se torna por senhor de um destino cuja significação reduz a uma reivindicação normativa. Por isso, liga-se a redes, a grupos, a coletivos e a comunidades, sem conseguir afirmar sua verdadeira diferença" (Roudinesco, 2000, pp. 13-4).

Segundo George Simmel (1967), o homem da metrópole está engendrado pela economia monetária e pela atitude racional em detrimento de uma inter-relação mais íntima com os outros indivíduos. A intensificação deste processo individualista, contrário à alteridade, determina uma caracterização narcísica da subjetivação na modernidade. Simmel considera a impessoalidade vigente na sociedade moderna como resultante de uma subjetivação altamente individualista, qualificando-a como se o sujeito estivesse embalado por uma capa protetora feita de poder e dinheiro, que o impermeabiliza para as inter-relações pessoais. Segundo o autor, especialmente nas grandes metrópoles, há uma desqualificação das relações e, o poder e o dinheiro determinando o valor dos indivíduos, tudo se passa como se a categoria monetária pudesse enumerar a todos, igualando-os, para então classificá-los. Assistimos, na era contemporânea, a uma necessidade exacerbada de diferenciação dos indivíduos como indicativo de valor, numa sociedade altamente competitiva sem oportunidades de ascensão social. Simmel, já na década de 1960, afirmou que

"(...) o homem é tentado a adotar as peculiaridades mais tendenciosas, isto é, as extravagâncias especificamente metropolitanas do maneirismo, capricho e preciosismo. Agora, o significado dessas extravagâncias não jaz absolutamente no conteúdo de tal comportamento, mas antes na sua forma de 'ser diferente', de sobressair de forma notável e assim atrair atenção" (1967, p. 22).

Na sociedade de consumo é preciso consumir mais e mais, e isto torna-se um critério de diferenciação, que se pretende capaz de preservar um caráter pessoal garantidor de singularidade em meio a uma sociedade tecnológica que *massifica* a subjetividade. O homem torna-se, assim, necessitado de objetos para apaziguar seus males, como se consumir fosse a garantia contra suas dores existenciais. Este aspecto, podemos concluir, propicia um aprisionamento narcísico, em que o consumo promove uma relação de prazer auto-erótico, ficando o outro como mero objeto de uso descartável. Ou seja, diferentemente de uma relação construtiva e produtora de prazer

pela troca inter-subjetiva, observamos que, nos moldes do consumismo, o sujeito utiliza-se do outro quando é necessário o engrandecimento do próprio eu: o outro utilizado como objeto de consumo.

2 - Urgência cíclica do consumo

A cultura do efêmero no mundo globalizado, como define Canclini (1999), incentiva sobremaneira o consumo, pois a cada instante os objetos tornam-se fugazes, numa "obsolescência periódica" (p. 42). Há um imperativo: é necessário o "consumo incessantemente renovado, surpresa e divertimento" (p. 42). A busca passa a ser por um objeto que dê conta desta necessidade, um objeto total, promissor de uma felicidade tão decantada, mas obviamente ilusória. A globalização integra uma realidade formada por uma marcada carência inter-subjetiva. O homem perde em sua essência de humanidade.

Se por um lado o enriquecimento de uma minoria pode promover a geração de empregos, pois são criadas novas empresas e indústrias, não podemos esquecer que tal fato ocorre às custas de um progresso científico e tecnológico que dita a norma de que cortar custos é economizar. Cortar custos, que muitas vezes pode significar cortar mão-de-obra — por exemplo, com o fechamento de departamentos e a redução do número de funcionários de uma empresa —, é sinônimo de economia numa estrutura mercantilista. Este é o preço do progresso, do capitalismo que inegavelmente monta um sistema impiedoso, lançando milhares de desempregados às ruas. São estes sujeitos — os excedentes — que, numa situação de miséria, são rechaçados pela própria sociedade que os colocou neste lugar. Entretanto, continuam sendo instados a consumir, por mais paradoxal que possa parecer, estes que eram produtores e não podem mais participar da disputa consumista. A sedução do consumo continua, num movimento individualista, sendo esquecida uma coletividade que apresenta, como característica constitutiva, sujeitos singulares. Assim pode ser explicada a subjetivação no mundo moderno, em que a alteridade é desqualificada num processo de valorização narcísica. A sedução oferecida pelo mercado consumidor é poderosa e, conforme Bauman (1998), há uma "tendência do mercado de elevar os sonhos e desejos dos

consumidores a um estado de frenesi e alçá-los às nuvens" (p. 54), como se configura a ordem estabelecida em nossa cultura.

Segundo Jameson (1993), esta urgência do consumo na contemporaneidade apresenta-se como resultante de um percurso. Nos inícios do que ele chamou modernidade não havia esta necessidade premente do consumo, mas uma tradição mais voltada para os costumes, a história, numa diferente valorização dos objetos. Com o consumismo, vemos o desprezo a estes valores — os objetos ficam entificados, supervalorizados, sendo consumidos e utilizados para promoção de *status*, para ofuscar o outro na relação interpessoal. O que ocorre, então, com as necessidades afetivas do sujeito, se num mundo competitivo o que importa é ganhar sempre? Este aspecto aponta para o fechamento do sujeito moderno em si mesmo, o que desemboca numa subjetividade que se caracteriza pela preocupação do homem consigo próprio, atitude narcísica que não considera os resultados que daí possam advir. Este poderia ser um modo de compreensão do mundo selvagem no qual vivemos. Jameson classifica o momento atual como pós-moderno, identificando-o como capitalismo tardio, multinacional ou de consumo. O autor aponta o

"(...) desaparecimento do sentimento da história, o modo como todo o nosso sistema social contemporâneo começou, pouco a pouco, a perder sua capacidade de reter seu próprio passado, começou a viver num presente perpétuo e numa perpétua mudança que oblitera o tipo de tradições que todas as formações sociais anteriores, de um modo ou de outro, tiveram que preservar" (1993, p.43).

A sociedade pós-moderna rompe com uma tradição "canônica" vigente no modernismo, como denomina Jameson; o consumismo passa a imperar, assim como as rápidas mudanças nos costumes da população, com a força da mídia e a invasão da televisão. Vive-se o hoje; a preocupação é com a renovação, esquecendo-se do antigo, pois numa cultura de consumo é necessário estar sempre renovando, produzindo e escoando produtos, para que mais se produza, consuma e lucre — esta é a lógica do capitalismo de consumo. O sujeito é incentivado a adquirir o objeto eleito como o desejado no momento, o da moda; mas, como tudo é construído e desconstruído rapidamente na sociedade pós-moderna, podemos claramente compreender o apelo do consumo. O indivíduo precisa descartar objetos e adquirir outros, mais novos e portanto, nesta lógica, melhores. Este pensamento vai definir uma subjetivação que

inclui um individualismo fechado na relação eu-objeto, numa relação narcísica, específica de um sujeito eternamente insatisfeito, pois o desejo nunca é totalmente realizado. A cultura do consumo, sabiamente, utiliza-se desta característica do desejo — ele nunca se esgota, e o objetivo é evitar a condição de desamparo. Então, diante desta necessidade humana, lançam-se, na rapidez cambiante do mundo contemporâneo, novos apelos que irão desqualificar os antigos. Este sujeito confere aos objetos atributos que os entificam, responsabilizando-os pelo seu brilho social. Aqui sustenta-se a tese da compulsão ao consumo que precisa ser eterna e renovável, pois logo que o que já não é mais importante precisa ser substituído por algo novo: o objeto nunca atende, por isso o desejo é metonímico, permanentemente, porque o objeto alcançado é apenas uma representação do objeto arcaico. Assim, o sujeito do mundo contemporâneo parece estar acometido por uma depressão que caracteriza-se por um vai e vem ininterrupto, intercalando momentos de *up* e *down*, conforme a promessa eternamente renovada da cultura em oferecer objetos que garantam a felicidade. Vejamos como Birman (1999) explicita a função das drogas neste aspecto acima mencionado:

"Produzidas pela medicina clínica, pela psiquiatria e pelo narcotráfico, as toxicomanias são os contrapontos das depressões e da síndrome do pânico, no sentido de que é pelo consumo massivo de drogas que o sujeito tenta regular os humores e efeitos maiores do mal-estar da atualidade" (p. 249).

Desta maneira, assim que um ofuscamento qualquer ao brilho narcísico do eu traga à baila a realidade psíquica marcada pela falha, pela imperfeição e finitude — intrínsecas à condição humana, porém especialmente de difícil aceitação pelo homem contemporâneo —, o sujeito se debruça na busca de algo que o sustente ilusoriamente, que prometa retirá-lo da posição de desamparo. Configura-se, parece, um estado de alternância entre a depressão e o uso de substâncias capazes de eliminar tal estado psíquico. Poderíamos arriscar a delinear uma configuração cíclica, da seguinte maneira: depressão — uso de drogas — depressão — uso de drogas — depressão — uso de drogas — e assim sucessivamente, num sujeito circunscrito em si mesmo. Roudinesco (2000) ressalta que

"(...) a depressão tomou-se a epidemia psíquica das sociedades democráticas, ao mesmo tempo que se multiplicam os

tratamentos para oferecer a cada consumidor uma solução honrosa" (p. 17).

O culto à imagem, segundo Birman (1999), levando o sujeito a um autocentramento, o faz manipular o outro para seu próprio prazer numa individualidade tal que o distancia da inter-relação, ficando este glorificado pelo próprio enaltecimento que o consumo de produtos lhe proporciona, inclusive produtos humanos.

"A 'cultura da imagem' é o correlato essencial da estetização do eu, na medida em que a produção do brilharco social se realiza fundamentalmente pelo esmero desmedido na constituição da imagem pela individualidade (...) Na cultura da estetização do eu, o sujeito vale pelo que parece ser, mediante as imagens produzidas para se apresentar na cena social, lambuzado pela brilhantina eletrônica" (Birman, 1999, p. 167).

A subjetividade encontra-se então submetida a um referencial capitalista de pensamento, propício a constantes situações de frustração, com dores psíquicas e depressões. Não apenas aquelas com as quais contamos desde o nascimento, mas aquelas impostas como o preço a ser pago por desvirtuarmos nossa atenção da sensibilidade existente nas inter-relações e na solidariedade de um mundo mais humano. A ordem é: *Cada um por si e o resto não importa*. Em "alta cotação" encontram-se a autovalorização e o culto narcísico; em baixa absoluta, a alteridade. Aqui temos um espaço que permite o perfeito encaixe das drogas como objetos que, por excelência, proporcionam, ainda que ilusoriamente, a sensação de bem-estar, de anestesiamento de qualquer que seja a dor existencial.

Segundo Freud (1930), a condição de desamparo, indissociável à natureza humana desde o nascimento do indivíduo, coloca-o numa posição de busca incessante de felicidade, sendo que existem dois objetivos em sua atividade, quais sejam: evitar a todo custo o desprazer, e buscar as experiências de prazer.

"É a impossibilidade frente a uma satisfação plena que compele o sujeito, aquilo que caracteriza a constituição da subjetividade humana. Assim, podemos dizer que o sujeito do qual fala a psicanálise é aquele que porta uma fenda insuturável, uma divisão inapagável que aponta para a impossibilidade de obter aquilo que lhe proporcione a satisfação plena" (Garcia, 1999, p. 8).

Busca-se sucesso, poder e riqueza, de acordo com o "princípio de prazer" de Freud, na tentativa sempre infrutífera de eliminar a fragilidade intrínseca ao ser humano. O incômodo do desamparo, que surge no confronto com o "princípio de realidade" ou no encontro com o outro, faz com que o sujeito procure a comprovação da suposta auto-suficiência, segundo Birman (1999). Este incômodo, no entanto, é originário e definitivo, sendo o desamparo característica específica da subjetividade. Freud, como crítico da modernidade, mostrou que não se pode evitar o desamparo e que não existe o ideal de felicidade pretendido pelo discurso iluminista da ciência e pelo industrialismo, "que prometeu bem-estar para todos" (Birman, 1999, p. 38). Conforme este autor, ao falar do mal-estar na civilização Freud referiu-se ao discurso civilizatório constituído no Ocidente desde o século XVIII, atribuindo um caráter crítico à modernização do social. A questão do desamparo está, então, localizada no cerne do sujeito, dele inseparável e indissolúvel:

"Este agora assume uma feição trágica, marcado que seria pela finitude, pelo imprevisível e sem ter qualquer garantia absoluta para se sustentar. (...) o desamparo seria aquilo que instaura o mal-estar na modernidade, sendo assim seu aguilhão mais poderoso (...)" (Birman, 1999, p. 43).

Frente aos impasses do desamparo, a tentativa do homem moderno é de buscar alívio em objetos que acredita serem capazes de retirá-lo desta condição, suprimindo ou minimizando a dor do desamparo, para isto percorrendo as vias da negação e do anestesiamiento psíquico para lograr sua salvação ilusória. Conforme assinala Freud (1930), esta configuração é definida pela busca de um sentimento de eternidade, um sentimento "oceânico" (p. 81) que, por exemplo, o químico pode perfeitamente prometer:

"O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido" (Freud, 1930, p. 97).

O que Freud propõe é que não se alcança o ideal de felicidade, ressaltando, particularmente, que o progresso não pode realizar sua promessa de bem-estar permanente. Com o progresso, acreditou-se ser possível a descoberta da mercadoria responsável pelo sentimento *nirvânico* e ilimitado de bem-estar: um produto que

pudesse dar conta da satisfação de todas as necessidades do sujeito. Nisto podemos reconhecer a indústria farmacológica, que encontrou espaço efetivo em meio a tanta insatisfação e promessas feitas pelos ideais de consumo da modernidade. "Consumir, além de anestesiar a dor própria ao existir, dá sustentação ao sistema econômico, permitindo assim a perpetuação de sua hegemonia" (Saraiva, 1998, p. 22). Trata-se, portanto, de uma evolução cultural que propiciou uma subjetividade envolvida com a questão do consumismo, facilitando o encontro do sujeito com a droga na busca do objeto promissor da felicidade, o que muitas vezes ocasiona o uso abusivo e a dependência. O drogadicto se apresenta nos moldes do paradigma do consumismo: ele realiza o ideal de consumo na totalidade de sua essência, pois quer sempre tudo e já, urgentemente.

3 - Drogadicção como problemática do sujeito na cultura

O uso de narcóticos é uma das formas de se abrandar o incômodo da falta de felicidade. Na modernidade, com o estrondoso progresso científico, assistimos a uma facilitação ao consumo:

"(...) os objetos da tecnologia — multiplicando geometricamente os consumidores da comunidade internacional — parecem lograr o impossível: um gozo técnico à disposição de todos por igual. Hoje a rede Internet universaliza o mercado dos consumidores pelas autopistas informáticas a um ritmo vertiginoso" (Sinatra, E., 1996, p. 29)².

Neste cenário, consome-se drogas que são compradas também através da Internet, como se isso representasse a liberdade humana conquistada pelo progresso. O drogadicto, em geral, é um sujeito que particularmente se relaciona com uma substância que lhe traz prazer — um prazer que este compreende como absoluto, uma saída para o mal de se ver preso a uma contingência social e psíquica, na qual dificilmente vê oportunidades para seu crescimento. Este sujeito da modernidade, aficionado às drogas, que não tem projeto e não constrói possibilidades para ser

² Original em espanhol: "Hoy los objetos de la tecnología - multiplicando geométricamente los consumidores de la comunidad internacional -, parecen lograr lo imposible: un goce técnico a disposición de todos por igual. Hoy la red

independente, utiliza-se de uma ou várias substâncias que prometem dar um sentido à sua vida — é escravo de um poder que o acomoda nesta posição. Portanto, a questão recai num sujeito que se relaciona com a droga de maneira singular, fato que contém um significado particular e simbólico, sendo este sujeito também produto de um contexto sociocultural.

Na cultura ocidental, especialmente, torna-se intolerável o mal-estar, ficando sacramentado o culto ao prazer. Trata-se de um mundo no qual não se pode esperar, pois a rapidez mede a excelência da qualidade, numa realidade impregnada pelo pragmatismo oferecido pelos objetos: apela-se para a magia, para a química, como tentativa de controle do sofrimento, numa condição em que o sujeito não se implica em sua própria questão. Parece não haver o empenho em se compreender uma dor de cabeça, uma insônia, partindo-se rapidamente para o uso de ansiolíticos, antidepressivos e hipnóticos, configurando a tendência atual ao apelo a avanços científicos para resolver problemas psíquicos. Problemas dermatológicos, cardíacos e digestivos, por exemplo, são tratados de maneira fragmentada, de acordo com o requinte das especializações médicas, enquanto o ser humano apresenta uma constituição integrada. Conforme Roudinesco (2000),

"Posto que a neurobiologia parece afirmar que todos os distúrbios psíquicos estão ligados a uma anomalia do funcionamento das células nervosas, e já que existe o medicamento adequado, por que haveríamos de nos preocupar? (...) Não surpreende, portanto, que a infelicidade que fingimos exorcizar retorne de maneira fulminante no campo das relações sociais e afetivas: recurso ao irracional, culto das pequenas diferenças, valorização do vazio e da estupidez etc. A violência da calmaria, às vezes, é mais terrível do que a travessia das tempestades" (p. 17).

Gurfinkel (1993) ressalta, apropriadamente, que não se pode contestar o benefício da farmacoterapia para a saúde mental. Porém, a descoberta dos fármacos ou dos psicotrópicos desembocou em mais uma forma de dependência através do uso indevido de substâncias químicas, largamente utilizadas pelo meio médico no tratamento das doenças. Conforme o autor,

"A duplicidade de sentidos na relação entre medicina e drogas psicotrópicas nos conduz a uma constatação um tanto irônica — se

não fosse trágica —, pois é como se o feitiço se voltasse contra o feiticeiro: as substâncias usadas para curar (magicamente?) o sofrimento psíquico das pessoas se tornam mais um elemento de 'adocimento' da alma" (Gurfinkel, 1993, p. 137).

Perde-se, na precisão biotecnológica, a essência do homem, que também é um ser psíquico e social. Como ressalta Melman (1992), a drogadição é um sintoma social, um sintoma que reflete o "mal-estar na civilização", recuperando Freud (1930). O drogadicto utiliza-se do químico para, então, amenizar este mal-estar, na intenção de sofrer menos. Somado a isso, vale lembrar, o discurso da era tecnológica capitalista promete a esse sujeito uma felicidade instantânea, isenta dos trâmites ou do curso de um processo que pressupõe início, meio e fim — um meio, na maioria das vezes, trabalhoso e acidentado, que necessariamente coloca o sujeito em confronto consigo próprio e com os outros.

Se pensarmos no jovem, observamos que este fica dividido entre a pulsão e a lei: a função paterna enfraquecida torna o jovem mais sujeito à impulsividade. Ao mesmo tempo, os pais exigem um ideal de perfeição, às vezes muito distante do alcance do filho. Portanto, podem ocorrer as conhecidas manifestações de rebeldia do adolescente, que mostra-se eminentemente impulsivo e, muitas vezes, acomodado frente aos objetivos a serem alçados, obviamente não suportando a frustração que a vida lhe impõe. Temos um quadro angustiante, propício a que se busque alternativas que tragam a satisfação imediata dos desejos. Dizemos, então, que o adicto atua, age em lugar de refletir e compreender seu mal-estar e suas limitações. Parece haver uma falha na instância crítica: o sujeito não consegue reprimir os impulsos que o colocam em ação na busca do prazer, mesmo que cause danos a si e aos outros. A falha na função paterna, mais cedo ou mais tarde, poderá colocar o sujeito adicto perante instâncias policiais, jurídicas ou mesmo de saúde, situação na qual será então contido.

Podemos concluir que este modo impulsivo de agir do jovem adicto, com seus delitos e falta de limites, pode também representar sua insatisfação com uma sociedade desigual, que lhe exige perfeição e não oferece oportunidades de estudo, trabalho e, muitas vezes, ascensão social.

"Desalentado e sem esperanças de modificar essa incompreensão de seu meio, o adicto buscará um caminho que, mesmo acelerando sua morte e deterioração, permita-lhe a satisfação narcisista de sentir-se grandioso, independente, livre de

restrições e sofrimentos enquanto, simultaneamente, encontrará aberto um canal para reclamar afeto, exhibir seu desafio, executar sua implacável vingança e castigar-se de modo exemplar' (Mayer, H., 1997, p. 105)³.

Como assinalou Freud (1930), o ser humano não suporta um prazer supremo por muito tempo, tratando de sentir-se culpado e até punindo-se. O sujeito precisa prescindir da realização de muitos de seus desejos; a cultura se incumbem de promover cortes neste intento com suas leis que regulam as relações interpessoais. Segundo Mayer (1997), há um "campo dialético" (pp. 105-6) entre o indivíduo e a sociedade, entre a pulsão e a lei, onde "a norma cultural se personaliza e, simultaneamente, a energia pulsional se liga, se domestica, se socializa" (p. 106)⁴. Mas se as dificuldades sociais são aquilatadas, de modo que o sujeito não consegue gratificações pelas injustiças e falhas na engrenagem social, ocorre uma exacerbação do desejo — a impulsividade impera, na tentativa de reparar o narcisismo ferido. O consumo de drogas, com seu anestesiamiento da dor psíquica, seria um exemplo de resposta mais à mão, utilizada pelo sujeito que em especial apresenta falhas em sua estrutura psíquica. É então que, através dos objetos de consumo, e da droga especialmente, o sujeito busca adquirir um *status* que transfigure sua fragilidade psíquica em onipotência, mesmo que ilusoriamente.

A valorização da velocidade desde o processo de industrialização talvez tenha minimizado a importância da elaboração psíquica frente aos fatos da vida: o homem moderno precisa ser rápido e preciso. Os objetivos têm que ser alcançados o mais breve possível, ficando esquecido o processo que ocorre durante uma ação: entre o início e o fim de um projeto, existe um amadurecimento, um crescimento, calcados na elaboração interpretativa. Esta pressão angustiante exercida sobre o homem contemporâneo produz um mecanismo de ação voltado para a descarga de tensão psíquica. Trata-se, segundo Freud, de um mecanismo imaturo de liberação de tensão, no qual a elaboração psíquica perde para a imediatez das ações. Assim, as soluções buscadas para os problemas humanos ficam restritas a uma gama de possibilidades de

³ Original em espanhol: "Desalentado y sin esperanzas de modificar esa incomprensión de su medio, el adicto buscará un camino que, aunque acelere su muerte y deterioro, le permita la satisfacción narcisista de sentirse grandioso, independiente, libre de restricciones y sufrimientos mientras que, simultáneamente, encontrará abierto un canal para reclamar afecto, exhibir su desafío, ejecutar su implacable venganza y castigarse de modo ejemplificador" (p.105).

⁴ Original em espanhol: "... la norma cultural se personaliza y simultáneamente, la energía pulsional, se liga, se domestica, se socializa" (p. 106).

cunho milagroso, mágico, restringindo as trocas entre o sujeito e sua realidade externa. Neste processo evita-se exatamente o contato com aquilo que é doloroso, nega-se o que é difícil para o ser humano, camuflando-se a realidade com objetos eletrônicos, farmacológicos, desde que se esqueça ou se anestesia as dores da existência — dores psíquicas, ou infelicidade —, que são fruto da renúncia à plenitude. Roudinesco (2000) aponta o crescente cientificismo como um dos fatores responsáveis pela busca dos "medicamentos do espírito" (p. 21) do homem moderno, que valoriza o "homem-máquina em detrimento do homem desejante" (p. 15). Os medicamentos são então utilizados para a conquista da plenitude, o que Hugo Freda (1995) chamou de "tratamento científico da falta que se denomina progresso" (p. 58).

Nesta contingência sociocultural na qual estão inseridos os sujeitos que envolvem-se com as drogas, encontramos evidências de que a drogadicção vai além de uma problemática individual, mas que, efetivamente, tem características de uma perturbação do sujeito como produto cultural. Não apenas como um produto da contracultura da década de 1960, mas como uma estrutura social adicta generalizada, distribuída por toda a contingência onde a dor e o sofrimento são insuportáveis. Trata-se de uma cultura em que o sonho de encontrar o prazer resplandece e a crença na eliminação do mal-estar é o arcabouço deste devaneio: tudo isto permeado pela promessa de plenitude, cada vez mais garantida pelos progressos da ciência e da tecnologia.

4 - O espetáculo narcisista e o desamparo inevitável

Como podemos observar, segundo Birman (1999) vivemos na cultura do narcisismo, em que as exigências de autocentramento atingem patamares altíssimos, se compararmos com a sociedade ocidental que deu origem à nossa cultura individualista. Segundo o autor, lembrando Debord (1997), trata-se da "sociedade do espetáculo". Debord trabalha com a questão do condicionamento humano às "normas espetaculares", em que o peso de sua observação recai no aspecto de submetimento do sujeito a uma exigência social, que o posiciona longe da singularidade:

"(...) o indivíduo deve desdizer-se sempre, se desejar receber dessa sociedade um mínimo de consideração. Essa existência

postula uma fidelidade sempre cambiante, uma série de adesões constantemente decepcionantes, a produtos ilusórios. Trata-se de correr atrás da inflação dos sinais depreciados da vida. A droga ajuda a pessoa a se conformar com essa organização das coisas; a loucura ajuda a evitá-la" (Debord, 1997, p. 191).

Na sociedade atual, o que importa é o consumo; ela é *espetaculista*, usando um termo de Debord (1997), pois o importante é o fim e não o desenrolar dos acontecimentos. O objetivo final se volta para o consumo da imagem hipnotizante gerada pelos objetos que permitem o esquecimento da angústia — esse é o protótipo do produto altamente vendável. Segundo o autor, o espetáculo é o representante de uma sociedade aprisionada, que deste necessita para que fique com a garantia do adormecimento, rechaçando assim suas dores. Portanto, o espetáculo determina a mercadoria como o centro da questão, em que o indivíduo se caracteriza como o "consumidor de ilusões" (Debord, 1997, p. 33) — a mercadoria é que garante a ilusão, no espetáculo consumista da modernidade, mais precisamente desde meados do século XX. Birman (1999) ilustra e situa de maneira clara esta realidade, baseando-se em dois autores:

"A sociedade pós-moderna pode ser caracterizada, em contrapartida, tanto pelo conceito de 'cultura do narcisismo', segundo a leitura aguda do norte-americano Lasch, quanto pela categoria de 'sociedade do espetáculo', de acordo com a interpretação do francês Debord. Para esse, a exigência do espetáculo é o catalisador dos laços sociais, sendo, pois, a *mise-en-scène* a reguladora fundamental do espaço social. Para Lasch, o mundo estaria centrado no eu da individualidade, sendo essa sempre 'auto-referente'. Assim, o sujeito busca sempre a estetização de si mesmo, transformada na finalidade crucial de sua existência" (Birman, 1999, p. 84).

Explorando a questão do narcisismo, segundo o que podemos apreender em Lasch (1986), sabemos que a sociedade capitalista exerce uma marcada pressão no sujeito para que este consuma e obtenha, assim, uma defesa contra suas angústias, consumindo sempre e cada vez mais. Isto pode ser compreendido se nos reportarmos às necessidades advindas do referencial narcísico do ser humano, cuja principal característica é a busca do objeto que forneça a ilusão do encontro com o paraíso perdido da infância, na inútil tentativa de eliminar o desamparo psíquico. Segundo

Lasch, a cultura de consumo estimula o narcisismo, tornando o sujeito mais frágil e dependente — este precisa do amparo da moderna tecnologia, recriando "alguns dos sentimentos infantis de desproteção" (Lasch, 1986, p. 25), na busca de um eu total e completo. Neste parecer, Lasch estabelece um paralelo entre o consumismo e a condição infantil de dependência materna: por um lado temos a ligação vital do infante com a mãe; e, por outro, temos o consumidor, que entenderia a realidade externa como extensiva ao seio provedor. Isto ocorre em parte, afirma o autor, porque a propaganda que cerca as mercadorias são tão sedutoras quanto a satisfação dos desejos, o que desemboca numa relação de auto-satisfação, típica da condição narcísica. O consumismo, conforme o autor, cria

"(...) um mundo de espelhos, de imagens insubstanciais, de ilusões cada vez mais indistinguíveis da realidade. O efeito especular faz do sujeito um objeto; ao mesmo tempo, transforma o mundo dos objetos numa extensão ou projeção do eu. (...) O consumidor vive rodeado não apenas por coisas, como por fantasias. Vive num mundo que não dispõe de existência objetiva ou independente e que parece existir somente para gratificar ou contrariar seus desejos" (Lasch, 1986, p. 22).

Conforme Birman (1999), o que define as patologias mentais da pós-modernidade corresponde-se a quadros clínicos produzidos pelo fracasso do sujeito na cultura do narcisismo: este é considerado derrotado pela supremacia da visão de mundo estetizada. Não consegue exercer o fascínio de sua existência estética, tornando-se frustrado e deprimido, como podemos supor. É aqui que podem se situar as drogas, ocupando um lugar específico na brecha oferecida pelo sofrimento do homem contemporâneo. Assim, utilizando-se destes "artefatos tecnológicos" (Birman, 1999, p. 169) produzidos pela indústria farmacêutica, ou mesmo o tabaco, o álcool e as drogas ilícitas, o sujeito busca "ter acesso à majestade da cultura do espetáculo e ao mundo da performance" (p. 169), encontrando nos psicotrópicos a prótese para o *glamour* que lhe falta.

Baseando-se no mal-estar da civilização descrito por Freud (1930), Birman (1999) assinala este mal-estar composto de forças contrárias constituídas por "exigências da força pulsional e suas possibilidades psíquicas de satisfação, estas últimas sendo reguladas pela ordem simbólica" (p. 227). Sendo a pulsão uma força contínua, que necessita de representação simbólica para buscar gratificação, o sujeito,

segundo o autor, precisa inventar objetos que sejam capazes de satisfazer as constantes demandas pulsionais. A força pulsional, sempre alimentada pela condição de desamparo, é o que causa a angústia, pois remete o sujeito à posição de eterno desejante insatisfeito. Em *Dioniso Desencantado*, Birman (1999) refere-se claramente a esta posição humana, afirmando que a recusa ao imprevisível e a opção por manter-se no registro da onipotência narcísica colocam o sujeito efetivamente em risco. Observa-se então que:

"(...) o consumo de drogas se inscreve no circuito pulsional, em que a droga é fascinante, pois é uma promessa de não-confronto com o desamparo. A sedução da droga se deve ao domínio ilusório sobre o desamparo que promete, garantindo, na rapidez colorida do seu lusco-fusco, que tudo é possível para o sujeito e que não existem obstáculos para isso. Desta maneira, inserido no registro da onipotência narcísica e recusando os impasses da castração — permanentemente colocados pela exigência da invenção de novos objetos da satisfação —, o sujeito se acredita acima da finitude" (Birman, 1999, p. 228).

Caracterizando a questão referente ao mal-estar, Birman (1999) analisa o contexto histórico da explosão das drogas esquematicamente. Marcado pela posição cética do cientificismo, o Iluminismo declinou, pois a certeza da felicidade aí decantada, como sabemos, não procede. A angústia provocada pelo desamparo obviamente continuou: não se conseguiu os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade da Revolução Francesa. A busca da religião vem ressurgindo, então, na modernidade como promessa de proteção ao desamparo, na tentativa de controle dos infortúnios provocados pelo acaso. Conforme Birman (1999),

"(...) é preciso enfatizar que foi no vazio existencial produzido pela evaporação das visões de mundo, numa ordem social inteiramente perpassada pela ciência, que o desamparo do sujeito se tornou agudo e assumiu formas até então inexistentes. O mundo desencantado e sem Deus, marcado pela absoluta racionalização científica, produziu formas inéditas de desamparo quando as utopias do Iluminismo e da modernidade foram silenciadas. Nessa medida, não podemos desarticular o sucesso mundano do narcotráfico da difusão massiva dos psicotrópicos pela psiquiatria e pela medicina,

pois ambos se inserem no mesmo vazio existencial que produziu as novas formas de mal-estar na civilização" (pp. 229-30).

Neste processo surge o império das drogas, ainda na clássica tentativa de estancamento da dor psíquica promovida pelo desamparo, havendo uma maciça expansão no consumo de drogas. Institui-se a medicalização para as dores do psiquismo e o narcotráfico. Assim, o homem continua se debatendo com o vazio existencial, na constante busca de soluções para suas dores, fato que perpassa pelos tempos numa corrente cíclica aparentemente interminável. Que objetos serão ainda inventados para dar conta da angústia, para garantir o bem-estar de um sujeito cada vez mais experimentado em tentativas falidas de controle da dor da existência? Que novas ou antigas ofertas recicladas surgirão, para aquietar o homem, que parece estar num estado frenético de busca da felicidade?

"Todos os estudos sociológicos mostram igualmente que a sociedade depressiva tende a romper a essência da vida humana. Entre o medo da desordem e a valorização de uma competitividade baseada unicamente no sucesso material, muitos são os sujeitos que preferem entregar-se voluntariamente a substâncias químicas a falar de seus sofrimentos íntimos. O poder dos remédios do espírito, portanto, é o sintoma de uma modernidade que tende a abolir no homem não apenas o desejo de liberdade, mas também a própria idéia de enfrentar a prova dele" (Roudinesco, 2000, p. 30).

Assim, parece ser tendência geral que, em nossa época, o sujeito vislumbre sua satisfação nas promessas enganosas de bem-estar trazidas pelos bens de consumo e pela droga. A própria medicina encontra-se pressionada a obter êxitos frente um mal social que adoce os seres humanos, tendendo francamente a adotar medidas farmacológicas de tratamento. Os próprios médicos, segundo Roudinesco (2000), sofrem "inquietaos, insatisfeitos, atormentados pelos laboratórios e impotentes para curar, ou, pelo menos, para escutar uma dor psíquica que os transcende cotidianamente" (p. 31).

A situação se agrava, porém, se nos detivermos naqueles que encontram-se mais fragilizados, e que por isso desejam intensamente o poder e o *glamour*, tendendo à transgressão e ao teste dos limites — aqui nos deparamos significativamente com o jovem. Nesta representação, encontramos o substrato daquelas individualidades que mais empunham esta imagem: encaixam-se as características constitutivas do

adolescente-drogadicto. O adolescente não detém com exclusividade o consumo de drogas, porém sua imagem representa alvo consistente para a mídia: é ele quem apresenta o ideal de beleza, perpetuação de saúde e futuro promissor. A ele fica então associado o modelo que se quer seguir, do invejável ideal de bem-estar e felicidade. Como podemos, então, entender a relação entre adolescência e drogas? Torna-se fundamental compreender o fenômeno psíquico da adolescência, juntamente com os conflitos que são acentuados nesta fase, para que se possa relacioná-lo ao consumo de drogas. Abordaremos a seguir a estruturação psíquica do adolescente e as características desta fase, como período especialmente propício à busca da substância psicoativa.

III - Adolescência e drogas

Uma mudança no humor, arrebatamentos freqüentes e uma contínua agitação de espírito tornam a criança quase indisciplinada. Toma-se surda à voz que a toma dócil; é selvagem; desconhece o seu guia, já não quer ser governada (...) É aqui o segundo nascimento de que falei; é aqui que o homem nasce verdadeiramente para a vida, (...) Nós nascemos, por assim dizer, por duas vezes: uma para existir e outra para viver; uma para a espécie e a outra para o sexo (J.-J. Rousseau, in: Morel, A., 1998, Cuidados ao toxicodependente, p. 52).

Como pudemos observar pela análise histórica feita no primeiro capítulo deste estudo, existe o uso e o abuso das drogas, dado que precisa ser ressaltado. As sociedades mais remotas utilizavam-se de drogas psicotrópicas, mas a adicção é fato recente em nossa história. A evolução cultural e o progresso demonstraram alterações na conduta do ser humano. Na sociedade de consumo, como descrevemos, existe um forte apelo ao sucesso, à vitória e ao *glamour*, atributos facilmente adquiridos na ilusão da drogadicção. Entretanto, alguns sujeitos tornam-se dependentes e outros não — hoje os jovens, em sua total maioria, entram em contato com as drogas, mas nem todos realizam um percurso de adicção. Portanto, como propõe a psicanálise e para que possamos compreender este fenômeno, é preciso nos atermos ao sujeito em sua especificidade dentro de um contexto, pois a questão não é a droga em si, mas a relação estabelecida do sujeito com a droga na tentativa de encontrar o simbolismo de tal ligação.

O uso de drogas é um sintoma presente na adolescência por ser este um momento em que, invariavelmente, ocorrem perdas e depressões, tornando-se o jovem invadido por uma fragilidade nem sempre bem elaborada por ele próprio, e nem sempre bem compreendida pelos pais. A vulnerabilidade que advém das modificações psíquicas e corporais, típicas desta fase, facilita a busca de objetos que dêem conta de

amainar o sofrimento decorrente destas transformações e conseqüentes perdas. A droga, assim, pode encaixar-se perfeitamente nesta demanda.

"A adolescência é um percurso cheio de obstáculos, não só oriundos do meio externo como do seu mundo interno. Obstáculos que às vezes tornam-se mais, ou menos problemáticos na sua busca de autonomia. Este terreno instável e pedregoso — a adolescência — é um caminho que o pequeno homem está condenado a trilhar na sua incessante tentativa de liberdade" (Freitas, L. A., 2001, p. 9).

Este percurso é então marcado por conflitos — numa crise que abrange a convivência familiar —, tornando-se o jovem propenso a apresentar sintomas que muitas vezes levam os pais a modificarem a relação que mantinham com o filho. O que antes era calmo e facilmente controlado passa a ser fortemente contestado na grande maioria das vezes. O resultado disto é que pais e filhos vivem um processo no qual é imprescindível múltiplas transformações, de ambos os lados. As modificações a que hoje assistimos de modo geral nos jovens de todas as classes sociais é resultado de uma transformação histórica, na qual, pouco a pouco, o adolescente vem conquistando um espaço no cenário social — um espaço construído através de uma presença que passa a ser marcante, efetiva e muitas vezes incômoda por suas reivindicações e revoltas.

Lembrando Philippe Ariès (1973), podemos constatar que o fenômeno da adolescência é um produto da modernidade, pois de acordo com a história social da criança, mesmo antes do período medieval, o infante passava para a vida adulta conforme as tradições familiares, no viés da continuidade à linhagem da família. A criança tinha sua vida definida *a priori*, não havendo espaço para muitos conflitos em uma realidade traçada desde sempre. A educação era tarefa de outras famílias que não a da criança, onde os adultos eram encarregados de transmitir conhecimentos aos pequenos aprendizes. A finalidade era que estas novas famílias ensinassem um ofício aos infantes, sendo que havia sempre um mestre, ao qual a criança devia reverência absoluta. Na maioria das vezes, o trabalho se resumia em aprender a servir e ajudar seu mestre em todas as atividades. Em alguns casos isolados, segundo o autor, até poderia "ensinar" a criança, e "mostrar-lhe os detalhes de sua mercadoria" ou que deveria "fazê-la freqüentar a escola" (Ariès, P. p. 226). Este era o modo que o homem medieval utilizava para preparar as crianças para a vida em sociedade.

Entretanto, aos poucos este quadro foi se modificando com o fortalecimento da participação da escola na vida da criança, impondo disciplina e preparação moral, conforme ressalta o autor. Os pais passaram a assumir papel importante na educação dos filhos, surgindo uma nova faceta de afetividade nesta relação — anteriormente as famílias não ficavam com as crianças, não se desenvolvendo, portanto, os laços afetivos que hoje observamos presente na relação pais-filhos. Sedimentava-se um sentido de união familiar, inaugurando um modelo de família que privilegiava a preocupação com o futuro dos filhos, não só com relação à educação, mas também à carreira profissional e ao trabalho.

A família moderna caracterizou-se, portanto, pelo aspecto nuclear, havendo uma centralização das preocupações — não há mais uma forma difusa de relação, como ocorria nos profusos contatos da vida na sociedade. Agora, há um marcado sentido de privacidade e particularidade, em que pais e filhos têm características próprias, não mais diluídas numa coletividade, ou seja, num estilo de vida que privilegiava os acontecimentos sociais em detrimento do sentido restrito da vida familiar. A função da família é a educação e a segurança dos filhos, numa relação permeada pela afetividade, sendo que aos poucos as preocupações voltavam-se para questões referentes à vida das crianças, sua relação com os pais, os conflitos, a escolaridade, a adolescência e seus fenômenos físicos e psíquicos, a sexualidade, representando pontos centrais de discussão familiar. Segundo assinala Morel (1997),

"Foi, portanto, em finais do século XIX que apareceu este fenômeno, ligado ao desenvolvimento das nossas sociedades. Num primeiro momento foi um fenômeno próprio dos meios burgueses e citadinos, que o romantismo, no plano literário, traduziu com perfeição. Em seguida, progressivamente, a adolescência tornou-se um fenômeno característico de todas as camadas sociais, a tal ponto que estudos de mercado, planos de urbanismo, programas políticos e produções culturais e técnicas se consagram inteiramente a ela: a juventude tornou-se uma entidade no seio da comunidade. E um motivo de inquietação, também" (p. 53).

A adolescência afirmou-se, então, como um fenômeno complexo, marcante na estruturação psíquica do sujeito. Este momento é um dos mais conturbados no desenvolvimento do sujeito, sendo uma fase caracterizada por conflitos e crises compartilhadas por pais e filhos. No mundo contemporâneo existe, então, as

expectativas dos pais, a fragilidade deste indivíduo em completa transformação, as dificuldades socioeconômicas, a falência da instituição familiar, dentre outros fatores que agravam a crise adolescente. Portanto, a perspectiva era, e continua sendo, de que os filhos possam conquistar lugar de destaque num mundo cada vez mais competitivo, onde confirma-se não haver lugar para todos.

Espera-se do adolescente — ao contrário do que pode oferecer sua estrutura psíquica — a predominância do equilíbrio, da felicidade e da estabilidade. Como isto não é possível, edifica-se, acerca deste sujeito, um mercado de consumo, que supostamente compensaria suas faltas, seus vazios. Este mercado aposta no fato de que o jovem necessita consumir os produtos da modernidade e do progresso, pois vendo-se possuidor destes aparatos tecnológicos, esqueceria, mesmo que enganosamente, sua fragilidade, sua impotência, sua angústia — trata-se do mecanismo de defesa da negação. Consumir drogas adquire, então, um significado especial para aquele que encontra-se num conflito psíquico doloroso, em que a dificuldade de vislumbrar uma saída favorável depende de muitos fatores internos e externos a si próprio. Portanto, diante desta crise, bem como da necessidade constante de contestação, do impulso à transgressão, da busca de liberdade e da conquista de um lugar no mundo adulto, além da pressão social por sucesso profissional e da pressão exercida pelo grupo de pares, é que podemos considerar o jovem como o representante ideal do consumidor de drogas. Parece importante não nos privarmos de uma significativa contribuição de Eduardo Kalina (1999) confirmando esta questão:

"Os adictos, transgressores por essência, são a caricatura dessa modalidade espúria de interpretar as leis, e os narcotraficantes (...) tomam-se os "ídeos", especialmente para os jovens, que são, junto às crianças, os mais expostos às armadilhas publicitárias da sociedade de consumo, que exalta o êxito econômico-político que pode ser obtido burlando-se as leis" (p. 213).

O jovem vive conflitos por suas transformações na passagem da adolescência. Vive uma racionalidade invadida por apelos dos meios de comunicação, que ditam o imperativo do consumo desenfreado: seus valores pendem mais para o ter do que para o ser. Portanto, os valores éticos e morais são desprezados em detrimento dos valores imediatistas do prazer e do "consumismo" desenfreado. Diante da vulnerabilidade que lhe é peculiar, e dos impedimentos óbvios de adquirir tudo aquilo que designa *status* e *glamour*, o jovem parece tornar-se mais frágil, sofrendo seu psiquismo uma pressão

que muitas vezes o faz buscar soluções patológicas para seu mal-estar. Exatamente neste viés, podemos observar o grande contingente de adolescentes, principalmente os de baixa renda familiar, a trabalhar no tráfico de drogas para almejar os ditames da proposta de consumo do sistema capitalista.

Neste processo observa-se que a adolescência caracterizou-se como um acontecimento que é fruto cultural de uma nova organização familiar na era da modernidade. A noção de adolescência vem ganhando consistência desde as décadas iniciais do século XX, tornando-se a época mais desejada e valorizada da vida humana. Porém, a problemática refere-se ao fato de que deseja-se que mais cedo ela chegue e mais tarde vá embora, uma adolescência cada vez mais prolongada, com suas roupas e linguagem específicas, suas músicas e atitudes peculiares, tudo isto constituído por um afã vigoroso. O objetivo parece ser adiar a vida adulta e o envelhecimento, o quanto seja possível, para que permaneça intacto o frescor da juventude numa cultura essencialmente narcísica. Isto ocorre mesmo que, em termos psíquicos, saibamos que adolescência significa crise, configurando-se este fenômeno como um dos momentos conflitivos mais difíceis da vida do sujeito. Segundo Freitas, L. A. (2001),

"A adolescência é um dos momentos mais conturbados do percurso dos homens. Esta fase implica uma desestabilização dos processos e valores que eram anteriormente estabelecidos, gerando com isto uma crise de perplexidade na medida em que estes valores e processos não podem ser utilizados de forma satisfatória neste momento de vida — período este propício ao aparecimento de sintomas que incomodam os pais como a todo o grupo social" (p. 29).

A observação do autor sugere que, momentaneamente, o indivíduo encontra-se numa crise, num processo que antes desenvolvia-se numa determinada linha de estruturação psíquica, e que não pode mais apresentar a mesma continuidade. Ocorre, como sugere, um entrecortado de situações talvez complexas e contraditórias, substrato de um psiquismo cambiante, não apenas pelo próprio dinamismo da mente, mas pela problemática pertinente a um sujeito que já deixou de ser de determinada maneira, porém ainda não tem legitimidade para a autonomia que deseja. Para uma compreensão dos acontecimentos psíquicos da adolescência, bem como da drogadição como um sintoma, faz-se necessária uma análise dos processos envolvidos, sendo oportuno, primeiramente, compreender a origem e o significado do termo adolescência:

"(...) *adolescere* tem suas raízes na civilização greco-romana, que empregava o verbo *adolere* (*adoleo, adolui*) para designar arder, queimar, sendo também essa a origem do nome *adulto* (*adultum*). Esse verbo, entretanto, inclui um prefixo — *ad* —, que indica direção (em direção a). A raiz da palavra, encontramos-la em *dolere* (*doleo, dolui*) — se traduz por sofrer uma dor, lamentar, estar triste —, bem como no adjetivo *dolens* (doloroso) e no substantivo *dolor* (dor)" (Pinheiro, M. 1999, p. 232).

Podemos compreender, então, que o sentido de *adolescere* aponta para algo que refere-se a "instabilidade", ou mesmo a "dor". Juntando a esta compreensão o entendimento psicanalítico do fenômeno adolescência, sempre recorrendo a autores que nos forneçam, à luz da psicanálise, aspectos referentes a este processo, podemos firmar o propósito de analisar o conflito adolescente aliado à drogadição.

1 - Os transtornos na adolescência

O momento adolescente é caracterizado por profundos conflitos, questionamentos e revoltas com relação às regras e leis impostas pela sociedade. Em torno do pivô da crise da adolescência — as perdas —, giram fenômenos, tais como, a depressão, a impotência e a onipotência, as transformações internas e externas, as identificações e a sexuação. Por isso, faz-se necessária uma investigação acerca da realidade psíquica do jovem, na tentativa de compreender seus anseios, suas buscas e questionamentos.

Conforme a contribuição de Arminda Aberastury (1978), sabemos que na adolescência o sujeito vive uma dor referente a três perdas primordiais: a perda do corpo infantil, da identidade infantil e a perda dos pais protetores da infância. Nesta passagem há o reviver do conflito edípico, e a masturbação representa importante papel facilitador no reconhecimento das conturbadas modificações corporais e também uma via através da qual o adolescente luta contra a consumação do incesto na reedição do conflito edípico. Ele agora pode realizar o incesto concretamente, o que pode causar angústia, com características perturbadoras. Esta é uma das fontes do

conflito do adolescente, que o pressiona, causando os mais diversos sintomas.) *
 Portanto, segundo a autora,

"Na adolescência, a masturbação assume, assim, um significado totalmente novo de defender o jovem do incesto, já que as fantasias incestuosas passam a ser possíveis na realidade (...) a masturbação desempenha também um papel fundamental na estruturação do esquema do corpo" (Aberastury, 1983, p. 20).

Desta forma, podemos compreender a função da masturbação neste momento característico do jovem. A sexualidade, de modo imperativo, desponta associada à necessidade do desejo pelo outro, porém impregnada de fantasias incestuosas. Este fenômeno não existe, obviamente, sem estar mesclado de características perturbadoras do psiquismo, como as radicais transformações do mundo interno. Podemos então compreender o fato de que a pregnância da masturbação, além de fazer funcionar os órgãos sexuais, tenta negar a necessidade de um outro, já que faz, fantasiosamente, o papel deste que lhe falta. Isto é imprescindível para a desvinculação narcísica do objeto primeiro: com a masturbação há a possibilidade de desprendimento do objeto primitivo para outros substitutos. Aberastury (1983), em valiosa contribuição, afirma que:

"Só a maturidade lhe permitirá mais tarde aceitar-se independente, dentro de um marco de necessária dependência. Mas ao começo, mover-se-á entre o impulso ao desprendimento e a defesa que impõe o temor à perda do conhecido. É um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e o ambiente circundante. Este quadro é com frequência confundido com crise e estados patológicos, o que alarma o adulto e o leva a buscar soluções equivocadas" (pp. 15-6).

O que parece patológico na conduta do adolescente, por suas constantes inquietações, pode não se configurar desta maneira. Entretanto, em alguns casos, assim se constitui, principalmente, por interferências familiares que muitas vezes atuam negativamente nestes processos. As exigências de perfeição idealizadas pelos pais causam sérios prejuízos a um sujeito que se estrutura em meio a tantas modificações psíquicas e corporais, cuja sexualidade é ainda incipiente, ao mesmo tempo que premente pelo clamor fisiológico. Cabe ressaltar que a diferença que se instala aqui é que na sexualidade infantil ainda não há a possibilidade concreta da relação sexual,

como ocorre na adolescência, podendo a fantasia incestuosa ser efetivada. Como não sucumbir diante de tamanhos conflitos? Como suportar tantas exigências, tratando-se de um psiquismo que, ainda frágil, estrutura-se meio a perdas e depressões e, portanto, caracterizado principalmente como falho e particularmente vulnerável? Exatamente neste processo conflitivo, muitas vezes dotado de características bélicas envolvendo pais e filhos, observamos que o adolescente torna-se recluso. Encontra-se insatisfeito com suas mudanças corporais e, não aceitando suas transformações, pode buscar refúgio em seu mundo interno, isolando-se.

Pode ocorrer também uma propensão do jovem a tornar-se revolucionário, a fim de modificar a realidade externa, já que parece inconsolável com tudo que acredita como errado em si mesmo. Como conclui que é inútil tentar conter ou modificar suas transformações físicas e psíquicas, tenta negá-las, partindo para mudar aquilo que julga errado fora de si mesmo. "Daí sua ânsia de reforma social" (Aberastury, 1983, p. 228). Portanto esta viagem interna serve como meio para suportar sua angústia, cabendo ressaltar, entretanto, que Aberastury (1983) define que a qualidade desta crise estaria em conformidade com as características deste mundo interno: se constituído de elementos familiares e socioculturais impregnados de conturbações intensas e destrutivas, podemos supor que, na maioria das vezes, ocorram prejuízos na estruturação psíquica do sujeito. Portanto, segundo a autora,

"Esta crise intensa soluciona-se transitoriamente com uma fuga do mundo exterior, um refúgio na vida da fantasia, no mundo interno, com o aumento da onipotência narcisista e a sensação de prescindência do externo para poder iniciar dali conexões com novos objetos do mundo externo" (p. 229).

Estes aspectos são muitas vezes agravados em função da dificuldade dos pais em reconhecer o desprendimento do filho, ressaltando que a adolescência não consiste num problema exclusivo do jovem. Os pais não são mais os líderes ou ídolos de outrora, tendo que aceitar uma relação crivada de "ambivalências e críticas" (Aberastury, 1983, p. 16). Entretanto, resistentes, os pais tendem a apresentar dificuldades em aceitar a maturação intelectual e sexual dos filhos, sendo este um dos fatores que os faz qualificar a adolescência como um período difícil. Estes impasses parecem levar a uma exigência desmesurada por parte dos pais, que tentam insistentemente reencontrar aquele filho antes ligado a si mesmos, numa relação de dependência, quando correspondia pacificamente às solicitações parentais. O

resultado é que o jovem pode se encontrar, portanto, numa condição de constante frustração por ser impossível corresponder aos ideais esperados. E ainda, ao negar suas limitações, pode também buscar soluções mágicas para suas dores, numa tentativa de burlar sua impotência indesejável — aqui pode se dar um encontro de caráter decisivo com as drogas, se este for consolidado em bases permanentes, e não apenas em experiências transitórias. A dificuldade desta crise também está centrada na incapacidade do jovem em aceitar as limitações próprias da vida: é preciso que construa, a partir de seus conflitos, seus objetivos e ideais, elaborando satisfatoriamente a ambivalência originária da necessidade de desprendimento dos pais. Contudo, como já dissemos, este processo não transcorre de maneira tranqüila em muitos adolescentes, sendo um percurso doloroso e acidentado, não livre do desejo de onipotência para garantir o aplacamento da impotência que ronda seu psiquismo. Consumir objetos que "apaguem" esta impressão de falha, que enalteçam o eu diminuído e menosprezado, é uma alternativa típica dos jovens, inclusive o uso de drogas, que promete anestesiar ilusoriamente a fragilidade e a impotência pertinentes à sua realidade.

Segundo Aberastury (1983), o essencial da adolescência é o desejo e o temor de entrar no mundo do adulto — o jovem anseia por entrar no mundo adulto, mas não quer passar pelos transtornos da adolescência. A transformação corporal, que é a "essência da puberdade" (p. 227), coloca o jovem numa diferente posição frente ao mundo: estas modificações trazem ansiedade, e "o adolescente faz uma fuga progressiva do mundo exterior e busca refúgio em seu mundo interno" (p. 227). Portanto, podemos compreender que a crise adolescente caracteriza-se principalmente, conforme a autora, pelo choque entre o mundo interno e a realidade externa, o que vai definir a duração e a qualidade desta crise.

"O mundo exterior, aceitando ou rechaçando sua riqueza crescente, permitir-lhe-á ou o impedirá de desenvolver o que considero típico do pensamento e da ação do adolescente"
(Aberastury, 1983, p. 227).

Assim, ao ver-se na insegurança provocada por estas mudanças, o futuro adolescente começa a criticar os adultos para estar em igualdade com eles, desvalorizando sua imagem e atitudes, e competindo com os pais no intuito de aniquilá-los, "para que não seja possível a vingança" (Aberastury, 1983, p. 228). À medida em que vai obtendo êxitos nesta disputa, o jovem vai se dando conta de que

existe a possibilidade de a competição e o ódio caminharem junto com sentimentos de amor e reconhecimento da ajuda adulta. Contudo, mesmo nesta aquiescência o jovem passa a apresentar desejos revolucionários de mudança externa, assim como necessidades de reformular sua vida interna. Isto normalmente se dá pela dor de perder elementos de seu mundo interno, parecendo erigir uma "defesa contra modificações incontroláveis internas e de seu corpo" (Aberastury, 1983, p. 228). Neste momento, o adolescente recorre a sentimentos e atitudes onipotentes: numa tentativa de negar suas transformações internas, passa a apresentar necessidades e projetos de transformação exteriores. Assim, conforme a autora, o jovem procura obter garantias de que terá satisfação na nova circunstância externa que terá que enfrentar. Onipotente, portanto, por vezes recorre a um tipo de pensamento mais intelectualizado, apresentando uma busca de solução para os problemas que o cercam, similar ao que ocorre no pensamento mágico infantil. Como podemos observar, tantas reformas e modificações não poderiam ocorrer sem os conflitos mencionados anteriormente.

No entanto, mesmo como protagonista de tantos conflitos e atritos, e tal qual podemos observar na realidade contemporânea, exige-se do jovem muito mais do que este pode oferecer: exigência advinda dos pais e da própria cultura que oprime aquele que se apresenta frágil, perdedor. O momento sociocultural atual não deixa espaço para fracassos. A solução para alguns, que diante desta realidade não conseguem se desvencilhar dos ideais narcísicos da infância, seria o ato impulsivo de usar drogas, por exemplo, ao invés de entrar em contato com seus conflitos psíquicos, elaborando-os. A droga teria a função de anestesiá-la dor provocada pelos inúmeros conflitos do jovem, ocorrendo muitas vezes o uso abusivo, o que pode chegar à dependência vista como um sintoma.

"A instância do Ideal do Eu — constituída, por um lado, pelo deslocamento da onipotência narcísica infantil, e, por outro, pelas identificações com as figuras parentais — é especialmente marcante, tanto na sua exigência implacável de perfeição quanto na crítica exacerbada sobre si mesmo. A exigência do ideal é correlata a uma posição fálica do sujeito, onde o herói imaginado é aquele que Tem, e que, portanto, É (...)" (Gurfinkel, 1993, p. 133).

Um dos conflitos, a angústia de castração, muitas vezes leva o indivíduo a desejar o retorno da onipotência narcísica infantil perdida. Ocorre que, para se opor à impotência que ronda seu psiquismo, o jovem vislumbra, no outro extremo, a

onipotência, como forma de negar a angústia de castração. Neste espaço, gerado pelo conflito, cabe perfeitamente a droga, com sua promessa de poder e onipotência, anulando as dores psíquicas causadas pela depressão em função das perdas. Levando-se em conta a subjetividade, podemos observar a presença de uma questão sintomática: o uso de drogas fica restrito à singularidade de cada caso, na historicidade do sujeito, não podendo ser pensado apenas como uma categoria nosológica.

Ao trabalhar a questão do luto vivido pelo adolescente, Aberastury (1978) refere-se à depressão como um sintoma resultante das perdas sofridas, como anteriormente mencionado: luto pela perda da identidade infantil, pela perda de um corpo de criança e pela perda dos pais protetores da infância. Cabe ressaltar a contribuição de Mauricio Knobel (1983), que acrescenta ainda o conflito pela perda da bissexualidade infantil. Neste caso, segundo o autor, a masturbação exerce a função de elaborar a necessidade de ter um companheiro sexual que é negado por enquanto, ou seja, ocorre a negação de que se tem um só sexo e que, portanto, precisa-se do outro. Entretanto, na puberdade já pode ocorrer a procriação, o que gera angústia pelas fantasias incestuosas. Assim, o jovem pretende, através da masturbação, recuperar o sexo perdido da bissexualidade infantil — a masturbação ocorre como tentativa de negação desta perda. O trabalho de elaboração destes lutos é doloroso e demorado, por isso o processo adolescente muitas vezes assemelha-se a uma configuração patológica. Porém, conforme Aberastury, não podemos deixar de apontar que estamos tratando de um fenômeno que jamais pode ser considerado unilateral. Os pais também vivem este conflito, pois precisam desprender-se do filho infantil, dependente, que valida sua imagem de liderança. O filho denunciara aquilo que os pais mais temem em geral: o envelhecimento, a finitude.

"Ao perder para sempre o corpo de seu filho criança, vê-se enfrentando a aceitação do devenir, do envelhecimento e da morte. (...) a capacidade e os ganhos crescentes do filho obrigam-no a avaliar seus ganhos e fracassos. Neste balanço, nesta tomada de contas, o filho é a testemunha mais implacável do realizado e do frustrado. O conflito se instala, pois, quando aparecem as primeiras modificações corporais e se define o papel procriador. Agora o filho é duplamente rival. Pode assumir a paternidade ou a maternidade biológicas. Converte-se em um sério competidor na situação incestuosa porque já tem o instrumento para consumá-la. É aqui que começa o verdadeiro drama edípico" (Aberastury, 1978, p. 16).

Portanto, podemos observar que trata-se de um conflito de dupla vertente, bilateral, envolvendo pais e filhos. Um conflito que envolve, em essência, um corpo que se transforma e uma sexualidade ainda desconhecida, sendo que a masturbação ajuda neste reconhecimento de um corpo que foi perdido para sempre. Permanecer na fusão narcísica mãe-filho, numa vertente incestuosa, impede o adolescente de vivenciar o Édipo. Este duplo luto, portanto, aponta para a dificuldade dos pais em aceitar o filho e vice-versa.

2 - Separação do objeto primário e capacidade de simbolização

Ressaltamos que o adolescente revive dois conflitos básicos: o conflito pela separação e perda do objeto, e o conflito edípico. Quando ocorrem as experiências iniciais de separação e conseqüente perda do objeto primário (mãe) em estágios primitivos da existência humana, formam-se as possibilidades de representação psíquica ou simbolização. Desta maneira o ser humano lida com o desamparo e a frustração, e seu psiquismo vai sendo estruturado ao mesmo tempo em que vive esta falta substancial. Aqui o sujeito começa efetivamente a ser inscrito na linguagem, vivendo a ambivalência do conflito dependência-independência entre o eu e o objeto. A separação do objeto primário promove uma diferenciação entre o eu e o não-eu (Winnicott, 1971), resultando num conflito gerado pelo desprendimento desta relação narcísica e fusional com a mãe. Com isto, encontra-se uma realidade que não resguarda o indivíduo na onipotência, na completude — há a impressão do desamparo psíquico, mencionado acima. Esta situação se repete na adolescência, quando o jovem se desprende das relações intra-familiares de dependência para alcançar sua autonomia, num reviver edípico.

"A reedição deste conflito se dá, na adolescência, em relação à família (pais, irmãos), já que a passagem da endogamia para a exogamia implica a perda e luto pelos 'objetos familiares' " (Gurfinkel, 1993, p. 132).

Se o jovem consegue uma estruturação psíquica satisfatória, suportando o conflito imanente à separação, podemos constatar que este sujeito vai depender de uma multiplicidade de objetos de investimento para lidar com a falta, com a

incompletude de seu ser. Mas se, ao contrário, precisa se fixar em um objeto único — a droga, por exemplo — para suportar este conflito, pode tornar-se dependente, ou adicto, segundo Winnicott (1951). Desta maneira, ao pretender autonomia e independência dos pais, o adolescente pode encontrar na droga o estandarte da onipotência. Porém, ao contrário, e sem se dar conta deste movimento inconsciente, torna-se mais dependente, fixado na posição narcísica, em que busca a completude na fusão simbiótica com a mãe. Portanto, dependente da droga, o sujeito continua evitando o encontro com os incômodos da existência.

Compreendendo a gênese deste processo através das articulações feitas por Winnicott (1952), podemos situar, nos primórdios do desenvolvimento humano, a capacidade do bebê para usar a ilusão. Sem ela, não seria possível que estabelecesse uma relação entre psique e realidade exterior. A ilusão corresponde a um espaço em que o bebê encontra a possibilidade de um consolo para seu desamparo, quando da necessidade de suprir uma frustração imposta pela realidade externa, como a falta da mãe, por exemplo. Nestas circunstâncias podemos concordar com o autor quando afirma que

"O amor da mãe e sua estreita identificação com o bebê fazem-na consciente da necessidade deste, o que a leva a providenciar alguma coisa mais ou menos no lugar certo e no momento certo. Esta situação, muitas vezes repetida, dá início à capacidade do bebê para usar a ilusão, sem a qual nenhum contato seria possível entre a psique e o ambiente" (Winnicott, 1952, p. 311).

Segundo o autor, o bebê utiliza-se de objetos para que, através deles, realize esta capacidade de devaneio ou ilusão — são os *objetos transicionais*. Desta forma estrutura-se a capacidade do sujeito de aceitar a realidade frustrante com a qual se depara a todo momento à sua volta. Os adultos, por exemplo, vão utilizar-se da arte e da religião como um tipo de "recreio" (Winnicott, 1952, p. 311) nas suas tentativas de aceitação da realidade. Mas em que sentido podemos apreender o significado da adicção a partir desta teoria? Como podemos compreender a busca da droga como forma de evitar os infortúnios que nos cercam na realidade em que vivemos? Winnicott esclarece que:

"Estou neste momento apresentando a minha reivindicação de que existe um estado intermediário entre a incapacidade do bebê de reconhecer e aceitar a realidade, e sua crescente capacidade em

fazê-lo. Estou, portanto, estudando a substância da ilusão, aquela que admitimos na criança, e que na vida adulta é inerente à arte e à religião" (Winnicott, 195, p. 318).

Desde o início da vida, a criança vai utilizar-se de objetos transicionais para amenizar suas angústias, mas gradativamente, segundo o autor, há um alargamento na amplitude destes interesses iniciais. De outra maneira, podemos dizer que estes objetos primários vão sendo desinvestidos, substituídos, não que sejam esquecidos, mas seu sentido inicial vai sendo perdido. Surgem outros, ou mesmo múltiplos objetos de interesse. Conforme o autor, "os fenômenos transicionais tomaram-se difusos, espalharam-se sobre todo o território intermediário entre a 'realidade psíquica interna' e o 'mundo externo'" (Winnicott, 1951, p. 321). Aqui irão definir-se a patologia ou a saúde mental, onde na direção saudável encontra-se o espaço da ilusão preenchido pela brincadeira, a criação, a apreciação da arte, dentre outros. Por outro lado, numa fixação obviamente contrária ao alargamento na amplitude dos interesses iniciais e, conseqüentemente, à saúde, temos o fetiche, a mentira e o roubo, assim como a adicção a drogas, conforme aponta o autor. O fato a se assinalar é que a mãe possui importante papel neste processo: ela precisa se desprender de seu filho, para que este prossiga em seu desenvolvimento, em que a frustração é pertinente e necessária. Assim, a capacidade de simbolização, ou seja, a representação psíquica vai tomando o lugar da necessidade imperiosa do desejo do bebê, de satisfação absoluta das necessidades. Caso contrário, podemos supor a construção psíquica de um sujeito essencialmente dependente se desenvolvendo.

Podendo se instalar esta capacidade psíquica de simbolização, o outro é compreendido como separado, há uma diferenciação — delineia-se a alteridade e a entrada do sujeito no registro do simbólico, permitindo então a representação psíquica do desejo. Assim o sujeito suportaria as frustrações que lhe são impostas pela própria existência, resultantes da sexuação, e da convivência com o outro. No entanto, se há um déficit no que se refere à perda e à recriação do objeto, ou seja, um déficit nesta capacidade de representação psíquica, a droga pode se apresentar como um "objeto transicional" de acordo com Winnicott (1951, p. 317), para que o sujeito, no caso o adolescente, suporte a dor da falta. Portanto, como o desejo nunca é satisfeito, a droga é utilizada num deslocamento metonímico perigoso, para negar a perda ou a separação do objeto primordial mãe. Um trauma na separação entre o bebê e a mãe pode trazer danos psíquicos que se manifestam muitas vezes na adolescência, ao

haver a revivescência do conflito de separação. Esta ferida no narcisismo pode levar o jovem a buscar o retorno a um estado anterior de completude, de fusão com a mãe — a droga serve a este propósito, quando anestesia a dor da falta e promete a onipotência narcísica perdida.

Ao descrever "a ilusão e o valor da ilusão", Winnicott (1951, p. 327) considera que o espaço transicional representa os primeiros estágios do uso da ilusão. Ao atender as necessidades da criança, a mãe a coloca numa posição de onipotência, pois proporciona tudo ao bebê — a mãe é parte dela. A criança tem a ilusão de que a plenitude é possível e, só posteriormente, com as experiências de desilusão promovidas pela própria mãe, é que poderá experimentar a frustração resultante da relação entre realidade interna e realidade externa. O alívio para esta tensão, segundo o autor, é garantido pelo espaço intermediário, constituído pelos "fenômenos transicionais e objetos transicionais" (p. 328). Assim, o bebê adquire a capacidade de criar, simbolizar. Já a adicção, segundo Winnicott (1951), pode ser explicada, possivelmente, por haver uma regressão a um estágio inicial dos fenômenos transicionais, onde existiria uma falha na delimitação ou na separação entre os campos materno e o do bebê. Assim diz o autor:

"A adaptação da mãe à necessidade do bebê, quando suficientemente boa, dá a este a ilusão de que existe uma realidade externa que corresponde à sua capacidade de criar" (p. 328).

Ainda declara Winnicott (1951) que

"(...) o processo de aceitação da realidade jamais se completa, que nenhum ser humano está livre da tensão de relacionar a realidade interna à realidade externa, e que o alívio para essa tensão é proporcionado pela área intermediária de experiências, a qual não é submetida a questionamentos (...). Essa região intermediária continua de modo direto a área do brincar da criança pequena que se encontra 'perdida' em sua brincadeira.

Na primeira infância, essa região intermediária é indispensável para que se inicie um relacionamento entre o bebê e o mundo, e sua existência se deve à maternagem suficientemente boa na crítica fase precedente. A continuidade (no tempo) do ambiente emocional externo e de elementos específicos do ambiente físico, tais como

o(s) objeto(s) transicional(is), é essencial para que isto tudo possa acontecer" (p. 329).

Usar drogas, portanto, pode significar uma busca de alívio de tensão pela separação do objeto e não satisfação da demanda pulsional. A tendência compulsiva ao uso da droga na busca de prazer imediato, pode ser explicada conforme o funcionamento do processo primário, sem nenhuma mediação com o processo secundário, que é regido pelo *princípio de realidade* — o postulado que rege o psiquismo, segundo Freud, é a busca do prazer e a evitação do desprazer. O narcótico exerce a função de anestesiar, impedindo a ação de estímulos desagradáveis, num mecanismo que obedece a uma maneira infantil de agir — de acordo com o pensamento mágico-onipotente, próprio do funcionamento psíquico da criança. Freud, em "Mal-Estar na Civilização" (1930) ressalta:

"Descobriu-se que uma pessoa se torna neurótica porque não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe, a serviço de seus ideais culturais, inferindo-se com isso que a abolição ou redução dessas exigências resultaria num retorno a possibilidades de felicidade" (1930, pp. 106-7).

Esta crença de anulação da infelicidade pode ser considerada o motivo de impulsos, tais como a busca de drogas para alívio das pressões internas: restringir as exigências externas desta maneira, acredita-se, resultaria no alívio para um sujeito oprimido. Entretanto, este mal-estar é, também, advindo de pressões psíquicas internas, resultantes da relação do indivíduo com a cultura, na apreensão que este faz da realidade externa. O conflito refere-se ao fato de que o sujeito está vulnerável pelo confronto entre a força das pulsões e as exigências socioculturais. Conforme Freud, o estado de felicidade permanente buscado pelos homens não é possível. A questão é como o sujeito poderá, através de seus recursos psíquicos, e independente das circunstâncias externas, encontrar a felicidade sempre de forma reduzida e temporária, como sabemos ser possível. A plenitude jamais será alcançada, aquela tão desejada, referente a um estado fusional narcísico com a mãe, perdido há muito.

"É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tomar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos. Nisso, sua constituição psíquica desempenhará papel decisivo,

independentemente das circunstâncias externas" (Freud, 1930, p. 103).

Lembrando Winnicott (1951), por sua especial fragilidade é principalmente para o adolescente — que revive o conflito de separação e perda do objeto — que surge a possibilidade da droga como um espaço de ilusão, supostamente aliviando um sujeito sufocado pelo excesso de realidade, com exigências de perfeição. A droga seria a solução mágica para uma estrutura psíquica que não suporta frustrações. Portanto, o ideal que se cria é o de consumo desenfreado, numa compulsão interminável pela busca do objeto ideal. Ora, a pulsão caracteriza-se pela variabilidade e pela contingência do objeto — não por sua fixação —, o que permite que o objeto do desejo possa ser indefinidamente deslocado ou substituído e criado, dependendo da situação. Portanto, podemos compreender o momento adolescente, por sua vulnerabilidade, como tremendamente propício ao uso da droga para alívio de suas tensões e fraquezas, podendo levar à dependência se, ao invés da variabilidade, o objeto buscado for caracterizado pela fixação.

O adolescente, então, marcado pela vulnerabilidade, progride e regride incessantemente; é pressionado socialmente para obter êxito; submete-se a exigências de uma sexualidade que ainda é incipiente; é ameaçado pelas mudanças nas relações objetais e pelas perdas. Pode-se concluir que, momentaneamente, ocorre um "balançar" de suas estruturas psíquicas, o que o torna envergonhado e o faz sentir-se inferiorizado e imaturo. Por isso necessita identificar-se com os ídolos que correspondam às suas necessidades de idealização, para descatexiar as imagens paternas, originárias, e constituir o ego — são os objetos de identificação na construção do eu.

Paralelamente, o jovem precisa de um "outro" dotado de características que satisfaçam as necessidades primitivas de idealização, ou seja, um outro eu através do qual busca restaurar o narcisismo em desequilíbrio. Desta forma o adolescente buscaria o eu ideal que foi perdido, na tentativa de evitar a dor da castração que precisa enfrentar, por se deparar com a sexuação e a finitude — fica constatada a impossibilidade da onipotência. Portanto, por um lado observamos que o jovem pode utilizar-se de objetos para que suporte esta falta, identificando-se e buscando ideais no caminho para a independência, ou, por outro, usar a droga na tentativa de perpetuar este estado de fixação narcísica. Assim, Aberastury (1978) aponta a figura do "duplo" (p. 237) criada pelo adolescente nesta ligação com objetos externos. Quando há o

encontro no mundo exterior com "(...) o duplo de seu objeto de fantasia (...)" (p. 237), ou "(...) com o amigo feito à sua imagem e semelhança (...)" (p. 230), o jovem encontra um suporte para satisfazer suas necessidades primitivas narcísicas. Esta figura pode ser facilmente encontrada nos casos de enamoramento, nos pactos de amizade eterna, ou no diário íntimo, todos representantes da configuração alteritária. Ao utilizar-se destes objetos como sustentação, o adolescente não se supõe mais completo, buscando então identificações e outros ideais, rumo a uma vida adulta.

3 - O consumo de drogas como tentativa de restaurar a incompletude

Parece difícil, para determinados sujeitos, suportar a possibilidade do desamparo gerada pela frustração que ressurge na adolescência — usar drogas, muitas vezes, configura-se como uma saída para tais transtornos, na tentativa de restauração da incompletude. Lidar com as perdas também pode se configurar uma situação bastante penosa, sendo que, no caso de drogadição grave, o vínculo com o objeto-droga é muito intenso. Esta forma de prazer passa a ser exclusiva, e o luto por perder esta condição tão necessária, quanto vital, torna-se insuportável.

Enfrentar a *falta* passa a ser "a questão" para o drogadicto, que não a suporta e evita viver o luto a todo custo, qualquer que seja. Não suporta a falta da droga, pois esta o remete à falta arcaica, a primeira. Assim, o desejo, que é absoluto e direcionado a um objeto único, faz-se tão necessário que podemos chamá-lo de vital, como uma necessidade básica ou mesmo de sobrevivência. São as especificidades da história do sujeito que vão definir sua dependência da droga, em sua posição de Narciso eternizado, porque a dependência possui seu significado, simbolicamente falando. Segundo Olievenstein (1989), precisa-se levar em conta certas circunstâncias pertinentes ao fenômeno da drogadição:

1º) A primeira é que a droga existe sem o toxicômano. O objeto droga, matéria inerte, existe, sempre existiu, em todos os tempos e todos os lugares;

2º) Diante deste objeto, a atitude do homem é variável, conforme o espaço, a ideologia, o lugar e o momento sociocultural;

3º) Em um mesmo momento sociocultural, a atitude dos indivíduos é variável, conforme a vulnerabilidade pessoal ligada à história do sujeito diante da falta;

4º) Toda a falta no ser humano remete a uma outra falta arcaica, e é nisso que se situa a especificidade da dependência humana.

Resumimos tudo isso na seguinte equação: o encontro de um produto, com uma personalidade e um momento sociocultural" (p.14).

Compreendida como um sintoma, portanto, o significado da drogadicção pode ser apreendido no delicado trabalho de escuta psicanalítica, em que a promessa gira em torno de uma reconstrução psíquica, na tentativa de reconhecer a ligação do sujeito com a droga, descobrindo o significado simbólico de sua função.

De acordo com a compreensão psicanalítica, o sintoma adolescente surge quando a criança renuncia à plenitude do paraíso infantil, aceitando o interdito do incesto perante uma genitalidade para a qual tem de se lançar. Ainda não tem acesso à sexualidade e já rompeu com a bissexualidade infantil: porém é cobrado pela sociedade a empunhar sua potência. Neste conflito instala-se o sintoma. Entretanto, é primordial esclarecer que o adolescente, dono de uma estrutura psíquica incerta e cambiante, utiliza-se da ação em sua crise — age ao invés de elaborar psiquicamente seus conflitos.

Segundo Gurfinkel (1993), podemos ressaltar a presença desta questão referente ao adicto: este utiliza-se da atuação, ao invés de compreender o simbolismo existente na busca da solução mágica oferecida pelas drogas. O adicto usa ou consome objetos externos para resolver problemas internos, revelando um déficit nos processos de simbolização e representação psíquica — como se em sua constituição psíquica não houvesse espaço para tolerar as tensões. Então, ele age para eliminar tensão psíquica, num funcionamento primitivo, pela descarga, eliminando o desprazer, como veremos mais adiante, segundo a teoria freudiana. O adicto, como se sabe, não tolera nem a frustração, nem a espera — ele quer tudo e já. Assim, os processos de elaboração psíquica demonstram-se diminuídos, como que atrofiados, sendo que a representação psíquica só pode se estruturar com a experiência da ausência do objeto da realidade material. Nesta vertente temos, portanto, o fenômeno da adolescência, fase em que o jovem tende mais à atuação pela fragilidade e pela depressão a que se

submete, tornando-se mais difícil o trabalho de elaboração psíquica, e havendo por isso uma propensão à busca de objetos que tragam soluções imediatas, anestésiantes, que adormeçam suas dores psíquicas.

Olievenstein (1989) denomina "estágio do espelho quebrado" (p. 17) esta espécie de trauma na simbolização ou na capacidade de representação psíquica, comum ao drogadicto. Segundo o autor, ocorre um problema no rompimento da fusão mãe-filho; não que este rompimento não aconteça, mas há um trauma neste processo. Portanto, onde a diferenciação mãe-filho acontece, na contingência da descoberta de si e do outro, há uma ruptura, o espelho se parte, refletindo uma imagem rota e incompleta — há um vazio que remete o sujeito para "aquilo que existia anteriormente — a fusão, a indiferenciação" (Olievenstein, 1989, p. 86).

"Certamente, é da incerteza inicial, de ser ou não ser, de ser amado ou de não ser amado, de ser moça ou rapaz, que sofre o sujeito desde quando o espelho se quebra, e drogar-se não tem sentido, senão pelo prazer de início, na dependência logo depois, não havendo incerteza senão quanto a única escolha possível: recomeçar ou não (...)" (p.18).

Neste estado narcísico fusional no qual permanece o futuro drogadicto é que podemos encontrar a explicação para sua busca de prazer imperiosa, para que consiga eliminar a incerteza sobre si e a dor da falta — consumir drogas trará a impressão, pelo menos no início, da onipotência. No entanto, muito rapidamente pode se instalar uma dependência maciça, na medida em que sedimenta-se a negação da impotência e do desamparo. Segundo Olievenstein (1989), há um saber no drogadicto em que a dependência limita a liberdade. Entretanto, parece haver ainda mais forte a convicção de que a "dependência" liberta dos temores, das faltas, do mal-estar da existência humana, desde o incômodo do traumatismo inicial — do estágio do espelho quebrado —, quando o sujeito não pode seguir na direção de uma construção psíquica saudável, não alienada ao outro. Um trauma na capacidade de simbolização impede que o sujeito represente psiquicamente o objeto do desejo que sempre lhe falta: ele não consegue estabelecer substitutos, nem suportar a frustração, fixando-se de modo dependente no objeto primeiro, supostamente restaurador da incompletude. Desta forma, segundo Olievenstein (1985),

"Vemos então se delinear mais claramente o papel desempenhado pela droga (...): preencher os vazios do espelho,

anular o real (fonte de angústia total), reencontrar no acme da emergência a Unidade identificatória, (...) reviver a época de lactente, sem culpa e sem sexualidade, logo, sem problemas. A droga, o papel da droga, é de se colocar aí, em lugar da ruptura e de anulá-la neste momento preciso" (p. 90).

Portanto, repetidamente, o drogadicto vai buscar no objeto-droga a referência daquele prazer supremo, sempre na vertente da transgressão. Quando ainda não existe a droga, segundo Olievenstein, a transgressão se dá pela vertente da "sexualidade, principalmente pela tentação da androginia, em que procura encontrar na dupla-face uma completeza para sua identidade fragmentada" (1989, p. 16). A angústia gerada por esta solução protética re-instaura continuamente o decantamento de sintomas. Assim, resta ao sujeito, nesta situação de declarada autodestruição, o enfrentamento da negativa, do limite, ou seja, do reconhecimento de sua condição de mortal. Desde o primeiro momento, a figura paterna precisa ser convocada a exercer sua função como propiciador da castração simbólica, interpondo-se entre mãe e filho, para dissolver a fusão que, sabidamente, pode levar a constituições psíquicas patológicas.

4 - Função paterna, família e drogadicção

Quando o adolescente apresenta um sintoma, significa que está *falando* algo que não consegue dizer de outra maneira. O jovem está invariavelmente conflituado e vulnerável, cheio de dúvidas e confuso. Pois é nesta circunstância que lhe é apresentada a droga, a anestesia para tantas perturbações nas quais está imiscuído. Ao passar a consumir este produto pode transformar-se num adicto, demonstrando, com seu sintoma, que não foi possível "falar" de suas angústias, negando-as e anestesiando-se, passando por isso a "atuar". Exatamente no seio da família configuram-se os acontecimentos psíquicos, determinando a constituição do sujeito, onde as figuras parentais precisam desempenhar suas funções de modo a promover a saúde mental dos filhos.

A família parece apresentar-se atualmente cada vez mais destituída de suas funções e enfraquecida. O universo dos filhos é alargado, porém não sem incertezas,

conflitos, insucessos, angústias e tendências a fugas. Já não há mais o consenso educativo de antigamente, sendo que, mais do que nunca, a família tateia na possibilidade de encontrar seus referenciais na maneira de lidar com os filhos. Segundo Freud (1937), educar é uma missão impossível; porém tal advertência torna-se aquilatada na modernidade, em que as normas transmitidas aos filhos perdem uma porção de sua função de instaurar a lei social. Portanto, torna-se consenso que educar

"É uma prática difícil, já que implica uma sintonia fina entre o que se deve permitir no incentivo à liberdade e o que se deve reprimir para facilitar a inclusão na vida societária" (Freitas, L. A., 1998, p. 8).

Os limites tomam-se insuportáveis a um eu-narcísico — característico do reviver edípico da adolescência —, ao mesmo tempo em que o filho torna-se "vítima de um vazio de pontos de referência e de demandas não satisfeitas" (Lima Freitas, A., 1998, p. 2). O pai, segundo a autora, torna-se afastado daquela figura protetora e amorosa de que o filho necessita. Além disso, na sociedade capitalista de consumo, ele precisa da luta diária pela sobrevivência, transformando-se muitas vezes num indivíduo frágil, travestido de onipotente, e por isso distante daquilo que fica caracterizado como "fraquezas", ou seja, as atitudes de amabilidade para com o filho. Por outro lado, a mãe na sociedade moderna também precisa trabalhar, e se esta separação do filho é permeada pela culpa e entendida por ela como rejeição e abandono, torna-se patente sua tendência a não conceber o filho como independente, superprotegendo-o. Juntando-se a isto, temos as idiosincrasias da adolescência com sua problemática que, necessariamente, quanto mais conflituada, mais aponta para a insuficiência parental. Daí poderemos reforçar que trata-se de um conflito de dupla vertente, envolvendo pais e filhos nas perdas e frustrações.

Analisando a questão da função paterna, observamos que esta vem se apresentando, muitas vezes, de maneira enfraquecida nos últimos tempos, em qualquer que seja o nível social e econômico da família: seja pela ausência do pai ou da figura que o represente, seja por seu compromisso com o trabalho, ou pela negligência, dentre outros fatores. Através da interdição, aquele que ocupa este lugar de pai vai proporcionar condições para que o filho possa organizar-se psiquicamente. Ocorre, no exercício satisfatório desta função, um corte na relação fusional mãe-filho, para que então a criança inicie seu caminho rumo à independência psíquica. Esta

precisa desprender-se do desejo da mãe, para constituir-se como um outro ser, desta última separado e independente.

"A função paterna é a que vai propiciar a internalização da proibição incestuosa, proibição a ser respeitada na medida em que é esta exigência legislativa que permite aos homens viverem em grupo. Para esta participação social o ser humano se insere com deveres e direitos. É esta inserção na cultura, a ser feita pelo exercício da função paterna, que possibilita a inscrição social do ser humano. É a passagem da Lei da natureza para a Lei da cultura. A falência do exercício da função do pai traz um afrouxamento na concepção de que a Lei existe para ser respeitada. Obviamente que uma Lei, para ser respeitada, tem que ser temida. Contudo, se o agente encarregado de zelar pelo cumprimento dela se omite ou não está presente, ela fica uma Lei enfraquecida" (Freitas, L. A., 2001, pp. 76-7).

O sujeito precisa, como mencionado anteriormente, sustentar seu próprio desejo e não ser o objeto do desejo do outro (mãe ou substituto nesta função), numa posição alienada. Assim estará livre para processar suas identificações, desvencilhando-se dos ideais narcísicos da infância e desenvolvendo sua sexualização. Entretanto, para que haja a separação na díade mãe-filho, é preciso um interventor que crie condições para que, fora do circuito da alienação, a criança se organize como sujeito desejante. Esta é a função paterna, a de interdição do incesto e de instauração da lei, de tal modo que, "quando a criança se dirige à mãe, encontra a lei" (Lima Freitas, A., 1997, p. 10). Assim, a busca é de um representante da lei que instaure um corte na relação narcísica mãe-filho, que estabeleça limites, tornando viável a convivência entre os indivíduos. Conforme salienta a autora, se isto não ocorre naturalmente, como no caso do drogadicto, muitas vezes ele

"(...) busca alguém, alguma autoridade que possa efetuar o corte exato, na medida, sem falhas. Assim entendemos seus constantes envolvimento com as instâncias repressivas e jurídicas: a busca da função paterna, mesmo que no imaginário" (Lima Freitas, A., 1997, p. 12).

Lembrando Freud, sabemos que não se pode viver fora da cultura, e que a pulsão vai sendo "domesticada" para que se consiga amenizar as forças instintivas

internas: o encontro com a lei é inevitável, mesmo que seja em condições extremas, através do encontro com a morte. Portanto, torna-se evidente que um dos fatores determinantes na sintomatologia do uso dependente de drogas é a falência da função paterna.

No caso do adolescente, podemos dizer, então, que é exatamente na presença de uma lacuna, de um espaço preñado de perdas e luto, que este se dirige à busca de algo que amenize suas angústias, que estanque seu narcisismo ferido, sua fantasia de completude. O objeto desta busca pode ser algo que o liberte para a independência psíquica, para a criatividade, ou algo que o aprisione, como na drogadicção, em que ocorre um imperativo: a realização do desejo torna-se uma "necessidade vital", não havendo a possibilidade de simbolização ou representação psíquica, num aprisionamento narcísico infantil. O jovem já não se encontra mais sob o domínio da segurança materna, quando no curso satisfatório do desenvolvimento. Entretanto, sua busca muitas vezes ainda consiste em encontrar o ideal de perfeição perdido dolorosamente. Juntando-se a isto, podemos constatar que muitas vezes a mãe deseja o filho para si, não conseguindo se desprender do filho-objeto do desejo. Se a figura paterna se apresentar descentralizada de seu poder ou ausente, o corte nesta dupla busca não será estabelecido: o jovem pode permanecer fixado nesta vertente narcísica. É preciso, portanto, que o pai ou substituto instaure a lei para que o filho possa seguir independente, buscando suas identificações.

Neste segundo momento de vivência edípica e no caminho de sua independência psíquica, o jovem passa a depositar suas fantasias nos ídolos que consagra, na tentativa de descatexiar as figuras originárias. Além disso, busca incessantemente reconquistar a integridade de sua imagem outrora fornida de aspectos narcísicos do ideal da infância. Não podendo mais contar com aquele corpo conhecido, precisa lidar com a estranheza, e ir se acomodando diante das novas proporções corpóreas. Também precisa abrir mão da bissexualidade referida por Knobel (1983), e enfrentar uma sexualidade que pode concretamente consumar o incesto. Rompendo com as figuras parentais, o adolescente se lança a outros ideais narcísicos, ou seja, anseia pelo encontro da parte perdida de si próprio, um outro "eu", agora significado pelos ícones que venera. Assim, nesta fantasia, reconquistaria o que perdeu. Estes ídolos representados pelas imagens idealizadas de perfeição construídas pelos jovens são as personificações criadas pelo adolescente. Lamentavelmente, esta figura venerada pode, muitas vezes, ser representada pelo traficante que então exerceria —

para aqueles que entram no mundo do narcotráfico —, em substituição à figura paterna enfraquecida, a função de dar contenção ao jovem, ou seja, apresentar limites claros e firmes, tal qual o adolescente necessita e tal qual a lei do tráfico exige.

Conforme Freud assinalou, a criança, assim como o jovem, têm necessidades de modelos de identificação em seu processo de estruturação psíquica. Ao identificar-se ao "totem" (Freud, 1912-13), o sujeito encontra uma saída para a ambivalência e o ódio ao competidor-pai, na pertinência do conflito edípico. Na consistência de uma relação amorosa entre pai e filho, mas dotada de atributos da lei, a criança — e depois o adolescente — identifica-se com o pai, ou seja, identifica-se a traços deste objeto, para obter um apaziguamento entre as forças pulsionais e o mundo externo. Entretanto, se esta figura paterna não apresentar consistência, força suficiente, ou *constituir-se como um elemento de caracterização persecutória*, por exemplo, ocorre uma des-identificação, ou seja, o filho não atende à oferta, e não segue o modelo paterno. Se não há o encontro com um pai firme, o adolescente manifesta dificuldades em ser como o progenitor, ou substituto em sua função. Então, o investimento amoroso pode tomar rumos diversos na busca da solução para a disputa edípica.

Neste processo, observa-se que o adolescente irá se deparar com duas coordenadas que marcam a existência do sujeito: a "sexualização", em que tem de se desfazer de investimentos objetais primitivos parentais, e a "mortalidade", ambas pressupondo o aceite à castração. Em outras palavras, descobre que não há onipotência e plenitude e precisa estruturar-se para lidar com estas realidades limitativas e frustrantes. Para resolver este conflito, o jovem não pode sonhar-se completo e, ao renunciar a este fantasma idealizado, terá de substituí-lo por outros objetos variáveis e contingentes. Assim a droga poderá apresentar-se como falsa promessa de manter a fantasia deste estado de fixação narcísica, com a recusa do sujeito em constituir-se como sujeito desejante, incompleto e com limitações, anestesiando-o. Melman (1992) retoma o mito edípico freudiano, esclarecendo a condição de mal-estar do sujeito em sua existência, mostrando-nos que:

"O pai é o agente da castração, ou seja, da renúncia pela criança ao objeto que lhe parece ser aquele que deve sustentar seu desejo, o objeto capaz de satisfazer plenamente seu desejo. A criança teria que renunciar a este objeto para poder entrar neste estado dito adulto e que faz com que, a partir daí, ela tenha acesso à sexualidade, mas ao preço desta perda. Conseqüentemente,

lidamos, a partir de então, com uma sexualidade que não é essencialmente feliz. É justamente com isto que nos deparamos no mal-estar de nossa civilização" (p. 61).

Freud quis mostrar que a felicidade plena não existe, e que a condição de bem-estar do ser humano é limitada, principalmente, pelo incômodo da relação com o outro. Tocamos no ponto crucial da questão, que reflete a luta interna do ser humano entre buscar a satisfação plena do desejo e o aceite à castração. Os limites devem e precisam ser colocados não só porque os adolescentes, de uma maneira ou de outra, clamam por eles, mas principalmente para que se constituam as normas de convivência dentro de um grupo social. São necessárias respostas para o que pode ou não ser feito na inter-relação humana, a respeito das pulsões sexuais e destrutivas assinaladas por Freud. A criança deve renunciar ao *princípio do prazer*, submetendo-se ao *princípio da realidade*:

"Tem que renunciar, portanto, à onipotência do seu desejo e ao princípio do prazer adequando-se ao princípio da realidade. Essa renúncia se faz em nome do temor, subordinado ao amor" (Pellegrino, 1987, p. 200).

Este corte, mencionado como função paterna, precisa ser efetivo e vigoroso, em vez de frágil e esvaziado de poder. Contudo, este processo precisa se dar na vertente do amor, ou melhor, a base do corte está referida ao respeito, aceitação e valorização da criança e do adolescente. Assim, será franqueada a identificação com os pais, possibilitando a construção de um sujeito respeitado em seus próprios desejos e respeitador dos desejos do outro. Daqui podemos depreender um ponto nevrálgico na compreensão da drogadicção: o sujeito precisa assimilar o "não" em seu repertório. Não pode ter ou fazer tudo que quer, e o prazer precisa ser adiado na maioria das situações de sua vida em comum com os outros — não se pode ter "tudo e já", como se particulariza a busca do adicto. Portanto, na compreensão psicanalítica, o pai, enquanto função, ocupa papel fundamental na constituição do sujeito, e uma falha nesta função, como podemos observar na literatura sobre o assunto, encontra-se presente na configuração da drogadicção.

Conforme apontam alguns autores, é especificamente nas famílias carentes que encontramos menores possibilidades de se viver a metáfora paterna como referência, em seus aspectos de proteção, força e vigor. Muitas vezes há "uma desqualificação do

discurso paterno e a tomada de atitudes contrárias aos valores paternos" (Carretero, T., 2001, p. 107). O jovem, neste sentido, não vê perspectiva de melhora de vida para o pai vendo-o, muitas vezes, humilhado e explorado. Portanto, acatando a ordem social de império do consumo de bens materiais, o jovem acaba buscando no tráfico de drogas a saída para suas necessidades. Carretero (2001), ao analisar a função do traficante com seu poderio, conclui que no mundo do tráfico

"(...) há um enfraquecimento do pacto social e a retirada de alguns vetos estruturais, e, assim, o lugar do chefe torna-se muito almejado. O desejo de poder onipotente cria uma guerra fratricida. O sistema social aproveita-se dessa guerra, uma vez que ela mobiliza um aumento dos lucros para os capitais econômicos investidos" (p. 107).

Ora, o que mais deseja o jovem, em sua franca vulnerabilidade? Funcionam suas buscas identificatórias, tendo o poderoso, forte e armado traficante como figura de investimento. Assim pode constituir-se uma marginalidade — um distúrbio que, obviamente, iniciou-se nos primórdios da existência do sujeito.

Além do prejuízo da função paterna produzido por um pai ausente ou inoperante, podemos observar que o pai tirânico, que faz sua função ser exercida pela dominação violenta, também traz dificuldades na constituição do sujeito. A compulsão ao uso de drogas pode ser uma das resultantes desta problemática do sujeito. Neste viés, podemos assinalar que a lei do pai é fundamental, abarcando um campo referido na questão da lei do desejo. Sua função é interditar, e não utilizar-se do filho para a realização de seu próprio desejo, pois este não pode satisfazer totalmente, não pode alienar-se ao desejo do outro — o pai. A castração vem exatamente realizar este interdito, na função de corte, cujo objetivo é excluir o filho da vinculação homem-mulher, ou pai-mãe, na vertente da sexualidade. O filho está fora deste esquema, devendo ser excluído desta relação a dois. Isto vai permitir que adquira independência suficiente para romper com a endogamia, identificando-se com o pai para encontrar a sua mulher, fora do registro incestuoso. Esta interdição objetiva barrar o acesso à mãe, além de permitir o desenvolvimento de outras relações amorosas, que têm como base o modelo obtido na relação materna.

Se o pai, exercendo sua função, coloca-se no lugar de ideal, perfeito, que tudo sabe e controla, não permite ao filho o luto pela perda da completude na fusão com a mãe, pois não aceita falhas. Se o filho vai se identificar com esta imagem de ideal, o

que sabemos ser impossível de existir, ocorrerá o que podemos definir como uma dificuldade no aceite à castração. O filho sonha ser completo, não aceitando falhas e imperfeições. Segundo Melman (1992), os drogadicctos são "os filhos de nossos ideais" (p. 115). O pai tirânico não produz uma referência de limite, de lei, dificultando notoriamente a aceitação da falta e da incompletude.

Nesta posição, o sujeito se supõe completo, ele próprio se basta. Este é o mal do adicto, uma condição autoerótica, na qual não precisa do outro para obter prazer — não pode identificar-se com o pai que se apresenta autoritário, ideal, permanecendo, portanto, na vertente da relação incestuosa. Segundo Lima Freitas, A. (2001), não se pode nem mesmo classificar o ato de drogar-se como a realização de um desejo: reconhecer um desejo implica em suportar a falta. O desejo, continua a autora,

"(...) implica a falta e os movimentos que cada um faz, para procurar preenchê-la, sabendo que o circuito será iniciado tão logo a satisfação alcançada se desfaça. (...) Ora, se a relação com o outro sempre importa em desencontro, mal-estar, fratura, não é por tal caminho que este indivíduo irá evoluir. A busca solitária acaba sendo o destino, em que o outro só traz obstáculos ou mesmo aponta para o caráter ilusório desta procura. Daí poder ser eliminado, as relações vão-se estreitando ao grupo de uso comum até chegar, muitas vezes, ao isolamento total" (p. 12).

Portanto, na drogadicção encontramos justamente dificuldades nesta via: barreiras no estabelecimento de laços sociais, com dificuldades de direcionamento do desejo no sentido da exogamia. O adolescente, preso numa estrutura familiar patológica, restritiva, constitui-se, indubitavelmente, em meio à dependência. Contudo, as dificuldades ainda são mais abrangentes, acrescenta a autora, pois sendo a função paterna operante também no social, este pai ideal é, muitas vezes, conclamado à posição de "salvador / limitador dos impulsos" (p. 12). Exatamente aqui podemos encontrar os constantes envolvimento do drogadiccto com a instituição hospitalar, a polícia, a prisão. Se a vulnerabilidade do adolescente é predominante a tal ponto que não consegue realizar seus objetivos de vida, configura-se a demanda de um "chefe dominante", um pai ideal que garantirá a solução para suas inquietudes: na posição narcísica, de aprisionamento dependente, ocorre a busca da droga como elemento anestesiante de tamanha angústia.

Os aspectos aqui analisados, referentes às dificuldades normais da adolescência, podem ser agravados conforme as condições socioculturais: família e sociedade. Segundo Arantes, E. (2000), em sua pesquisa sobre o envolvimento de adolescentes no tráfico de drogas no estado do Rio de Janeiro, torna-se fundamental sabermos por que estes correm tanto risco, por que pagam um preço tão alto pela sua experimentação e sua rebeldia,

"(...) que muitas vezes não são nada mais do que uma manifestação de inconformismo e revolta contra uma sociedade que não oferece ao jovem condições de se desenvolver com dignidade" (p. 9).

O contexto familiar corresponde ao lugar — no qual o sujeito está primeiramente inserido — de fundamental influência na estruturação psíquica. Justamente aqui poderão estar instalados os primórdios de uma adicção que, associados a um entorno social favorável ao uso de drogas, poderão determinar um encontro destrutivo. Portanto, faz-se necessária uma abordagem a respeito da família e sua participação no processo de dependência às drogas de um ou mais de seus membros, com o objetivo de se compreender a situação do sujeito neste modelo grupal que caracteriza a experiência humana. A compreensão do fenômeno da adolescência não pode prescindir de uma análise feita em conexão com a questão familiar, especialmente se houver uma situação de adicção. Isto se justifica porque, sem exceção, existem conflitos familiares pertinentes a uma atitude adicta de um ou mais filhos, ou mesmo porque os próprios pais são dependentes de substâncias psicoativas ou de jogo, trabalho, comida etc.

Olievenstein (1985) descreve a família moderna sendo constituída por uma tendência em evitar a finitude: faz-se de conta que reina a imortalidade, numa tentativa multifacetada de assunções para eliminar-se a angústia de morte. O autor utiliza-se da expressão "Idiota da Família" (p. 104), para designar o drogado esclarecendo que, na verdade, este representa o *narcótico do grupo familiar* (p. 104). Ocupando-se deste bode expiatório, a família anestesia-se e esquece do vazio, da falta, ou seja, da angústia de morte. Conforme o autor, já que não pode haver uma involução no desenvolvimento dos filhos e os pais não podem eliminá-los para que vejam perpetuada sua jovialidade e imortalidade, "surge a imperiosa necessidade da juventude do Idiota da Família" (p. 105). A metáfora seria algo que representasse um aprisionamento do desejo: a beleza e a juventude eternizadas, numa fixidez, tal qual

um animal paralisado pelo pavor da morte. Olievenstein considera que nestes aspectos estejam contidos

"(...) todo o mecanismo e a lei fundamental que regem a família. Qualquer sinal de independência e tudo o que impede a apropriação conduz à morte parcial ou total. Por mais tênue que possa ser, o fio da apropriação é fonte de vida. Podemos então compreender os mil e um tesouros da economia psíquica, os milhares de escândalos e artifícios utilizados para tecer este fio e mantê-lo, mesmo ao custo de outros sofrimentos. Todas as demais leis ficam mais ou menos excluídas, se comparadas com a autoridade desta, e isto ainda mais porque, no nosso mundo moderno, as diversas "autoridades", as morais, as psicanalíticas, as científicas e as de identificação estão, ao menos em parte, enfraquecidas" (1985, p. 105).

Para se obter uma convivência grupal mais ou menos equilibrada, são necessários acordos entre os membros, para que se suportem minimamente dentro de uma inter-relação permeada de angústias, frustrações, ciúmes e disputas de amor. Os filhos concorrem entre si pelo amor dos pais; no entanto, têm que se submeter à lei da cultura. Não podem eliminar uns aos outros, mas precisam de um acordo entre si para que se organizem e se desorganizem, naturalmente, como uma engrenagem dotada de pontos a serem acertados constantemente. A criança, como sustenta Olievenstein (1985), tenta transgredir os interditos, principalmente se as exigências feitas a ela são exageradas. Sua tendência, então, parece ser de transgredir pois, se a lei é vivida como descomunal, as dificuldades são proporcionais. Ao contrário, se a lei é fraca, desprovida de vigor e coerência, surgem os convites para transgredi-la. Em todo caso, "em vez de ser tranqüilizadora e de diminuir a angústia, a relação com a lei reativa todas as frustrações adquiridas no sistema familiar" (Olievenstein, 1985, p. 118). Isto parece constituir uma tentativa constante de fuga, numa desorientação, em que o indivíduo busca a qualquer preço alguma norma ou lei.

Em geral, a sociedade parece a todo momento estar transgredindo normas e regras, conforme vemos diariamente divulgado pela mídia. O homem "pós-moderno", conforme denominação dada por alguns autores, sofre por um acúmulo de frustrações impostas por uma cultura de vencedores, em que os que não conseguem destaque são terminantemente desvalorizados. Assim, ocorrem as transgressões, fato que inclui os

adictos, com o uso abusivo de "anestésicos" para suas dores psíquicas. Neste enquadre serão analisados, à luz da psicanálise, alguns exemplos de situações em que uma adolescência problemática pode determinar graves percursos de drogadicção na vida adulta. Primeiramente, no entanto, serão discutidos alguns aspectos referentes à função da psicanálise com drogadictos.

5 - Alguns aspectos da função da psicanálise

Ressaltando o que Winnicott (1951) considera em sua teoria a respeito da importância da ilusão, sabemos que uma mãe "suficientemente boa" se faz necessária, para proporcionar ao bebê a ilusão de que o seu seio é parte dele. Dito de outra forma, existe uma assimilação do seio como submetido ao controle mágico do bebê, numa onipotência que posteriormente precisa ser desiludida pela mãe:

"(...) o seio é criado e recriado vezes sem conta pelo bebê a partir de seu amor ou (poderíamos dizer) de sua necessidade. Desenvolve-se então um fenômeno subjetivo dentro do bebê, que podemos chamar de 'seio da mãe'. A mãe coloca o seio real justamente ali onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento certo" (Winnicott, 1951, p. 327).

Assim, é mencionada por Winnicott a criação de um espaço de ilusão proporcionado pela mãe, que permite que haja o estabelecimento de uma relação entre "o que é objetivamente percebido e o que é subjetivamente concebido" (Winnicott, 1951, p. 327). Este espaço intermediário ou transicional permite o uso da ilusão até que o bebê construa a diferenciação entre o eu e o não-eu, quando então vai destituindo-se da onipotência e da impressão de controle mágico do mundo que o cerca. Neste processo transicional, através da possibilidade da ilusão, é que o ser humano poderá, aos poucos, representar psicologicamente a realidade externa.

De acordo com Winnicott (1951), fazendo um paralelo entre o papel do analista e o de uma mãe suficientemente boa, podemos considerar que o primeiro precisa se emprestar a ocupar o lugar do objeto transicional, como numa relação objetiva primária, para que o paciente viva realidade externa e fantasia, construindo sua diferenciação.

No caso do toxicômano, a droga seria o objeto transicional ao qual o paciente se aficciona, como uma criança presa à mãe, na ilusão da completude. A tarefa da mãe, e por conseguinte do analista, seria a de iludir e desiludir, ou seja, estar presente e não estar, promovendo a frustração, para que a criança (ou o paciente) suporte a falta.

Cabe ressaltar que, segundo Olievenstein (1989), quando este descreve a cerca do que chamou de "terapias transicionais" (p. 108), esta ligação com a droga precisa ser vivida no *setting* psicoterapêutico. Deve primeiramente proporcionar, através de um espaço intermediário, a transposição da droga para outros objetos diversificados. O autor defende a tese de que o analista deve ocupar o lugar da droga para que haja um mínimo de elaboração de perda e falta. Mais tarde, e em segundo lugar, continua Olievenstein, a direção do tratamento deve seguir as regras de uma abordagem psicanalítica cada vez mais ortodoxa, segundo suas manobras de abordagem ao toxicomaniaco, nestas duas fases distintas. Gurfinkel (1993) explica esta questão, salientando que:

"Muito freqüentemente, faz-se necessária a proposição de um 'espaço intermediário' que possibilite a passagem tão difícil da droga para outros objetos; todos os objetos parecem sem cor, sem atrativos diante do maravilhoso (prazer supremo, êxtase) que a droga significa. Muitas vezes — quase sempre! —, o terapeuta deve servir como droga para seu paciente, para que algum nível de abstinência seja suportável" (Gurfinkel, 1993, p. 143).

Segundo Olievenstein (1989), após instalada a transferência, o analista deve aceitar o lugar da droga, numa relação fusional com o paciente:

"(...) progressivamente, ele deve canalizar a demanda do sujeito, seguir a teoria do interior; ele é, primeiro, o substituto parcial do objeto. Toma-se, em seguida, ele mesmo objeto transicional, depois é o campo da terapia cada vez mais ortodoxa que se torna espaço transicional vivido, que deve aceitar partilhar com os outros espaços transicionais" (Olievenstein, 1989, p. 114).

O analista, segundo Olievenstein (1989), deve seduzir, convencer, confortar, brincar, interpretar, desalojar, tendo sempre uma direção da análise voltada para fora da fusão narcísica. O drogadicto precisa de um continente para, aos poucos, defusionar-se, partindo do narcisismo para a possibilidade da falta, através da simbolização. O analista oferece-se como objeto transicional que, após o momento

inicial de desintoxicação, precisa ir retirando-se deste lugar. Em seqüência, e talvez com mais dificuldade, deve-se ir configurando um espaço analítico que conta com a problemática do paciente em lidar com o inusitado: a falta da droga; a ausência da ilusão; a realidade da morte. Aqui, a interpretação tem seu lugar por excelência, pois o difícil nesta abordagem — e isto o analista deve ter sempre em conta — é a promessa que o toxicômano encontra na droga:

"Encontro, suspensão da falta, da angústia. Como à beira de uma queda, porque cessa, nesta fratura, todo o questionamento sobre sua própria identidade, sua história, sua diferença com o outro e este íntimo, tão indizível" (Olievenstein, 1989, p. 127).

Assim, torna-se preciso dar ênfase, no processo psicanalítico com os adolescentes drogadictos, ao lugar do analista e a sua função. Recuperando o que nos trouxe Winnicott, os fenômenos transicionais são criados no espaço existente entre a mãe e o bebê, ou seja, entre o bebê e o objeto que tem a característica de ser externo. O objeto transicional é constituído de aspectos advindos da realidade externa, e de aspectos internos, sendo que a relação com este objeto representa o primeiro encontro do bebê com a alteridade, a possibilidade de criação de símbolos.

Se seguirmos os pressupostos de Winnicott (1951), podemos observar que a droga, como objeto transicional, representaria a ilusão de um espaço entre a realidade interna e externa: um espaço que diferencia-se da organização sociocultural e que faz ponte com a realidade interior. A droga seria uma metáfora do brinquedo para a criança, sendo utilizada pelo toxicômano como o que leva à transição entre atividade lúdica e atividades adultas, como amortecedor para tal impacto de transição. Este objeto-droga, supostamente, garantiria a ilusão da plenitude onipotente, pouparia o difícil trabalho de representar psiquicamente, ou seja, simbolizar a falta e as dores existenciais.

Fazendo um paralelo, talvez possamos acrescentar que seja necessário uma mãe que represente um continente para a criança, assim como um analista que favoreça o acolhimento de um sujeito que necessita de uma identificação especular, para neste percurso tornar-se sujeito desejante, não alienado ao outro. Aqui encontramos a dificuldade do toxicômano que faz do desejo uma necessidade: ele não suporta a espera, a não realização do desejo. Assim, se uma mãe suficientemente boa permite a desilusão, o analista também não pode prescindir da tarefa de desiludir,

favorecendo uma desconstrução e conseqüente reconstrução psíquica. O sujeito precisa sentir a falta, a perda e a frustração de não encontrar a realidade tal qual imagina que deveria ser.

Além deste aspectos sobre a função da psicanálise, cabe ressaltar que utilizar-se do tóxico, na maioria das vezes, representa não suportar os infurtúnios da vida e buscar uma resposta que elimine a angústia gerada pela falta. A psicanálise se propõe a tratar este sujeito desejanste, incompleto, diferentemente da medicina organicista. Segundo Freitas, L. A. (2001),

"A chamada 'década do cérebro' não é para ser desconsiderada, ela trouxe e traz, contribuições significativas para os sintomas do sofrimento psíquico, no entanto, não pode dar conta da linguagem do desejo inconsciente. Uma psicofarmacologia deificada propõe, na verdade, apenas a substituição de uma droga por outra (...)" (p.2).

A busca desenfreada do extermínio do sofrimento humano através da tecnologia e da neurociência, deificando as drogas da felicidade, promove uma "ditadura da eficácia" (Freitas, L. A., 2001, p.2), que alimenta a cultura do espetáculo e do narcisismo citada anteriormente. Ora, é exatamente na contramão destes pensamentos que posiciona-se a psicanálise, onde fica privilegiado o discurso de um sujeito, muitas vezes alienado em seu narcisismo. A escuta psicanalítica privilegia, portanto, um percurso que pretende ir ao encontro do simbolismo contido no sintoma deste sujeito - no porquê do uso da droga, na análise interpretativa de seu discurso inconsciente.

IV - Adolescência vulnerável: Cristiano, Fabrício e Marcela

A gente não pode nem falar na palavra maconha lá em casa, mas meu pai toma dois Lexotans todo dia, bebe e toma porres nas festas (Valéria, 16 anos, in: Rito, L., 1993, Adolescência, um lance que rola, p. 87).

Eu sou um cara com problemas. Não sou como meus colegas de escola, que têm uma família organizada. Minha mãe morreu quando eu tinha dez anos. Cheguei à conclusão de que eu comecei a me drogar porque tenho problemas com a família (Fábio, 17 anos, in: Rito, L., 1993, Adolescência, um lance que rola, p. 101).

A seguir serão discutidos três exemplos de adolescência, nas quais as estruturas familiares promoveram dificuldades na constituição do sujeito, sendo que todos desenvolveram o uso de drogas, chegando à dependência. Serão analisadas a vulnerabilidade, bem como as características familiares de cada um, exemplificando aspectos facilitadores do encontro com as drogas. Esta análise será feita à luz da teoria psicanalítica, na tentativa de compreender o simbolismo contido na sintomatologia de cada exemplo de drogadicção. Propositamente, será apresentado primeiro um jovem, Cristiano, para que depois sejam demonstrados os possíveis caminhos que levam à drogadicção na vida adulta, transparecendo o grave processo de auto-destruição ao qual está fadado o drogadicto. Em seqüência, serão apresentados Fabrício e Marcela, adultos que, como poderá ser constatado na discussão feita sobre suas adolescências, apresentam os reflexos das dificuldades vividas nesta fase prematura.

1 - Cristiano

Cristiano foi abandonado pelo pai quando ainda tinha por volta de 2 anos de idade, sendo que não o conhece, não sabe onde mora, nem mesmo se está vivo. Sua família é composta pela mãe, uma irmã mais nova, além dele próprio, que atualmente tem 19 anos. A mãe não casou-se novamente, tomando a árdua tarefa de criar os filhos, numa dedicação exclusiva, afundando-se no trabalho de modo compulsivo a fim de garantir o sustento da casa. O pai quase nunca é mencionado, sendo que a mãe refere-se a ele como "aquele irresponsável, vagabundo e bêbado". Algumas vezes a mãe recorre a seu irmão para que dê alguns conselhos ao filho rebelde: as tentativas são inúteis, pois Cristiano não respeita as reprimendas e advertências do tio, que só aparece de vez em quando e não representa um modelo para suas identificações.

Cristiano é um rapaz que apresenta-se infantilizado, principalmente por seus trejeitos e modos de vestir e falar. Atualmente, aos 19 anos, cursa o supletivo de 2º grau, pois repetiu dois anos em seu percurso escolar. Trata-se de um rapaz forte, corpulento, lutador de jiu-jitsu, que só se interessa em fumar maconha o dia inteiro. Faz uso intenso e prolongado da droga há 7 anos, mas considera que atualmente fuma bem menos: de manhã quando acorda, à tarde, à noite antes de ir para o colégio, durante os intervalos das aulas e após. Em virtude desta situação, a relação de Cristiano com a mãe é repleta de atritos pois, segundo o rapaz, esta não aceita seu estilo de vida. Frequentemente, a mãe sai à procura do filho pelas ruas e praças de madrugada e o traz de volta para casa. Levam uma vida difícil, pois a mãe, costureira, mal consegue pagar suas contas, trabalhando todos os dias da semana. Cristiano não tem nenhuma responsabilidade em casa, não ajuda em nada, pois seu dia é ocupado em dormir pela manhã, fumar e ir aos morros à tarde. À noite, depois da escola, segue com os colegas para a rua, continuando o uso da droga. Nada lhe é exigido em casa, mesmo porque a mãe não apresenta nenhuma possibilidade de estabelecer limites ao filho, nem exigir que cumpra regras, as mais elementares que sejam.

O fato de usar droga jamais foi entendido por Cristiano como um problema, pois afirma que poderia parar de usar assim que quisesse. Além do mais, considera que "a maconha é uma droga leve, não vicia", segundo afirma o jovem. Poderia parar de fumar quando quisesse, não ficaria dependente nunca, pois não usa drogas pesadas como cocaína, acredita. Costuma ir duas ou três vezes por semana aos morros comprar a droga e, nestas ocasiões, já havia passado perto de policiais fortemente armados, presenciando vários tiroteios. Descreve as armas usadas pelos policiais, suas posições estratégicas, utilizando-se de detalhes minuciosos em seus relatos.

Conta como "dava a volta" nos cercos dos policiais, entrando na favela por um lado e saindo sorrateiro por outro, driblando tocaias e saindo intacto com os pacotes de maconha. No morro perto de sua casa, já havia feito amizade com alguns traficantes, mas acha que estes não o chamam para *trabalhar* no tráfico porque não usa cocaína.

Torna-se claro, na problemática do rapaz, o desafio constante às regras e normas — parece não haver limite para suas façanhas. Apenas um limite parece ter significado especial, aquele dado pelo traficante: não seria aceito para *trabalhar* no tráfico. Vê-se rejeitado por alguém que domina o morro, que comanda os destinos do objeto desejado — a droga —, e que o faz sentir-se maravilhoso, anestesiado frente às angústias. O traficante, este sim, candidato a tomar o lugar do pai-ausente, que abandonou a família quando Cristiano era ainda muito pequeno, fato agravado pela ausência de alguém que viesse a exercer a função paterna de modo efetivo. Observa-se que o traficante — com quem teve conversações e diálogos prolongados —, possivelmente prestes a tomar o lugar da lei, é aquele que também o rejeitara, em sua imaginação. Talvez a fantasia de rejeição represente a atualização do abandono paterno. Parece que teme tomar o traficante como modelo de identificação; parece ser perigoso tomá-lo como objeto de amor, pois talvez queira proteger-se de novo abandono. Torna-se claro que existe neste caso algum acesso à lei: ele deseja o limite que é dado por alguém forte, poderoso, que pode ser um modelo para suas identificações — o traficante. No entanto, parece ter sido precária a configuração da função paterna, apesar de ter havido algum interdito, que, no entanto, não foi suficiente, o que podemos observar pelas constantes transgressões cometidas pelo rapaz. Por outro lado, a figura do traficante pode ser facilmente investida pelo jovem como modelo de identificação. Este também é jovem, arrisca a vida, negando a impotência como é particular ao adolescente. Adicionado a isto, temos a realidade de Cristiano, que não lhe apresentava possibilidades identificatórias, pois além do pai ausente, o tio aparecia raramente, relação que não permitia investimentos amorosos ou trocas afetivas importantes. A saída do conflito edípico, no caso deste jovem, parece não ter promovido um caminho de luto pela perda da fusão com a mãe e identificação com o pai ou figura masculina que promovesse o corte. Cristiano parece, no momento, prestes a engendrar uma saída para a identificação com o traficante, bastando apenas que um aceno de aceitação seja emitido.

A relação mãe-filho parece não ter sofrido um corte significativo, pois vê-se estabelecida uma clara dependência: Cristiano não está preparado para assumir sua

autonomia, sequer pode formular o desejo de trabalhar e ser independente. Ao contrário, precisa da mãe para sobreviver. O jovem é chamado pela mãe por um nome que designa "rei", um apelido que demonstra seu lugar na relação matema: o rei é quem domina, é o soberano. Pode-se observar que a relação de dependência é bilateral, pois tanto mãe quanto filho parecem permanecer numa estreita ligação, delatando assim a presença de uma relação narcísica fusional. A mãe é adicta ao trabalho; de forma semelhante, a droga ocupa um lugar preponderante na vida do rapaz, sendo que este vive numa total dependência, indicando sua incapacidade de suportar a angústia de separação, gerada pela falta. Talvez anseie pela separação, pela independência, mas parece não suportar as frustrações e angústias presentes no caminho que necessita percorrer para alcançar a vida adulta.

A angústia de castração apresenta-se concomitante com a fantasia de que o traficante seja conclamado a exercer o papel de quem instaura a lei, que dê continência e limites à sua vida sem regras. No entanto, a sua *luta*, não nos esqueçamos, é caracterizada por superar e driblar limites, imobilizar-dominar o outro para não perder nunca, quando pratica diariamente o jiu-jitsu. Portanto, podemos observar que o rapaz parece perdido entre permanecer no prazer da droga, na fantasia da completude narcísica, e a possibilidade de alçar a angustiante posição de desejante insatisfeito, com a separação do objeto primário. O uso da droga garante ilusoriamente o ganho no confronto com a castração tão temida, como se apresenta no caso deste rapaz. Torna-se claramente alienado ao desejo da mãe, que o colocou na posição de *rei*, talvez como substituto do pai que foi embora para sempre.

"O corte na relação mãe-filho, que a castração realiza, permite ao sujeito vislumbrar outros destinos diferentes da alienação ao desejo do Outro, como ocorre quando a droga obtém o significado de objeto fetiche, caso em que as condições possibilitadoras da castração, referente à perda de um objeto imaginário — o falo —, não estão presentes, e o acesso à ordem simbólica fica prejudicado. O sujeito toxicômano, então, nega sua condição de dividido e faltoso" (Garcia, C., 1999, p. 12/13).

O paciente delicia-se em contar suas peripécias no colégio, onde matava aulas com frequência e preparava, meticulosamente, "armadilhas" para os colegas e para os professores. Tinha a paciência de juntar pó de giz, colocar nas pás do ventilador de teto e esperar que alguém ligasse o aparelho, para que "nevasse" por toda a sala de

aula. Este é um exemplo de tantos outros requintes a que se dava o trabalho de preparar. Achava-se maravilhoso, o centro das atenções de professores, coordenadores e colegas, fantasiando sustentar uma imagem de poderoso e forte, para, assim, negar sua fragilidade. A rejeição sofrida pelo abandono do pai tornou a vulnerabilidade deste adolescente mais marcante, fato agravado pela circunstância familiar desorganizada. Cristiano vivia na rua desde sua infância, e a mãe trabalhava, acarretando uma notável carência de modelos parentais. O jovem, para suturar este vazio, "consumia" desde pequeno grande quantidade de comida. Depois foi a vez de consumir os cigarros que encontrasse em casa, restos de clientes da mãe, até passar a cometer pequenos furtos caseiros para sustentar seu vício que já se iniciava aos 12 anos, juntamente com as primeiras experiências com a maconha e álcool. Desta forma, Cristiano agia ao invés de conseguir elaborar psicologicamente suas frustrações e dores: o desamparo psíquico com o qual travava uma laboriosa batalha fazia com que agisse para negar a dor da impotência.

De acordo com Melman (1992), não se pode afirmar que a drogadicção seja referida a uma estrutura necessariamente perversa. Entretanto, segundo o autor, o adicto encontra-se numa posição de dependência em relação à droga, o que pode torná-lo perverso — se o objeto-droga falta, surge a angústia, pois trata-se de uma impossibilidade de representação psíquica. No caso do drogadicto, não se trata de incluí-lo em uma estrutura específica, pois de acordo com Birman (1999), "entre os usuários de drogas podemos encontrar neuróticos, psicóticos e perversos, nos quais a droga circula na economia psíquica de forma diversificada" (p.208). Porém, em alguns momentos, Cristiano parecia estar optando por negar tudo aquilo que o retirasse da posição narcísica, preferindo, por isso, continuar com a droga. Em outros momentos, mostrava-se estar disposto a se interrogar. No entanto, parecia predominar para o paciente, que adotava o que poderíamos chamar de "posição perversa", uma angústia absoluta frente à possibilidade de renunciar à dependência, não apenas da droga, mas da alienação ao outro.

A queixa predominante de Cristiano refere-se ao fato de que a mãe não o deixa em paz, perturbando-o a todo instante por causa da maconha que fuma todos os dias. Parece difícil para o paciente perceber sua implicação em seu próprio sofrimento, ver-se como sujeito de sua própria dor, e constatar, como mencionado anteriormente, que não é a droga que faz o sujeito, mas o sujeito que faz a droga. A drogadicção precisa ser compreendida pelo adolescente, não como a via suprema de resolução de seus

problemas, mas, ao contrário, como uma via de negação, ou seja, como uma "solução que recusa as formações do inconsciente, como estratégia para evitar o confronto com a castração e a divisão subjetiva" (Garcia, C., 1999, p. 15).

Com relação ao tratamento do adolescente consumidor de drogas, Valdré, R. (1998) considera que o analista não pode perder de vista o prazer obtido neste consumo, que é como um triunfo da negação da dor psíquica. Isto significa que a droga é poderosa como objeto anestesiante das angústias, e o analista precisa considerar a presença deste forte concorrente. Recorrer às drogas é mais fácil, na ilusão do adicto, do que enfrentar seus problemas. Também se faz relevante observar que o retorno ao uso do psicotrópico aponta para dois fatores: ao mesmo tempo em que pode significar uma resistência ao tratamento, que necessita ser adequadamente trabalhada, pode representar um ato que denuncia a permanência do desejo tomado como necessidade. Transformar o desejo em necessidade significa torná-lo imperativo, condição de sobrevivência para um eu que se quer completo, total. Nesta especificidade, considerando tal distúrbio narcísico, a intervenção analítica precisa trabalhar para que o jovem se perceba como sujeito desejante, pois só assim poderá enquadrar-se na condição de ser incompleto, oposta à posição ilusória narcísica, situação de específica dificuldade para aquele que vive uma crise tal qual se caracteriza a crise adolescente. Portanto, o trabalho do analista é árduo, necessitando uma liberdade criativa e uma disponibilidade constante, para que se proponha a denunciar as armadilhas que o sujeito prepara a si próprio, inconscientemente.

2 - Fabrício

Fabrício demonstra seu sofrimento com lividez, envolto em aparente depressão e sentimentos expressos de desmotivação para a vida. Aos 38 anos, acredita que sua angústia reside, principalmente, no fato de nunca ter tido uma boa relação com o pai que, autoritário e distante, não lhe dava carinho e o desprezava. Temia-o, sendo-lhe submisso, pois segundo sua percepção, este não o "enxergava", não dava-lhe importância, sendo frio em sua relação com o filho. O rapaz, desde criança, não conseguia uma aproximação mesmo com suas atitudes enracadas de filho mais

novo. Não se recorda de tê-lo como amigo, sendo que este não cuidava do filho em nenhum aspecto de sua vida. A figura paterna era envolvida por uma imagem que produzia sentimentos de terror e desprezo, inspirando medo. Atualmente, o sentimento que nutre pelo pai é de uma profunda raiva, pois considera que dele nunca obteve carinho. A mãe, por sua vez, sempre foi submissa ao marido, nunca apresentando uma atitude sequer em defesa do filho. Entretanto, com muita dor Fabrício observa que a mãe sempre teve preferência por um dos filhos, o segundo, que hoje é totalmente dependente dos pais.

Fabrício recorda que sempre teve dificuldades no colégio, repetindo de ano e tendo verdadeiro pavor a situações grupais: tinha medo que os colegas rissem dele, tornando-se cada vez mais inseguro e fechado em si mesmo. O pai sempre lhe cobrava perfeição, e quando mais novo, levava surras por esquecimentos, notas ruins e qualquer outro deslize que cometesse. Como se sabe, a tirania não facilita para que se tenha boas relações entre dominador e dominado; além disso, não produz o efeito esperado de sua função, ou seja, o estabelecimento da lei, que é a função paterna, por excelência. A educação de Fabrício foi transmitida de modo impositivo, algo distante do amor e da proteção necessários, fato gerador do sentimento de desamparo comum aos drogadictos.

Pertence a uma família tradicional, classe média alta, sendo atualmente estudante de Antropologia. Está separado de sua mulher, com a qual teve dois filhos. Sua família original é composta pelo pai, mãe, dois irmãos e uma irmã. Destes, o mais velho apresenta transtornos mentais graves, tendo tentado suicídio algumas vezes. O segundo irmão, aos 43 anos, não trabalha e depende dos pais para viver; além disso é cocainômano desde a adolescência. A única mulher entre os filhos, apresentando uma adolescência conflituada, saiu de casa para tentar a vida no exterior. Não procura a família e vive por conta própria, trabalhando e estudando no país em que vive clandestinamente.

Fabrício ressent-se de um relacionamento afetivo desfeito que causou um grande transtorno em sua vida, conforme acredita. Além disso, diz-se inseguro nas relações sociais, ficando tenso quando se expõe em alguma situação de grupo, apresentando ultimamente uma acentuada sudorese, o que o incomoda sobremaneira e, quanto mais tenta esconder, mais transpira. Quando criança, não conseguia aproximar-se dos amigos, ficava de longe a observá-los. Lembra-se que ficava, às vezes, da pequena janela da escada do prédio onde morava, vendo as crianças de sua

idade a se divertirem na rua — ele não conseguia aproximar-se. Contudo, em alguns momentos, Fabrício parece ter desenvolvido uma relação especial com alguns amigos: parece que busca o amor e a proteção que lhe faltaram na infância, não proporcionados pelo pai. Procura substitutos ao pai que desejava ter. Sua tentativa parece ser de "afiliar-se" a amigos, professores, colegas, numa relação distante, mas de total submissão: o resultado é que a ambigüidade presente em tais relações deixa despontar um ódio que destrói os laços que porventura se estabeleçam. Se, por exemplo, emprestava um objeto seu a alguém, fazia com que este se sentisse o dono de seu pertence. Submetia-se às ordens e determinações dadas pelo outro e acabava perdendo seu domínio — sem perceber, Fabrício colocava o outro na posição de dono, delegando-lhe plenos poderes. Assim, sentia-se sempre roubado e a angústia decorrente transformava sua insegurança na mais profunda vulnerabilidade, fato que ocorria constantemente na adolescência. Recorda-se de ter tido vários conflitos com o corpo, não conseguindo aproximar-se das garotas, e além disso, ir ao colégio era uma tarefa penosa.

Parece existir um conflito de sentimentos entre a passividade (submissão) e a atividade (agressividade), ambas derivadas da relação com o pai. Fabrício não suporta a competição, e conseqüentemente a vida, pois não consegue ver-se a não ser como perdedor. Odeia a "burguesia" e quer negar suas necessidades de consumo, delatando seu conflito em reconhecer-se como sujeito faltoso, incompleto, pois deseja, mas não se reconhece como desejante. Entretanto, foi exatamente nesta configuração de sua vida, na adolescência, que recorreu aos irmãos mais velhos e encontrou as drogas, entregando-se ao consumo desenfreado desde os 13 anos. Primeiro, seu encontro se deu com a maconha, obtida facilmente com os irmãos e seus amigos. A droga lhe proporcionava um bem-estar jamais alcançado em sua restrita condição de vida relacional. O rapaz passou a andar com os amigos dos irmãos, deixando seus pares de lado. Começou a se desinteressar maciçamente pelo colégio onde estudava e das poucas amizades que ainda tinha. Fumava maconha e cigarro com intensidade, fugindo dos problemas, o que o deixava, obviamente, mais vulnerável à sua impotência.

Desde jovem, não conseguindo se aproximar das garotas e, portanto, não conseguindo uma namorada, estava se afastando cada vez mais de tudo, ficando numa condição cada vez mais reclusa. Neste processo, descobriu que ao consumir bebida alcoólica conseguia desinibir-se facilmente, passando a sair de casa mais

freqüentemente, indo a bares em constantes noitadas. O consumo de bebida alcoólica começou a intensificar-se, de modo que os "porres" passaram a ocorrer repetidamente. Fabrício, aos 17 anos, não tinha limites para seu processo de autodestruição, numa busca incessante da morte. Participava de pegadas noturnas com a turma que passou a andar, roubando o carro do pai, dirigindo perigosamente, em alta velocidade. Nada o limitava, nem mesmo a passagem pela delegacia, fruto de um confronto com a polícia, pela direção ilegal e uso de maconha.

O pai de Fabrício, em sua atitude repressiva extremada, ao invés de se aproximar do filho jovem, frente aos evidentes apelos por ajuda, afastava-se mais em sua incompreensão. Proibia-o de sair a não ser para o colégio, fato que certamente não foi cumprido desde o primeiro momento. Foi exatamente nas fugas de casa que Fabrício passou a freqüentar lugares de fácil acesso a drogas: a princípio seus amigos lhe davam cocaína; depois começou a roubar tudo que podia em casa para conseguir a droga. Atualmente, Fabrício usa tranqüilizantes para dormir, antidepressivos, além de cocaína, álcool e cigarro. Todos estes "anestésicos" são consumidos na tentativa de conseguir alguma paz interna, pois a imagem de pai introjetada o leva a um nível de exigência impossível de alcançar: sente-se constantemente frustrado com tudo o que faz. Lima Freitas, A. (2001), lembrando Freud, ressalta que

"(...) nesta falha do pai, o que surge é uma vertente do supereu que irá dominar a cena com suas mazelas e imperativos da ordem do impossível. A constituição do supereu sempre esteve ligada à função do pai (...) pela via do Complexo de Édipo, representando a lei que regula o desejo e pune com culpa qualquer transgressão, ainda que imaginária, tese de 1923, sustentada pela identificação ao pai e ao juízo crítico da consciência moral (...). Frente ao supereu, o sujeito está sempre em falta, seja porque fez de mais, seja porque fez de menos" (p. 13).

A tirania exercida pelo pai talvez não tenha proporcionado a proibição edípica de maneira eficiente. Porém, indevidamente, como pode-se observar neste caso, o sujeito foi acometido pelo terror, não conseguindo dar significado simbólico à proibição. Na constituição de um supereu tirânico, parece estar incluída a designação de agir impulsivamente para chegar ao limite, à explosão: assim, neste descontrole impulsivo, o ato de drogar-se corresponde à necessidade de buscar o prazer máximo. Esta é a promessa da droga, o grande embuste, no qual repetidamente o sujeito vai procurar o

êxtase, num ato representante da pulsão de morte. Fabrício talvez busque com suas ações, incessantemente, uma punição pelo seu ódio ao pai, processo absolutamente inconsciente, revelado pelas atitudes de autodestruição.

Fabrício sempre apresentou dificuldades com as mulheres, portando-se arredo, inseguro. Tinha, às vezes, a impressão de que não apresentava apetite sexual, de que poderia tranquilamente viver sem sexo. As mulheres, segundo sua concepção, pareciam "santificadas"; assumiam a imagem de mãe que ele projetava, tornando qualquer relação envolvida numa atmosfera incestuosa. Este problema era resolvido com alguns copos de etílicos, pois com o afrouxamento da censura promovido pelas doses iniciais de álcool, conseguia sair de casa. Entretanto, apresentava vários episódios de impotência sexual, fato que o deixava extremamente constrangido, formando um círculo de constante inibição e fechamento. Fabrício via-se impotente para a vida, queria morrer. Torna-se claro, neste caso, a presença de distúrbios na resolução do conflito edípico. Fabrício não obteve amor dos pais: o pai exercia uma ação tirânica sobre o filho e a mãe, absolutamente passiva, tinha pouco tempo para o filho, pois estava sempre ocupada com os outros irmãos problemáticos. No entanto, seu amor pela mãe era intenso, precisando dela para reverter seus momentos mais angustiantes. Fabrício, possivelmente, ancorava-se nesta relação fantasiosa de plenitude, pois a função de interditor exercida pelo pai, sendo baseada no domínio autoritário, não propiciou um desprendimento do filho rumo à liberdade.

"Só o amor e a liberdade, subordinando e transfigurando o temor, vão permitir uma verdadeira, positiva — e produtiva — relação com a Lei. A autêntica aceitação do interdito do incesto, de modo a torná-lo o nódulo crucial capaz de estruturar uma identificação posterior com os ideais da cultura, só é possível na medida em que a criança seja amada e respeitada como pessoa, na sua peculiaridade, pelo pai e, antes dele, pela mãe. É o amor materno que funda a possibilidade, para a criança, de vencer a angústia de separação, tomando-se um ser-outro com respeito à mãe" (Pellegrino, H., 1987, p. 198).

O amor da mãe, por assim dizer, funda o psiquismo, e o pai vem a preparar o filho para a separação e a independência. No caso de Fabrício, talvez tenha sido difícil tal resolução edípica, porque o pai, exercendo sua função, não pode estabelecer um corte mãe-filho efetivo. O não, a lei, o limite, são fundamentalmente necessários para a

conformação do desejo, para que o sujeito se constitua, inscrito na linguagem. Além disso, o isolamento de Fabrício aponta para algo mais que o simples incômodo gerado pela inibição. Sua problemática revela falhas na função paterna, no sentido de que há dificuldades na formação de laços sociais — esta é uma das funções do pai, em que o desejo direciona-se no sentido exogâmico, para que o filho possa, então, desprender-se da dependência familiar. Observa-se que a disfunção existente nos casos de drogadicção está presente em ambas as vertentes da relação pais e filhos. Conforme Lima Freitas, A. (2001),

"Se uma das vertentes da função paterna é possibilitar o estabelecimento dos laços sociais através do direcionamento do desejo no sentido exogâmico, a partir das leis das trocas sexuais e da separação das gerações, encontramos nos quadros de toxicomania justamente uma dificuldade nesta via. Identificamos, assim, nestes casos, uma relação direta entre a imersão do jovem na dependência e a qualidade de vida familiar, o fenômeno da droga, encobrendo antes de tudo uma doença da dupla pais-filhos" (p. 12).

Cabe aqui reforçar que os casos de drogadicção apresentam predominância de distúrbios nos dois sentidos, ou seja, entre pais e filhos. De acordo com Olievenstein (1985), a família do adicto apresenta a particularidade de não suportar a finitude, elegendo um ou mais filhos que, ilusoriamente, garantam a eliminação da angústia da mortalidade. Se por um lado sabemos que a drogadicção limita e aprisiona o sujeito, "(...) em um movimento contrário ela o emancipa de toda uma série de medos, de fantasias e de incomplezas" (Olievenstein, 1989, p. 72). Na família de Fabrício isto se torna evidente, principalmente, pelo fato de que todos os filhos apresentam distúrbios, parecendo que a dependência aos pais será sempre renovada, a qualquer momento. Ao ocuparem-se do "bode expiatório", ou seja, daquele ou daqueles filhos que dependem dos pais, a família anestesia-se, na ilusão de paralisar o tempo, retrocedendo a um período anterior, perpetuando a juventude do filho ou filhos problemáticos. A respeito da dependência, podemos considerar que

"(...) se de uma maneira evidente a dependência restringe a liberdade do homem, em um movimento contrário ela o emancipa de toda uma série de medos, de fantasias e de incomplezas (...)" (Olievenstein, C., 1989, p. 72).

Assim, configura-se a alienação do desejo: o filho ou filhos parecem surgir para cumprir uma missão designada pelos pais. Como sabemos ser esta missão impossível, só resta, na maioria dos casos, uma saída: a busca de algo que alivie a angústia gerada por tal missão. O consumo de drogas levaria de forma regressiva, conforme o princípio do prazer, ao encontro deste pacto familiar de imortalidade, mesmo que por um preço altíssimo, mesmo que por um grande sofrimento. Isto transcorre até que um dos membros decida romper com este acordo destrutivo, por sua dor ou por encontrar algo que interrompa este processo, através de instâncias jurídicas, hospitalares, ou mesmo a morte. Ou conforme Fabrício que, através da análise, decide encontrar o significado subjetivo dado à sua vida.

3 - Marcela

Marcela foi uma criança que, durante cerca de dois anos, esteve num internato, experiência bastante traumática, pois apanhava muito por qualquer erro que cometesse. Na adolescência, sua relação com a mãe foi bastante conflituada, por rejeições e críticas constantes. Sofria repressões quanto à sexualidade, embora tentasse conversas com a mãe sobre o assunto. Dormia na mesma cama que ela, pois o outro quarto era dos irmãos mais velhos. Incomodada com a falta de privacidade, pediu, certa vez, ao pai que lhe comprasse uma cama, mas foi em vão. Como observado anteriormente, conforme Knobel, é através da masturbação que Marcela poderia elaborar a necessidade do desejo pelo outro, impregnada de fantasias incestuosas. Num mecanismo inconsciente, este processo aponta para a tentativa de recuperar o sexo perdido da bissexualidade infantil, plena e sem conflitos. Exatamente pela angústia provocada por estas fantasias e pela possibilidade de nesta fase ocorrer a procriação, a masturbação viria a serviço de aliviar tal conflito. Entretanto, a falta de privacidade, acompanhada de reprimendas da mãe quanto a seus impulsos de desprendimento endogâmico, constituíram o aprisionamento da jovem. A masturbação ocorria carregada de culpa, sendo acrescentado ainda pela mãe que os homens eram sujos, e que sexo era "pecado sem perdão". No caso de Marcela, parece que eram frustradas as tentativas de exogamia, de desprendimento da família.

Aos 13 anos Marcela iniciou sua dependência a tabaco, sendo que atualmente consome quatro maços de cigarro por dia. Logo após, aos 16 anos, começou o uso do álcool, fase na qual vivia embriagada todos os finais de semana. Neste momento crítico da adolescência, conforme observado anteriormente, configura-se um quadro permeado por conflitos e frustrações numa realidade de perdas, propícia ao uso e abuso de drogas. Quando há uma continuidade na experimentação da droga, ou seja, quando o jovem prossegue tentando encontrar algo que preencha seus vazios, sugere a presença de uma grave problemática. A droga passa a ser premente na vida do sujeito e tudo gira em função dela. Estamos, portanto, diante do que caracterizou a história desta mulher.

Marcela, aos 40 anos, é adicta a álcool e cocaína. Vive com o filho de 15 anos — fruto de um casamento desfeito há anos —, juntamente com um homem violento, atualmente desempregado, que já a espancou por várias vezes, também dependente de cocaína. Não consegue separar-se deste, pois teme muito ficar só. Com relação à sua família de origem, nunca teve os pais juntos, pois não foram casados e Marcela raramente via o pai. Seus irmãos mais velhos do primeiro casamento da mãe a rejeitavam, segundo sua impressão. Pelas precárias condições econômicas de sua família original, Marcela não pôde fazer uma faculdade conforme desejava, trabalhando atualmente na confecção de artigos de decoração. Vive em constante depressão, sentindo sua vida como um "inferno" do qual não consegue libertar-se. Utiliza-se de antidepressivos e tranquilizantes prescritos por seu psiquiatra quando, temporariamente, tenta deixar de usar as drogas.

Marcela percebe-se fria sexualmente, pois nunca conseguiu atingir o orgasmo nas relações sexuais. Acha que a relação com a mãe sempre prejudicou sua sexualidade, principalmente no momento da primeira menstruação, quando esta lhe disse: "Agora você tem que ficar longe dos amiguinhos!" Não permitia, parece, que a filha tivesse sua própria vida, dominando-a e reprimindo sua sexualidade. Por outro lado, nunca teve o amor do pai; via-o de vez em quando e lembra-se que a mãe a usava, forçando-a a pedir dinheiro a este para comprar comida pois, caso contrário, passariam fome. Violentava-se para submeter-se aos apelos da mãe, que agia com imposições, trazendo-lhe conflitos. Separar-se da mãe parecia impossível, havendo uma qualidade relacional prejudicada, dificultando as possibilidades identificatórias. A jovem, vivendo a reedição edípica na adolescência, não tinha franqueada a possibilidade de sair da endogamia, o que provavelmente trouxe-lhe dificuldades em

sua sexuação — suas tentativas exogâmicas eram traumáticas. Trata-se, como se pode observar, de uma família altamente conturbada: a irmã, que por um tempo foi também modelo de identificação, de repente assumiu a própria drogadicção. O irmão, alternativa familiar que restava para suas identificações, era alcoólatra, e na adolescência roubava-lhe objetos para assegurar seu álcool.

Sabemos que, na reedição edípica, vivenciando perdas, o adolescente pode buscar na droga um substituto que supostamente lhe traz segurança, lhe traz um apoio que talvez suavize o trauma da separação dos pais, ou a insegurança que esses lhe geram. O fato de não ser amado, ou pelo menos levar em conta esse julgamento, faz com que o indivíduo, na droga, busque o prazer que finde seu sofrimento. Primeiramente o prazer; depois o sofrimento da dependência. Olievenstein (1989) diz que a função da dependência seria manter o indivíduo afastado da impotência e do desespero:

"Lá onde só havia a incerteza dolorosa, existe agora a certeza da repetição. O importante, na dependência, é que nela se pode afirmar, a cada vez novamente, a fantasia de um desejo" (p. 18).

Marcela relata que começou a fumar cigarros aos 13 anos, conforme mencionado acima; aos 16 foi o álcool, quando surgiram episódios e mais episódios de bebedeiras, durante esse período adolescente. Isto a fazia sentir-se importante, sentir-se alguém. Parece que a droga lhe traria a ilusão de completude por não suportar a perda de objeto que remonta seus momentos iniciais de vida — as primeiras experiências de separação da mãe precisam ser adequadas, para que haja a simbolização, e que o indivíduo possa ser dependente e independente desse objeto primeiro de amor. A droga viria a serviço da negação da dor, da dor de não saber-se amada. Segundo Marcela, a mãe abandonava-a e ela sempre a sentir falta e a tamponar esse vazio repetidamente em sua vida.

Anos mais tarde, relata que acordava com um copo de cerveja na mão, renovando-o ao longo do dia, até a noite. Para conseguir cocaína chegou ao ponto de, precipitando-se profundamente em sua autodestruição, procurar os pontos de droga nos morros e prostituir-se para conseguir dinheiro. Nas várias tentativas de interromper seu processo de drogadicção houve um período de internação, o que considera o pior momento de sua vida, pelo sofrimento psíquico e pelas terríveis dores físicas. No entanto, esta foi sua única saída naquele momento, pois não suportava mais tanto sofrimento auto-infligido. Vem freqüentando grupos anônimos e percebendo, contudo,

que precisa de outro tipo de tratamento — sabe que a qualquer momento vai voltar às drogas, pois sua adição se manifesta de maneira clara, por depender afetivamente do parceiro. Este é portador do vírus da Aids, e Marcela mantém com ele relações sexuais sem o uso de preservativos, num franco processo de autodestruição.

Observamos que o toxicômano tenderia a, numa atitude de fixação infantil, resolver suas dificuldades internas utilizando-se de objetos externos, tal como a criança que necessita de constantes acompanhamentos ou sucedâneos em seus diversos momentos de afastamento do objeto amoroso. Podemos, então, pensar numa "tendência compulsiva à realização de uma ação, ação que se repete incessantemente e é dirigida a um mesmo objeto (ou tipo de objeto)" (Gurfinkel, D., 1993, p. 141). Se nos lembramos de Freud (1920), com o exemplo da criança com o carretel, na experiência do *Fort-da* que simboliza a perda materna momentânea na brincadeira de vai e depois aparece, podemos aqui fazer referência a uma dificuldade de simbolização, em que os meios saudáveis de compreensão e resolução de um problema são efetivados. Este fato é provavelmente dificultado numa estrutura adicta, na qual a repetição sugere a dificuldade de elaborar bem a simbolização e a representação psíquica.

"A ação é o modo mais primitivo de descarga de tensão psíquica e angústia; o adicto tem uma tolerância muito pequena à tensão, sendo que a maneira por ele mais conhecida de processar os impulsos internos originados na vida pulsional é pela descarga (eliminação do desprazer). Os processos de elaboração psíquica ficam diminuídos, atrofiados. Como se sabe, a representação psíquica só pode se formar com a experiência da ausência do objeto da realidade material; é a partir da falta do objeto que se constitui a linguagem. Mas experimentar a ausência do objeto supõe tolerar uma situação de frustração, supõe poder esperar em tensão o momento de satisfação ou prazer. A incapacidade de esperar e a intolerância à frustração são marcas do toxicômano; ele exige o prazer já" (Gurfinkel, D., 1993, pp 141-2).

Lembrando Freud em "Mal-Estar na Civilização" (1930), sabemos que o uso dos narcóticos relaciona-se com a questão da intolerância ao sofrimento e ao desprazer, mostrando que isto se deve a uma imposição pelo "princípio de prazer", em sua soberania. Nesse processo evita-se tudo o que traz desprazer, o que, obviamente, sofre o contraponto da realidade externa. Quando eleito, o objeto-droga é o meio pelo qual a pulsão pode alcançar sua satisfação, define Freud, sendo que é através desse

objeto que o indivíduo vai procurar satisfazer suas necessidades, apresentando dificuldades de situar-se como sujeito desejante. O desejo é tomado como necessidade e precisa ser satisfeito imediatamente. Na drogadicção o objeto da pulsão, a droga, não adquire características de variabilidade — a pulsão fixa-se em um objeto, não possibilitando deslocamentos. Na teoria freudiana, essa fixação se constitui elemento importante na estruturação de psicopatologias. Não podemos deixar de lembrar que o desejo é metonímico, e não pode ser satisfeito totalmente, mas sim, representar o objeto arcaico. Este é o grande risco que o drogadicto corre, pois a droga nega a diferenciação, prometendo eternizar a plenitude narcísica.

"A fim de desviar certas excitações desagradáveis que surgem do interior, o ego não pode utilizar senão os métodos que utiliza contra o desprazer oriundo do exterior, e este é o ponto de partida de importantes distúrbios patológicos. Desse modo o ego se separa do mundo externo" (Freud, 1930, p. 85).

Freud estaria buscando a compreensão para o problema humano da busca da felicidade, ressaltando que inevitável se faz o sofrimento e a dor. Quando esse aspecto passa a adquirir um caráter insuportável para o eu, o indivíduo pode encontrar o caminho da droga, dentre outros. A droga, ilusoriamente, dessensibiliza o indivíduo, impedindo a dor e o sofrimento: esta seria uma das mais notórias expressões do "princípio de prazer". Torna-se evidente que o uso de drogas relaciona-se, intrinsecamente, com a busca de prazer imediato, pela não sustentação de uma realidade frustrante. Trata-se de uma ambivalência, onde a mesma droga que traz o prazer é a que traz a destruição.

Em "Além do Princípio de Prazer" (1920), Freud mostra-nos que o indivíduo busca evitar o desprazer que seria produzido pela liberação do material reprimido. Freud pergunta: "{...} como se acha a compulsão à repetição — a manifestação do poder do reprimido — relacionada com o princípio de prazer?" (1920, p. 33). Notória se faz a observação de que a repetição deve causar desprazer, "pois traz à luz as atividades dos impulsos reprimidos" (1920, p. 33). Mas podemos compreender esse aparente paradoxo se lembrarmos o que diz o autor, quando refere-se ao fato de que uma experiência desagradável da infância pode ser transformada numa atitude de repetição que irá produzir algum prazer. Portanto, mesmo buscando o prazer, condição intrínseca ao ser humano, encontra-se no desagradável, no desprazer, uma maneira de elaboração de um conflito. Podemos pensar que a compulsão à busca da droga

obedeceria ao princípio exposto acima? A repetição que atualiza o sofrimento e traz à luz o desamparo é insuportável ao eu empobrecido em representações psíquicas. Assim, o drogadicto não suporta esta dor e busca anestesiá-lo com a droga. Em seu sofrimento, ele sabe que há restrições em seu arbítrio por causa da droga; mas, paradoxalmente, sabe também que a mesma droga lhe traz soluções mágicas para a falta que tanto o aflige. Marcela, em sua dor, possivelmente, sente a falta do amor parental, e em seu vazio, somente a ilusão de completude pode trazer-lhe um motivo para viver.

A freqüência a grupos de mútua ajuda, na linha condutoterápica, pode trazer dificuldades para a constituição de uma demanda de análise. Teria que optar entre aprofundar-se em seu autoconhecimento, por exemplo, ou manter-se alienada ao outro, no imediatismo da busca do prazer. O tratamento psicanalítico difere radicalmente do trabalho feito nos grupos de mútua ajuda, pois não há uma proposta educativa, nem de controle do comportamento. Nesse processo vai-se construindo a compreensão do funcionamento daquele indivíduo, sua determinação particular nas circunstâncias que o cercam, no viés da intencionalidade do desejo inconsciente. Esta é a proposta de Marcela, numa tentativa de saber de si mesma, buscando interromper seu franco processo de autodestruição.

Conclusão

O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse "amortecedor de preocupações", é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade. (Freud, 1930, *Mal-estar na civilização*, p. 97).

Conforme análise feita neste estudo com base na teoria psicanalítica, o processo adolescente é o momento em que o sujeito tem que se haver com as transformações do "invólucro corpóreo". Entretanto, não se trata apenas de um corpo que modifica-se, mas, principalmente, do fenômeno da genitalidade que desponta. Acrescente-se a isso a metamorfose psíquica que acompanha tal processo. O complexo de castração, lembrando Freud, tem fundamental importância nesta fase, pois aqui serão enfrentados os temores frente o proibido, numa situação na qual o adolescente ainda não sabe lidar com o corpo que ora se lhe apresenta. Neste ponto localiza-se com precisão a angústia do jovem. Terá que haver a desvinculação das figuras parentais, esteio necessário porém conflitivo em seu prolongamento: o adolescente precisa buscar fora do registro incestuoso a orientação para seu sexo, na vertente exogâmica, organizando-se sexualmente, portanto. Esta crise pela qual passa o adolescente pode ser vista como um elemento entre o abandono do paraíso infantil e o terror do desconhecido porvir.

Movido pela sexualidade e pela ambivalência, é que o sujeito estrutura-se psiquicamente. Precisa renunciar à intenção de plenitude oriunda da junção narcísica com a mãe, sendo que, no dinâmico processo edípico, entre o desejo da mãe e o da criança, insere-se a função da separação, dividindo a célula narcísica e liberando o sujeito para a vida. Com o direcionamento da pulsão no sentido da genitalidade, dá-se

a organização sexual do sujeito, sempre através do contato com os pais ou aqueles que exerçam a função parental. A dificuldade em tal acontecimento psíquico, talvez tenha como embrião a necessidade de destruir os pais idealizados da infância. Todavia, mesmo com a dor decorrente de tal processo, o jovem tem que se decidir entre dois caminhos: ou sustentar-se alienado ao ideal de plenitude narcísica, ou sair deste aprisionamento, integrando-se à vida adulta. Estas duas posições envolvem uma ampla complexidade, engendrando dificuldades de ordem constitutivas, o que traz uma série de transtornos comuns à adolescência, que são normalmente confundidos com patologias.

↳ Em primeiro lugar, desvincular-se do ideal narcísico alienante pressupõe a entrada na cultura e a renúncia à plenitude. Por outro lado, a todo instante o indivíduo é instado a entrar numa demanda narcísica, se lembrarmos de nossa "sociedade do espetáculo", conforme palavras de Debord, ou então, da "cultura do narcisismo" de Lasch. A todo instante o sujeito é convocado, tanto pela realidade externa, quanto pelas circunstâncias internas, a retornar aos ideais plenos da infância, sendo que, especificamente, a adolescência sofre as exigências de atingir os ideais da cultura na modernidade. Nesta, exige-se do sujeito os ideais de beleza, perfeição, *glamour*, impossíveis de serem atingidos, mas cobrados por cada produto ofertado como o objeto da felicidade. Assim, podemos compreender a angústia vivida pelo adolescente, por ser vulnerável e incessantemente convocado a atingir tais ideais.

Em segundo lugar, citamos a dificuldade de pais e filhos, no momento em que o adolescente rompe com as figuras parentais, mas segue precisando de seu aval em seu processo identificatório. Estes são agentes estruturantes do eu, que devem dar contenção às intransigências das demandas pulsionais. Neste sentido, os pais ou substitutos em suas funções são importantes, muito mais pelo que fazem à vista do filho, do que pelo que apregoam, num discurso flácido adquirido, muitas vezes, no vazio das ofertas da sociedade de consumo: a felicidade instantânea e permanente. Como a família não permanece imune aos desgastes da crise adolescente, precisa elaborar o luto por esta infância que está de partida; isto significa que o casal parental se vê frente às próprias perdas, de modo que tem que enfrentar seu próprio envelhecimento. Os atritos são constantes e as dificuldades renascem a cada momento, denunciando uma ambigüidade específica deste processo: paradoxalmente, o filho demanda proteção e controle, ao mesmo tempo que anseia pela independência.

Neste momento é que, muitas vezes, os pais desistem e abandonam a luta de exercer suas funções.

Diante de tais circunstâncias admitimos a preponderância de um sintoma adolescente — que transcende o desconforto e a inquietude promovidos pelas mudanças corporais —, caracterizando uma crise momentânea. Este sintoma, porque apresenta características cambiantes tal como o dinamismo psíquico, permite uma mobilidade que transforma os conflitos em pretextos para as modificações vindouras. O fim da bissexualidade infantil apontada por Knobel, ou do auto-erotismo marca o advento da relação com o outro sexo, rompendo com a paz paradisíaca da infância, onde estava presente um estado de não dissociação com o outro. Ali tudo era possível e saciado, numa plenitude que se dissolve assim que o sujeito rompe com este prazer pleno. Portanto, podemos classificar a adolescência como um fenômeno tridimensional: apresenta uma particularidade biopsicossocial, encampando a puberdade com seu processo corpóreo, as mudanças psíquico-sexuais, e a questão sociofamiliar, numa trilogia composta de elementos que definem a sintomatologia do jovem.

Se pensarmos na adolescência, relacionando-a com a modernidade, temos a imediata associação com o consumismo, como declara Melman (2000), sem hesitar em afirmar que o sexo se acopla a este pacote de prazeres, assim como um direito do consumidor. Mas o sexo ainda não está propício aos incômodos gerados na relação com o outro; o sexo ainda espera o encontro com a plenitude narcísica. Assim, o consumismo relaciona-se diretamente com o sintoma adolescente na medida em que, adeptos desta sociedade de consumo, os jovens buscam minimizar suas angústias. Consumir drogas anestesia, enganosamente, a dor oriunda dos conflitos, negando-se com isto a perda de um estado apaziguado da infância, na tentativa de evitar as complicações adolescentes da sexuação. Portanto, usar drogas pode ser um mecanismo utilizado pelo jovem para responder às demandas de um sexo que recém deixou de ser auto-erótico, mas que ainda não direciona-se ao encontro da alteridade.

A sociedade de consumo começou a ganhar força no início do século XX, tendo como avatar a fé na ciência, no industrialismo. No entanto, levava o embrião do que se transformou no império do narcisismo hedonista contemporâneo, marcado por um acentuado individualismo — a sociedade se transforma e prevalece o culto ao corpo e à juventude eternos, interessando apenas a busca do prazer imediato e permanente. Os acontecimentos mundiais são noticiados imediatamente, deixando antigas as informações que ainda são recentes: ocorre uma saturação informativa que finda

trazendo uma indiferença ao sujeito, fomentando o individualismo que hoje vivemos. Assim configura-se a sociedade de consumo, com sua hegemonia, enganando o vazio com a rápida e descartável sedução dos objetos — há a primazia destes, que por sua vez são destinados a uma obsolescência acelerada. O sujeito, nesta conjuntura, não podendo estar diferente torna-se esvaziado pela inflação de seu investimento em imagens, em imediatismos cambiantes, tornando-se, muitas vezes, perdido. Solicitado em excesso, mostra-se vulnerável, fragilizado, alguém que está "proibido" de viver o vazio intrínseco à condição humana. Conseqüentemente, a morte, a impossibilidade de satisfação do desejo, a diferença de sexos, as idealizações e frustrações, as limitações, em suma, tudo aquilo que caracteriza o sujeito como portador de uma falta, é camuflado por um vazio narcísico, prestes a ser sempre preenchido pelas próteses ou pelos objetos oferecidos pela sociedade conformista do consumo. Podemos concluir, então, que a droga parece ser um curinga, consumida pelos indivíduos para aplacar seus males e suas múltiplas inquietações.

Neste processo, o homem da modernidade constrói artefatos que, por excelência, enganam a falta proteticamente. O objetivo constitui-se em consumir objetos que, de maneira efêmera, garantam a obturação do vazio. A droga, no entanto, ao funcionar como o artefato que proporciona a auto-satisfação narcísica, traz a reboque a autodestruição, nas repetidas tentativas do sujeito, denunciando a impossibilidade de o desejo ser satisfeito. Aqui inscreve-se uma questão no que se refere à problemática da adolescência, pois o jovem é o sujeito frágil e vulnerável por sua jornada rumo à independência. Não seria este o sujeito mais suscetível aos engodos de uma sociedade moderna e consumista, que encontra na droga possíveis saídas para suas angústias? Não seria ele o alvo que contém todos os quesitos para encontrar na droga o protótipo para a solução de seus males? Este que "precisa" da transgressão para contestar a lei e negar o proibido, da música alta para calar os clamores corporais, do sexo para reforçar a afirmação da auto-sedução narcísica, do consumo de objetos para supor-se completo e da droga para, numa tacada final, anestesiá-lo tudo aquilo que continua dolorido, apesar dos esforços.

Incluída nesta situação complexa e caótica pelas rápidas transformações dos referenciais de valores morais e éticos, está a instituição família, em crise reflexiva pelas alterações sociais. O declínio da função paterna, como discutido anteriormente, faz parte da organização familiar, social e psíquica do homem contemporâneo. O pai, enquanto função, é quem vai ensinar ao filho a respeitar os limites para que este possa

ter acesso à satisfação. Entretanto, a função paterna encontra-se enfraquecida, num mundo em que não há tempo para se respeitar limites, pois somos todos obrigados a altas velocidades, instados, pois, a transgredir constantemente.

Vivendo dificuldades referentes à problemática parental, o adolescente pode não encontrar caminho melhor do que militar na drogadicção. Fusionado com o objeto primeiro e portanto não renunciando à plenitude, o usuário pesado de drogas perde sua identidade, passando a fazer parte de uma massa anônima de adictos. Através do grupo de pares, poderá encontrar meios de evitar a temerosa vivência de dessimbiotização, e, com o anestesiamento fornecido pela droga, camufla a dureza da realidade e anuvia as diferenças. No vazio do referencial paterno, entra a droga que unifica, tomando proporções de deidade e idolatria, como aquela em que se depositam os ideais narcísicos. Absolutamente dependente, o jovem drogadicto, na verdade, repudia sua situação de distância e falta de orientação paternas, o que causa um aumento no sentimento de desamparo, aquilutado pelas exigências pulsionais, culturais e do supereu.

O homem sempre pretendeu ter domínio absoluto sobre as contingências da vida; porém, o sujeito não sabe de si mesmo, segundo as afirmações do mestre da psicanálise. Está longe de qualquer pretensão de domínio sobre a vida psíquica, pois haveria determinações inconscientes conduzindo o sujeito em seu destino. Estava questionada a noção de consciência, que desconsiderava o valor dos sonhos, da fantasia e do simbolismo com suas especificidades, reais elementos constituintes do ser humano — o homem perde, nesta compreensão, o domínio que acreditava ter de si próprio. Não pode controlar o porvir, as adversidades e os infortúnios de sua própria vida, muito menos a finitude. Como alertou Freud, em essência, o homem sofre e busca continuamente evitar seu padecimento. Acontece que, no mundo contemporâneo, altamente tecnológico, a ciência busca de uma maneira incessante encontrar meios de prometer o fim da angústia humana. Se não o fim, o mínimo de dor existencial, na ilusão de findar os sofrimentos psíquicos. Assim, o homem contemporâneo é ancorado por uma série de aparatos, como numa obra surrealista, figurando como um ser sustentado por próteses, onde quer que haja marcas ou imperfeições. Nesta circunstância, a farmacologia engendra um mercado que promete erradicar este mal-estar psíquico. Encontra terreno fértil para suas múltiplas descobertas, fomentando a busca da felicidade do deprimido homem da modernidade. A neurobiologia vem preparar o campo para curas rápidas, agindo diretamente sobre

os sintomas com os medicamentos, já que parece associar funcionamento cerebral com distúrbios psíquicos.

↘ Inegavelmente, ou melhor, podemos até dizer que de maneira alarmante, a drogadicção vem expandindo-se mundialmente, pois é o recurso mais imediato de anestesiamiento das angústias do sujeito. A sociedade marcada pelo culto à performance aprimora-se nas exibições narcísicas, numa essencial emancipação do corpo, ou seja, na exterioridade do sujeito, em detrimento dos valores pessoais. Fumar, beber, cheirar e picar-se são conjugações eivadas de elementos que garantem um enaltecimento ao eu, marcado pela angústia e pelo desejo intrínsecos. Se não ocorrem estas conjugações, de modo disfarçado encontramos outros apelos do ser humano: utilizar-se de tranqüilizantes, antidepressivos que eliminem o drama interno. Está posto que a depressão é um mal que acomete a sociedade democrática, assim como a drogadicção, epidemias modernas e pós-modernas que são cercadas de ofertas que prometem satisfazer o consumidor atônito em busca das mercadorias mais cobiçadas para sanar seu mal. Neste viés proliferam as terapias alternativas, que também prometem cura rápida e eficaz para os problemas psíquicos. Contudo, o homem continua insatisfeito. Por outro lado, a medicina, com seu aparato tecnológico, desconsidera a questão do desejo, limitando-se, em sua cientificidade, a valorizar aquilo que pode ser mensurável, através de teses e antíteses, dosagens, como se estes procedimentos dessem conta do produto do inconsciente, que emerge através de uma linguagem que está referida ao desejo, antes de se tornarem sintomas orgânicos. Não se trata, absolutamente, de negar o valor da medicina com suas descobertas e avanços, que, entretanto, ignora a natureza psíquica da condição humana na maioria das vezes.

De modo diverso, a compreensão psicanalítica do sujeito considera-o submetido ao inconsciente, não fugindo à determinação deste e considerando a morte, o sexo e a proibição como conflitos constitutivos do eu. A psicanálise se propõe, contrariamente às neurociências, a buscar as causas do sofrimento humano, o porquê da depressão, da angústia, da fobia e, com apropriação, da dependência às drogas. Localiza-se na contramão do positivismo, da tecnocracia; está fora dos parâmetros de eficácia, que sedimenta uma cultura narcísica. Portanto, a psicanálise pretende-se distante do individualismo alienante e aponta para a importância da alteridade, valorizando a ética.

A psicanálise se propõe, então, a tratar do drogadicto, um sujeito em seu fechamento narcísico por excelência, não prometendo jamais curá-lo da essência da

condição humana, ou seja, de seu inerente mal-estar. Ao mesmo tempo, a noção de inconsciente rompe com as concepções da psicologia do comportamento, pois a psicanálise considera que o sujeito não pode alienar-se na consciência. Freud, em sua teoria, considera o ser humano livre com restrições, mas construtor de sua significação. Desta maneira, podemos questionar as formas de tratamento da drogadicção que se propõem a retirar o objeto de dependência — a droga — para substituir por outro objeto, protético e apaziguador. Tais formas de tratamento não consideram a presença do inconsciente e, muitas vezes, reduzem o funcionamento psíquico a um processo cerebral. Não se trata de declarar uma supremacia psicanalítica, mas ressaltar uma diferenciação radical de princípios e abordagens no que diz respeito ao ser humano, principalmente porque Freud sempre afirmou que a psicanálise não se pretende universal.

As soluções altamente tecnológicas da modernidade, obviamente, não deram conta de eliminar o desamparo psíquico inerente à condição humana. A busca da felicidade continua e, paralelamente, flagramos o retumbante sucesso da farmacologia e do uso crescente dos psicotrópicos. Entretanto, não se pode deixar de mencionar que no decorrer das últimas décadas, além de ocorrer um aumento do número de usuários de drogas lícitas e ilícitas, de modo inversamente proporcional parece diminuir a idade dos usuários. O jovem, muitas vezes sem perspectivas, não suporta a dura realidade socioeconômica em que vive — não tem objetivos nem projetos para o futuro. Porém, apenas alguns, não a maioria, recorrem ao alívio ilusório da drogadicção, deixando evidente o caráter singular do psiquismo.

Com sua estrutura teórica, a psicanálise pretende enunciar o sintoma do adicto em seu sofrimento alienante. Contrariamente, existem os tratamentos que propõem tão somente permutas nesta alienação, utilizando-se de recursos protéticos que mantêm intacta a causa particular que levou o sujeito à drogadicção. Ora, a psicanálise é uma prática teorizada que demanda reformulações em seu aparato clínico, preservando porém, suas regras fundamentais. Muitas vezes, inicialmente, o tratamento analítico pode assemelhar-se a uma psicoterapia, por ser necessária uma atitude de acolhida do analista, uma proximidade que, no entanto, deve sempre resguardar os princípios da técnica. Posteriormente e aos poucos, de acordo com Olievenstein, precisa-se trazer o tratamento para acercar-se daquilo que entendemos, estritamente, como enquadre psicanalítico. Portanto, a psicanálise pode e deve direcionar-se ao drogadicto, tratando-o como o representante máximo de uma cultura de adictos, que dependem de objetos

que dêem conta de torná-los poderosos, vencedores e livres das angústias, mesmo que ilusoriamente — o sujeito da modernidade. Este precisa *fer* para *ser*, conforme mencionado no curso deste estudo, precisa do eu inflacionado para obter a atenção de todos, propagando sua importância baseada na exterioridade e acreditando, com isso, numa plenitude sem dores e sofrimentos. Tal clínica considera, antes, tocar numa das mais difíceis questões humanas — a relação interpessoal, no incômodo do encontro com o outro, separado e diferente. A questão psicanalítica pressupõe a admissão da linguagem do desejo inconsciente, intencional e singular, portadora de um simbolismo que poderá ser revelado numa clínica que desconsidera soluções alienantes e protéticas.

Referências Bibliográficas

- Aberastury, A., e col. (1983) *Adolescência*. Porto Alegre, Artes Médicas, 6. ed., 1990.
- Arantes, E. (2000) *Envolvimento de Adolescentes Com o Uso e o Tráfico da Drogas no Rio de Janeiro*. Cadernos Prodeman de Pesquisa, nº 1, UERJ, Rio de Janeiro, 2000.
- Ariès, Philippe (1973) *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- Bauman, Z. (1998) *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.
- Birman, Joel (1999). *Mal-Estar na Atualidade: A Psicanálise e as Novas Formas de Subjetivação*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.
- Bucher, R. (1992) *Drogas e Drogadição no Brasil*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992. *
- Byck, R. (org.) (1989) *Freud e a Cocaína*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1989.
- Canclini, N. (1999) *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1999.
- Carreiro, T. (2001) *Tráfico de Drogas e Cotidiano Urbano no Rio de Janeiro: da lógica do controle social paternalista autocrático à subjugação despótica*. In: Araújo, J. N. (org.) *Figura Paterna e Ordem Social*. Belo Horizonte, Autêntica/PUC Minas, 2001.

Conte, M. (1995) *Os Efeitos da Modernidade: o consumo de álcool, drogas e ilusões*. In: *Psicanálise em Tempos de Violência*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, ano VI, nº 12, 1996.

Debord, G. (1997). *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

Escohotado, A. (1996) *Historia Elemental de las Drogas*. Barcelona, Anagrama, 1996.

Frágola, A. (1996) *Adolescencia e Drogadicción*. In: Frágola, A., y Musacchio de Zan et al. *Drogadicción*. Buenos Aires, Paidós, 1996.

Freda, H. (1995) S.N.C. In: Inchaurreaga, S. *Drogadependencias — Reflexiones Sobre el Sujeto y la Cultura*. Argentina, Homo Sapiens, 1996.

Freitas, L. A. (1997) *As Identificações na Obra de Freud*. Biblioteca de Psicanálise. Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, Rio de Janeiro, 1997.

_____ (1997) *Adolescência, Família e Drogas*. In: *Saúde, Sexo e Educação*. Revista do Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação. Rio de Janeiro, IBMR, 1997.

_____ (2001) *Adolescência, Família e Drogas: A função paterna e a questão dos limites*. Tesis de Magister en Prevención y Asistencia de las Drogadependencias. Instituto de Drogadependencia. Universidad del Salvador Buenos Aires, 2001.

_____ (2001) *Psicanálise e Toxicomania*. In: *Pulsional Revista de Psicanálise*, ano XIV, nº 149. São Paulo, Escuta, 2001.

Freud, S. (1884) *Correspondência de Amor e outras cartas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

_____ (1912). *A Dinâmica da Transferência*. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, v. XII, 1969.

_____ (1913) *Sobre o início do Tratamento*. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, v. XII, 1969.

_____ (1912-13) *Totem e Tabu*. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, v. XIII, 1974.

_____ (1917) *Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise*. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, v. XVII, 1969.

_____ (1920) *Além do Princípio do Prazer*. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, v. XVIII, 1976.

_____ (1921) *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, v. XVIII, 1976.

_____ (1930) *Mal-Estar na Civilização*. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, v. XXI, 1974.

_____ (1937) *Análise Terminável e Interminável*. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, v. XXIII, 1975.

Garcia, C. (1999) *Toxicomania e a Busca de Felicidade na Sociedade de Consumo*. Mimeo. PUC/RJ, 1999.

Gurfinkel, D. (1993) *Introdução a uma abordagem psicanalítica da questão das drogas na adolescência*. In: Rappaport, C. R. *Adolescência*. São Paulo, E.P.U., 1993.

_____ (1995) *A Pulsão e seu Objeto-Droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania*. Petrópolis, Vozes, 1995.

Inem, C. e Baptista, M. (1997) *Toxicomanias: uma abordagem clínica*. Rio de Janeiro, Nepad/UERJ, Sette Letras, 1997.

_____ (1997) *Toxicomanias: uma abordagem multidisciplinar*. Rio de Janeiro, Nepad/UERJ, Sette Letras, 1997.

Jameson, F. (1993) *O Pós-Modernismo e a Sociedade de Consumo*. In Kaplan, A. *O Mal-Estar no Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.

Kalina, E. (1999) *Drogadição Hoje: indivíduo, família e sociedade*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.

Knobel, M. (1983) *A Adolescência e o Tratamento Psicanalítico de Adolescentes*. In Aberstury, A. *Adolescência*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

Kusnetzoff, J. C. e Groisman, M. (1984) *Adolescência e Saúde Mental*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.

Lasch, C. (1986) *O Mínimo Eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

Lima Freitas, A. (1997) *A Falta Que Ele Faz: considerações sobre a função paterna e o uso de drogas*. In: Saúde, Sexo e Educação. Revista do Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação. Rio de Janeiro, IBMR, 1997.

_____ (1998) *O Uso de Drogas e a Violência na Família*. Trabalho apresentado em painel no Congresso Internacional Multidisciplinar de Drogadependência, Porto Alegre, 1998.

_____ (2001) *Declínio da Função Paterna e Toxicomania*. Trabalho apresentado no VI Fórum Brasileiro de Psicanálise, Rio Grande do Sul, 2001.

Marinho, L. C. (1995) *Reflexões Sobre as Relações entre o Consumismo, o Narcisismo e o Exercício da Clínica*. In: Cadernos de Psicanálise, 17, (9), Rio de Janeiro, CPRJ, pp101-108.

Mayer, H. (1997) *Adicciones: un mal de la posmodernidad*. Buenos Aires, Ed. Corregidor, 1997.

Melman, C. (1992) *Alcoolismo, Delinquência, Toxicomania: uma outra forma de gozar*. São Paulo, Escuta, 1992.

_____ (1999) *Entrevista com o Psicanalista Francês Charles Melman*. In: O Adolescente e a Modernidade. Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2000.

Miller, J.-A. (1987) *Entrevista sobre a Direção do Tratamento — a Jorge Forbes*. Clínica Lacaniana, Publicação de Psicanálise da Biblioteca Freudiana Brasileira, nº 2, pp. 83-100 (1987).

Morel, A. et all (1998) *Cuidados ao Toxicodependente*. Lisboa, Climepsi, 1998.

Nogueira Filho, D. M. (1999) *Toxicomanias*. São Paulo, Escuta, 1999.

Olievenstein, C. (1985) *Destino do Toxicômano*. São Paulo, Almed, 1985.

_____ (1989) *A Clínica do Toxicômano*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

_____ (1998) *Dependencia Toxicomaniáca*. In: Revista de Psicoanálisis com niños y adolescentes, nº 11, Buenos Aires, 1998.

Pellegrino, H. (1987) *Pacto Edípico e Pacto Social*. In: Py, Luiz A., Grupo Sobre Grupo. Rio de Janeiro, Rocco, 1987.

Pinheiro, M. L., e Moura, M. C. (1999) *Adolescência: sintoma da modernidade*. In: O Adolescente e a Modernidade. Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2000.

Procópio, A. (1999) *O Brasil no Mundo das Drogas*. Petrópolis, Vozes, 1999.

Rito, L. (1993) *Adolescência, um lance que rola*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

Roudinesco, E. (2000) *Por que a Psicanálise?* Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

Salgado, C. A. (1994) *Psicoterapia de Adolescentes com Problemas com Álcool ou outras Drogas*. In: Graña, R. Técnica Psicoterápica na Adolescência. Porto Alegre, Artmed, 1994.

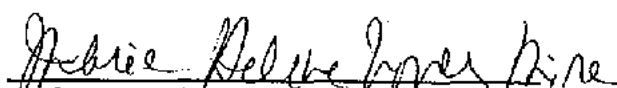
Saraiva, J. E. (1998) *Prazer do Consumo ou Consumo do Prazer? Erotismo e Impulsividade na Cultura do Consumo*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, PUC/RJ, 1998.

- Simmel, G. (1967) *A Metrópole e a Vida Mental*. In: O Fenômeno Urbano. Velho, G. (org.), Rio de Janeiro, Zahar, 1967.
- Sinatra, E. (1996) *La Funcion Toxica*. In: Inchaurreaga, S. Drogadependencias — Reflexiones Sobre el Sujeto y la Cultura. Argentina, Homo Sapiens, 1996.
- Sissa, G. (1999) *O Prazer e o Mal: filosofia da droga*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.
- Valdré, R. (1998) *Experiencia Psicoterapêutica en Adolescentes com Toxicomanias de Extasis*. In: Revista de Psicoanálisis con Niños y Adolescentes. Buenos Aires, 1998.
- Velho, G. (1993) *Dimensão Cultural e Política do Mundo das Drogas*. In: Inem, C. (org.). Drogas: Uma Visão Contemporânea. Nepad/UERJ. Rio de Janeiro, Imago, 1993.
- Winnicott, D. W. (1951) *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais*. In: Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro, Imago, 2000.
- _____ (1952) *Psicoses e Cuidados Maternos*. In: Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro, Imago, 2000.
- _____ (1971) *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- Zomig, S. (1998) *O Adolescente e a Modernidade*. Congresso Internacional de Psicanálise e Suas Conexões. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 1998.


Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Maria Magdalena Gonzalez de Andrade, intitulada **"Adolescência e consumo de drogas: Uma abordagem psicanalítica"**, e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof. Junia de Vilhena
(Orientadora) PUC-Rio

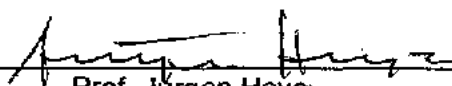


Prof. Maria Helena Novaes Mira
PUC-Rio



Prof. Luiz Alberto Pinheiro de Freitas
IBMR

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 20.12.1 2001.



Prof. Jürgen Heye

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas